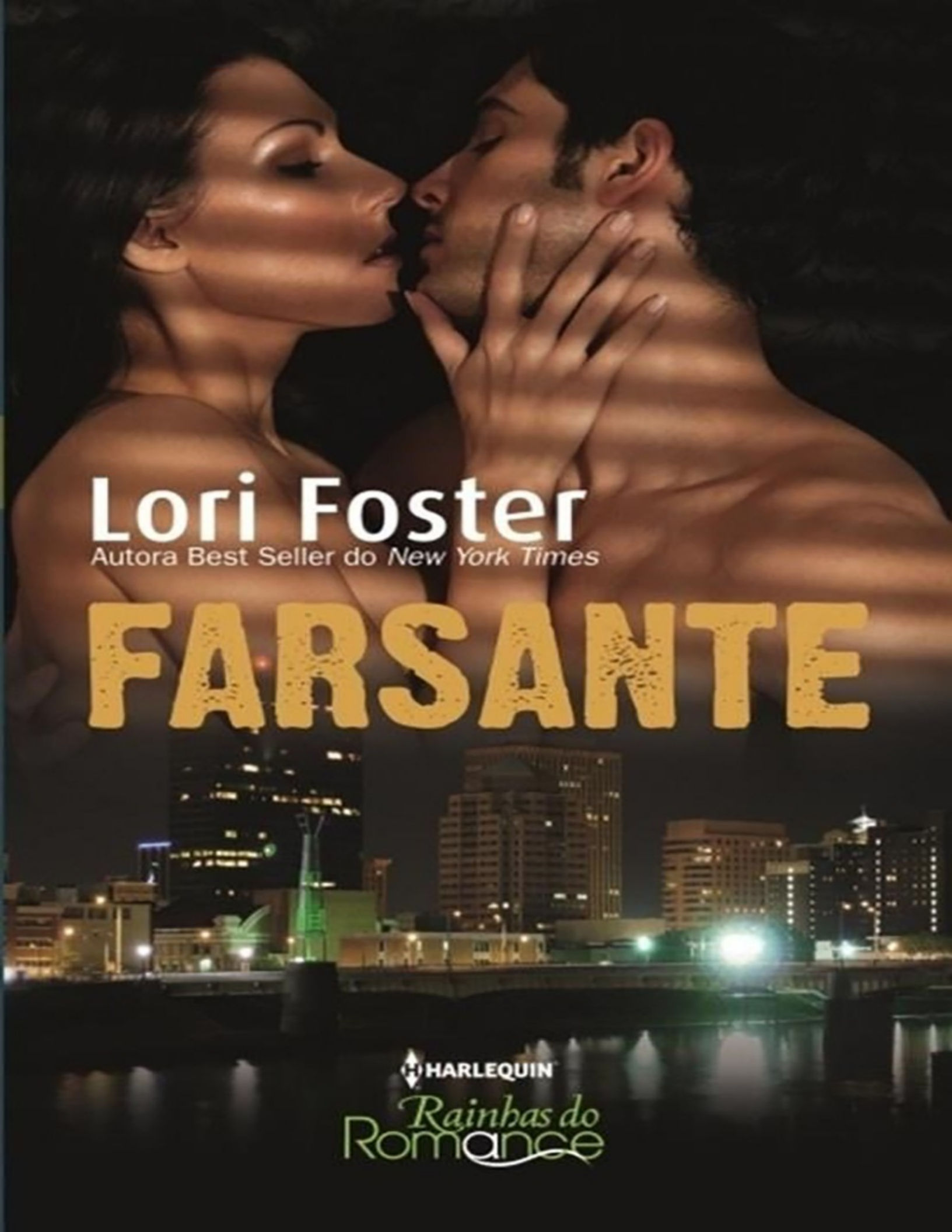

Lori Foster
Autora Best Seller do New York Times
FARSANTE
HARLEQUIN
Rainhas do Romance

FARSANTE

Lori Foster



O investigador Dane Carter assumiu a identidade de seu irmão gêmeo para encontrar seu assassino. Angel Morris, a mulher que seu irmão havia traído, era sua principal suspeita, e agora Dane colocaria sua confiança à prova mais uma vez... ao fazê-la se apaixonar.

Tradução Oliveira Jr.

HARLEQUIN
B O O K S
2010

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.
Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: BEGUILED!
Copyright© 1999 by Lori Foster Originalmente publicado em 1999 por Harlequin Temptation
Título original: WANTON
Copyright © 1999 by Lori Foster Originalmente publicado em 1999 por Harlequin Temptation
Arte-final de capa: Isabelle Paiva Editoração Eletrônica: ABREU'S SYSTEM
Tel: (55 XX 21) 2220-3654/2524-8037
Impressão: RR DONNELLEY
Tel: (55 XX11) 2148-3500
www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S/A
RuaTeodoro da Silva, 907
Grajaú, Rio de Janeiro, RJ - 20563-900
Para solicitar edições antigas, entre em contato com o DISK BANCAS: (55 XX 21) 2195-3186
Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171,4º andar São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ - 20921-380
Correspondência para: Caixa Postal 8516
Rio de Janeiro, RJ - 20220-971

Aos cuidados de Virgínia Rivera
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

PRÓLOGO

O VENTO INCLEMENTE lançava flocos de neve na nuca de Dane Carter, fazendo-o tremer de frio. Levantando a gola e metendo as mãos no fundo dos bolsos do casaco, resistiu ao impulso de tocar a lápide. A sepultura estava coberta por um manto branco, dando-lhe uma aparência de pureza, mas ele se recusava a ser iludido.

Não estivera no sepultamento, e isso fora há mais de quatro meses. Seus parentes ficaram indignados, mas como jamais o perdoariam por suas transgressões anteriores, uma a mais ou a menos não faria diferença. Exceto para o próprio Dane.

Seu rosto estava contraído, não devido ao frio cortante, mas ao esforço de reprimir as emoções. A morte do irmão gêmeo era uma realidade dura que ele precisava aceitar. Era a perda da melhor parte de si mesmo, embora nos últimos tempos ele e Derek não tivessem mantido muito contato. Fazia tempo que Dane estava afastado tanto da família quanto dos negócios. Aceitava propositalmente casos que o mantinham longe da cidade o maior tempo possível.

Embora sua agência de investigação ficasse a apenas uma hora de distância, Dane não fora encontrado no momento em que seu irmão mais precisara.

Todos pareciam aceitar que a morte de Derek fora um acidente, e queriam apenas manter a notícia longe da imprensa para evitar pânico entre os acionistas. Mas não Dane. Ele tinha faro para intriga, e as coisas haviam começado a cheirar realmente mal. Era apenas um palpite, mas seu instinto tinha lhe valido muitos anos de sucesso como detetive particular, carreira que iniciara ao abandonar os negócios da família nas competentes mãos do irmão gêmeo.

Agachando, Dane enfiou uma das mãos através da neve até tocar o solo.

— O que aconteceu, Derek? Sabe, você me pregou uma peça

muito cruel. Nunca quis isto, nem a companhia nem estar perto de nossa família. Você deixou muitas pontas soltas, irmão.

O vento uivou, numa resposta vazia. Dane recolheu a mão e a aproximou do rosto para esquentar os dedos com a respiração.

— E quanto à sua ex-namorada, a tal Angel Morris? Li uma carta que ela escreveu para você. Tudo indica que Angel não sabe que você está morto e quer prosseguir de onde vocês pararam. Sabe, acho que vou fazer a vontade dela.

Embora fosse avesso a uma farsa como essa e suas conseqüências, Dane precisava investigar a situação a fundo. Segundo as informações que obtivera, Derek saíra regularmente com Angel Morris até a incorporação da empresa na qual ela trabalhara. Derek usara informações que Angel lhe fornecera para facilitar a incorporação, e ela fora demitida por isso. Angel tivera motivos suficientes para odiar Derek, e ele, certamente, merecera tal sentimento. Contudo, agora, depois de tanto tempo, queria voltar a vê-lo. Dane precisava considerar que talvez Angel tivesse pensado que Derek estava morto, mas agora, ao saber de seu retorno miraculoso, decidiu ter assuntos a resolver.

Para o mundo exterior, Derek Carter ainda estava à frente dos negócios. Umas poucas pessoas de confiança sabiam a respeito de sua morte. A família decidira que seria melhor Dane ocupar o lugar por algum tempo. Se ele fingisse ser Derek, ninguém iniciaria rumores a respeito de uma companhia sem líder ou uma família envolvida num escândalo. A bem da verdade, Dane não sabia qual das duas possibilidades irritava mais sua mãe. A companhia era sua vida, e o nome de Carter era sagrado em sua mente. Ela não queria que nenhum dos dois fosse prejudicado.

E se Derek tinha sido assassinado, se o acidente — conforme Dane temia — não tinha sido realmente um acidente, o caso chegaria aos jornais. Mas não era por causa disso que Dane concordara em retornar e assumir o lugar do irmão. Queria a verdade, por mais dura que fosse. E iria descobri-la.

Se Angel sabia de algo, se estava envolvida, de algum modo, com a morte de Derek, mesmo que indiretamente, Dane iria descobrir. Podia estar afastado de seus familiares, mas sabia ser tão implacável quanto todos eles.

Meneou a cabeça.

— Vou me encontrar com Angel amanhã cedo, longe da família, como ela mesma insistiu — disse Dane ao irmão morto. — Depois volto para lhe contar tudo.

Com essa banal despedida virou-se e atravessou o cemitério coberto de neve até a estrada. Ali estava seu carro, com o motor ligado, oferecendo calor, mas não paz de espírito.

Paz de espírito? Dane Carter não conhecia nada parecido com isso desde que se afastara da família, apesar do que dizia a eles e a si mesmo. Talvez essa Angel, se ela não fosse uma inimiga, pudesse ser uma agradável distração de seus problemas. Afinal, seu irmão sempre tivera bom-gosto para mulheres.

CAPÍTULO UM

ANGEL TENTAVA normalizar a respiração e aparentar calma, mas seu coração se recusava a bater mais devagar.

Estava odiando isto. Afinal, jurara a si mesma não voltar a falar com esse homem depois do último encontro, quando ele a rejeitara de forma humilhante e devastadora. Mas lhe restavam poucas opções.

Com sua caixa de sapatos enfiada debaixo do braço e uma das mãos na parede para se apoiar, caminhou pelo corredor até o escritório de Derek. Ainda se sentia desajeitada sem as muletas, mas sabia que não convinha demonstrar qualquer tipo de fraqueza. Quando alcançou a porta aberta, empertigou os ombros, forçou um sorriso e tentou caminhar com a maior suavidade possível.

Derek estava sentado atrás da escrivaninha, à cadeira meio virada de modo a poder Observar pela janela o tráfego daquela manhã de sábado. O resto do prédio, com exceção dos guardas de segurança estava vazio, exatamente como ela planejara.

Ainda era lindo, tão atraente fisicamente quanto sempre, mas agora parecia um pouco desleixado, desgrenhado. Angel gostava mais desse visual que o de empresário urbano que ele geralmente adotava. Ela só o vira tão relaxado assim depois que eles tinham feito amor.

Quando esse pensamento lançou uma rajada de calor através do seu coração, Angel pigarreou para anunciar sua presença.

Derek empurrou a cadeira para trás e levantou os olhos para ela, fazendo-a congelar de imediato. Até seus batimentos cardíacos pareceram estremecer e morrer. Ele moveu apenas os olhos enquanto a examinava muito lentamente até o mais ínfimo detalhe, como se jamais a tivesse visto antes e como se precisasse registrá-la em sua mente. Então, seus olhos se encontraram, e se engataram. Por dolorosos instantes

permaneceram assim, a intensidade do olhar de Derek fazendo-a tremer dos pés à cabeça. O peito de Angel subia e descia enquanto ela tentava lidar novamente com o impacto dessa reação tão inesperada. Não devia ter acontecido; ela não se importava mais, não se encantava mais. A paixão já desaparecera havia muito tempo, mas com uma mecha de seus lisos cabelos castanhos caída na testa, e as mangas da camisa enroladas, Derek parecia mais humano do que nunca. Seu olhar parecia mais vivo, dourado como o de uma raposa. Angel apertou com mais força a caixa de sapatos, usando-a como lembrança de seu propósito.

Alguma emoção indiscernível cruzou o rosto de Derek, que finalmente se levantou.

— Angel. — Sua voz soou baixa e grave.

Derek não desviou os olhos dos de Angel enquanto contornava a escrivaninha. Sentindo-se acuada, recuou um passo, o que efetivamente interrompeu sua aproximação. Derek levantou uma sobrancelha escura numa expressão aturdida.

Idiota. Ela não queria revelar seu nervosismo e afugentá-lo. Isso não iria lhe valer de nada. Tentou sorrir, mas ele não reagiu. Agora se aproximou mais devagar, observando-a com cautela.

— Pode me dar seu casaco?

Angel fechou os olhos, tentando dispersar a névoa de emoções que a envolvia. Quando voltou a abrir os olhos, descobriu que ele estava ainda mais próximo, observando-a, examinando suas feições. Derek levantou abruptamente uma das mãos, o que a fez prender a respiração, mas seus dedos apenas tocaram gentilmente a face de Angel.

— Você está fria — disse com suavidade. Então, recuou um passo. — Aceita uma xícara de café?

Angel fez que sim, aliviada pela natureza da oferta.

— Obrigada. Café parece uma ótima idéia. — Avançando alguns passos pousou a caixa de sapatos na beirada da escrivaninha e tirou o casaco, ciente de que ele ainda a olhava enquanto pegava duas xícaras de uma bandeja.

— Você parece diferente — Angel não se conteve em dizer.

Derek fez uma pausa, é então retornou à sua tarefa.

— Mesmo? De que maneira?

Com uma das mãos sobre a caixa de sapatos, ela usou a outra para indicar suas roupas.

— Nunca vi você vestido casualmente antes. Além disso, nunca me ofereceu café. Geralmente você...

Derek a interrompeu, oferecendo-lhe uma caneca fumegante.

— Sim, eu sei, costumo deixar as tarefas domésticas para as mulheres. — Derek deu de ombros, brindando Angel com aquele lindo sorriso que podia derreter gelo até mesmo num dia frio como este. — Mas você insistiu que não deveria haver mais ninguém aqui hoje, de modo que tenho de recorrer aos meus próprios recursos. Ou eu fazia o café, ou ficávamos sem.

Angel se remexeu, inquieta.

— Você sabe por que eu não queria mais ninguém aqui. Sua família faria perguntas se nos visse juntos.

Derek assentiu devagar.

— É verdade. — Então ele perguntou num tom carregado com curiosidade: — Por que está aqui, Angel?

Flertar nunca tinha sido fácil para ela, e ainda não era, principalmente agora. Angel sorriu.

— Senti saudades de você, claro. E você? Não sentiu nem um pouquinho falta de mim?

Derek a fitou por um longo momento, e então afastou cuidadosamente sua caneca.

— Com toda certeza. — Ele também pegou a xícara de Angel, colocando-a ao lado da dele, e segurou seu rosto com as mãos em concha. Estranhamente, os dedos de Derek pareceram ásperos, não macios. Além disso, estavam muito mais quentes do que ela se recordava. Derek fitou-a por um longo momento, examinando cada detalhe de seu rosto, demorando-se em sua boca enquanto acariciava seu lábio inferior com o polegar. — Mostre-me o quanto sentiu minha falta, Angel.

Era este o Derek que ela entendia, o homem que sempre colocava seus prazeres em primeiro lugar, o homem que sempre a desejara fisicamente. Isso não mudara.

Sem hesitar, surpresa com o quanto parecia aceitável a

perspectiva de beijá-lo depois de ter passado o dia inteiro com medo disso, Angel se curvou para a frente. Ele era muito mais alto do que ela, e como sua perna estava fraca demais para que pudesse ficar nas pontas dos pés, passou o braço em torno de seu pescoço e o puxou para baixo.

Quando sua boca hesitante e tímida tocou a dele, Angel sentiu que ele sorria. Manteve os olhos bem fechados, principalmente por saber que ele a estava observando, o que a fazia se sentir exposta e com medo de que adivinhasse seu plano, jazia muito tempo desde a última vez que beijara um homem, de modo que se sentia terrivelmente sem prática e nervosa. Se a necessidade não a houvesse impulsionado a isso, ela teria passado ainda muitos meses, talvez anos, sem tocar em um homem. Principalmente este.

Mas agora ela o estava tocando, e vergonhosamente, desfrutando do prazer.

Inclinando a cabeça, entreabriu os lábios apenas um pouco e o beijou de novo, desta vez com mais entusiasmo, pressionando seu lábio inferior com os dentes. Derek pareceu surpreso, e, então, exalou um longo suspiro.

— Angel?

— Beije-me, Derek. Faz tanto tempo... — disse Angel, ansiosa.

O gemido que deixou escapar revelou surpresa, quase raiva, mas assim mesmo ele a beijou. Uau! Angel respondeu ao beijo, surpresa com a reação de seu corpo à umidade e ao calor da boca de Derek. Seu corpo rijo, alto e forte pressionava o dela. Seus beijos jamais tinham sido como este, parecendo uma tempestade em seus sentidos. O coração de Angel bateu mais forte, seu ventre esquentou, seus mamilos enrijeceram, e Derek pareceu perceber tudo isso, oferecendo um suave estímulo cada vez que ela produzia um som, cada vez que se contorcia contra ele. Angel não estava sendo beijada, estava sendo devorada.

— Puxa, Angel.

— Eu sei — disse Angel, porque de algum modo tudo estava diferente, volátil. — Eu não planejei... isto.

Derek fez uma pausa, beijou seu pescoço, e então levantou o rosto para olhá-la. Sem dizer nada, levantou a mão para segurar o seio de Angel, o que a fez arfar baixo.

— Derek...

Ele a beijou de novo, com força, interrompendo seu protesto automático, e então a deslocou delicadamente até a mesa. Ali pressionou a virilha contra ela, mostrando-lhe a solidez, o comprimento, o calor de sua ereção. Angel esqueceu seus planos; não havia espaço em seu cérebro para pensamentos premeditados, não quando seu corpo subitamente parecia tão vivo de novo, reagindo a puro instinto. Agarrando as nádegas de Angel, ele a puxou ainda mais para si, embalando-a contra seu corpo. A perna dela protestou com dor, mas Angel a ignorou, tarefa fácil quando se via inebriada pelo perfume e pela força dele.

— Quanto tempo faz, Angel?

Angel curvou a cabeça para trás e cerrou os olhos, entregue às suas carícias. Com uma das mãos Derek massageava um seio; com a outra, a segurava pelas nádegas. Como Derek certamente sabia a resposta para a pergunta tão bem quanto ela, Angel se limitou a dizer: — Tempo demais.

— E você sentiu minha falta? — Ele mordiscou o lóbulo, para em seguida afundar a língua. — Por que não telefonou?

Mesmo em meio ao nevoeiro sensual, Angel percebeu a armadilha.

— Depois da forma como você agiu da última vez?

Angel estava chocada por ele ser capaz de perguntar tal coisa. Após um momento de hesitação, ele perguntou: — Como você esperava que eu agisse?

Angel enrijeceu de tensão enquanto se afastava dele.

— Não como se não se importasse! E depois da forma como traiu minha confiança! Fui demitida por sua causa, seu...

— Shhh... — Ele a beijou de novo, lenta e demoradamente, e sua mão iniciou uma trilha lenta por seu corpo, contornando sua cintura, que por sorte estava fina de novo, para parar em seu quadril. Os pensamentos e á raiva de Angel evaporaram no ar.

Angel arfava a cada centímetro que ele avançava. Derek enroscou os dedos em sua coxa, dobrando sua saia, e então se moveu de novo para cima, desta vez por baixo de suas roupas. Derek cravou os dedos em suas nádegas, assustando-a, ou melhor, chocando-a. Mas ela não se moveu, e ele também não. Angel tentou lembrar a si mesma que era por isto que ela ansiava, mas não era verdade. Cometera a estupidez de esperar muito mais.

Os dedos de Derek pareciam quentes mesmo através de suas roupas, mas estava imóvel, simplesmente segurando-a, observando-a novamente.

— Por que agora, Angel? Por que este encontro secreto? Angel decidiu que uma verdade parcial seria suficiente.

— Não houve mais ninguém além de você.

— Você precisa de um homem, que seja eu?

— Sim.

Isso também era verdade. Angel não sabia em quem confiar ou a quem temer, de modo que, para o que precisava, mais ninguém iria servir. Mas não previra uma participação tão honesta da parte dele. O corpo e a mente de Angel reagiram de forma independente. Sentia vergonha por sua reação a um homem a quem deveria odiar, mas acima desses sentimentos havia algum desejo irreprimível, engolfando-a, fazendo seu corpo inteiro vibrar. Talvez a gravidez tivesse alterado seus hormônios, ou algo assim; ela jamais sentira nada nem parecido com isto, e era maravilhoso.

Angel contraiu os lábios e cerrou os olhos. Seu corpo estava tenso, esperando, antecipando.

Trouxe lembranças do passado, os motivos que tinha para odiá-lo, para desprezar seu toque...

Derek pareceu um pouco aturdido enquanto ela gemia baixo e apertava seus antebraços. Ele a segurou firme, sua própria respiração ofegante enquanto movia lentamente a boca por sua têmpora. Em todas as suas fantasias, Angel jamais previra este cenário, permitindo-lhe tocá-la ali, com ela meio deitada em sua maldita escrivaninha, rosto apertado contra sua garganta. O coração de Derek pulsando loucamente contra o dela, Angel

agarrou seu pulso.

— Derek, não.

A voz de Angel tremeu com humilhação, o que o fez congelar por um momento.

— Shhh... — Ele abaixou a saia de Angel de volta para o lugar e se pôs a embalá-la suavemente para acalmá-la.

Angel mordeu o próprio lábio para impedir que suas lágrimas corressem, mas mesmo agora estava dolorosamente consciente do perfume e do calor que ele emanava. E agora que seu toque foi suspenso, os sentimentos deliciosos e inesperados não desapareceram; apenas diminuíram um pouco.

Angel colocou uma das mãos no peito de Derek e olhou para cima. Não sorriu, não fez perguntas. Não teve forças para olhar nos olhos dele.

— Sinto muito. Eu... eu não sei o que deu em mim.

— Por acaso estou me queixando?

Angel fez que não com a cabeça. Ele parecia estar gostando. O estranho era que, ao contrário do que Angel esperara, Derek parecia contente com isso.

— Isso nunca aconteceu antes. Não entendo.

— O que nunca aconteceu antes?

— Isso, entre você e eu. Tudo costumava ser muito... controlado. E desconfortável. Nunca senti...

Quando ele franziu o rosto, ela se apressou em explicar.

— Não quero insultar você, Derek, mas você sabe que o sexo entre nós sempre foi... bem, você parecia gostar, mas eu sempre ficava um pouco decepcionada. Não... não que isso fosse culpa sua. É só que eu não... a coisa não era...

Derek acariciou os cabelos de Angel. Com o rosto tenso, pareceu indeciso por um momento até que, de repente, agarrou Angel pela cintura e a levantou do chão. Ele a colocou na beirada da escrivaninha, afastando suas coxas e se posicionando entre elas no mesmo movimento abrupto. Angel sentiu a dor correr por seu corpo; arfando alto, curvou-se para a frente, a mão estendida até a perna, massageando-a numa tentativa de aliviar a lancinante dor. Expelindo todo o ar dos pulmões, cravou os dedos nos bíceps dele, apertando com

força.

— Mas o quê...? — indagou Derek.

Angel mordeu o lábio inferior. Deus, como doía. Então, com mais gentileza do que Angel imaginava que ele possuísse, Derek a levantou no colo para carregá-la até o sofá de couro.

Nada estava acontecendo como ela planejara.

— Derek, me bota no chão.

— Você está branca como um fantasma. — Olhou para ela enquanto a acomodava no sofá. Ela estremeceu ao ver a raiva nos olhos dele.

— Notei que você estava mancando um pouco quando entrou, mas não imaginei que estivesse ferida.

— E não estou — protestou Angel, que quisera deixar a questão de sua perna para outro dia. — Está tudo bem, eu só vou...

— Você só vai manter o traseiro sentado aí e me contar qual é o problema. É o seu quadril? Sua perna?

Sem dar tempo para que Angel respondesse, enfiou a mão por baixo de sua saia comprida, enganchou os dedos na cintura da meia-calça e a puxou para baixo.

— Derek!

Com as mãos ainda por baixo da saia de Angel, manteve os olhos fixos nos dela ao perguntar: — Vai me dizer que depois do que a gente quase fez você está chocada?

Aturdida seria uma expressão melhor. E chocada, embaraçada e...

— Derek, por favor. — Mas ele já havia descido a meia-calça até abaixo de seus joelhos**.** Angel se sentiu horrivelmente exposta e vulnerável enquanto ele explorava suas coxas, sendo mais minucioso do que ela seria capaz de suportar. — É a parte inferior da minha perna. Quebrei faz algum tempo e ainda dói de vez em quando. Só isso.

A julgar pela expressão de seus olhos, Angel achou que ele não havia acreditado em uma única palavra do que ela dissera.

— Só me deixe tirar seus sapatos.

Ajeitando-se melhor no sofá, empurrou as mãos dele.

— Não quero tirar meus sapatos, droga!

— No momento não estou dando a mínima para o que você quer. — E os sapatos cujos laços subiam até os tornozelos saíram rapidamente, seguidos pela meia-calça. Quando olhou para a perna dela, e viu as cicatrizes horríveis, ele cerrou os dentes.

— Droga!

Angel rosnou, sua única defesa por estar sendo tão exposta.

— São feias, sei disso. Se lhe incomodam, não olhe para elas.

Com uma de suas mãos grandes ele envolveu o tornozelo dela, mantendo-a imobilizada, enquanto com a outra tocava cuidadosamente as marcas vividas deixadas pela fratura e subsequente cirurgia.

— Fratura exposta?

— Agora você é médico?

Ele ignorou sua provocação.

— Foi aqui que quebrou, e foi aqui onde eles inseriram uma placa — disse ele, correndo olhos acusadores de volta para o rosto de Angel.

Irritada, mas sem ver nenhuma saída para a situação, ela disse: — Estou bem, juro. Foi só que quando você me botou em cima da mesa minha perna balançou e... bem, doeu. Ainda está um pouco sensível. Eu acabo de largar as muletas.

O olhar dele ardeu com raiva.

— E está passeando no centro da cidade com as ruas escorregadias com gelo e neve?

— Não estou passeando! Eu vim ver você.

— Porque precisava de um homem — disse ele com escárnio, o que a deixou furiosa.

— Seu idiota! — Levantando-se com dificuldade, ela se desvencilhou e apontou a caixa de sapatos que ainda estava em cima da escrivaninha. — Vim trazer aquilo para você. — Então, ela acrescentou: — Queira você ou não.

Ele virou a cabeça na direção que ela indicou, mas continuou ajoelhado ao lado do sofá.

— O que é?

Angel capengou descalça pelo tapete macio e espesso, pegou a caixa e, então, hesitou. Não planejara brigar com ele, porque

não queria provocar sua antipatia. Se não agisse com cuidado, corria o risco de estragar tudo. Cerrou os olhos enquanto organizava os pensamentos e se acalmava. Não o ouvira se mover, mas de repente as mãos de Derek estavam em seus ombros e ele a virou para si.

— O que foi, Angel? — perguntou Derek, num tom carregado de desconfiança. Angel sempre soubera que Derek; podia ser implacável, com seus nervos de ferro e extraordinária força de vontade, mas nunca sentira essa insinuação de brutalidade nele. Estremeceu.

— Derek, não vim aqui pressioná-lo a nada. Sei que não se interessou muito quando lhe contei, mas estava torcendo para que tivesse mudado de idéia.

Braços cruzados no peito, estreitou os olhos e perguntou: — Interessado em quê? Ela suspirou, impaciente.

— Droga, Derek, no nosso filho!

Nem um único cílio se moveu no rosto dele. Ele parecia até estar prendendo a respiração.

— Derek?

— Um filho?

Fazendo que sim com a cabeça, ela enrascou os dedos do pé no tapete espesso e tremeu um pouco enquanto esperava.

— Como sabe que é meu?

Angel recuou um passo, atingida por suas palavras como se ele a houvesse esbofeteado. Apesar de tudo pelo que passara, apesar de tudo que acontecera, ela em nenhum momento suspeitara que ele pudesse negar a criança. Isso era baixo, até mesmo para ele. Angel respirou fundo antes de gritar: — Seu desgraçado! — Ela investiu contra Derek, mas ele a segurou pelo punho. Ela largou a caixa, e papéis e fotos se espalharam pelo chão. — Miserável, maldito... — Seus esforços pareciam patéticos frente à sua força, mas ele aniquilara sua última esperança, desferira ò golpe derradeiro. Queria feri-lo tanto quanto fora ferida, mas ele simplesmente era forte demais para ela, que finalmente desistiu. Ele não dissera uma palavra. Ofegando, tremendo de dentro para fora, ela sussurrou: — Me larga.

Ele obedeceu imediatamente. Mantendo a cabeça erguida, recusando-se a chorar, a contemplar o caos da situação diante da dúvida de Derek, Angel caminhou até o sofá e sentou. Pegou sua meia-calça e começou a ajeitá-la para poder vesti-la de novo.

Embora se recusasse a olhar para Derek, ainda estava ciente dele parado ali no meio do escritório, calado e fitando-a com intensidade. Quando ele se acocorou para recolher o conteúdo da caixa, Angel relanceou os olhos para ele. Sua testa estava franzida, suas faces ruborizadas. Ele pegou uma pequena foto e a observou. Tudo que Angel queria fazer agora era sair dali. Enfiou os sapatos e amarrou rapidamente os laços nos tornozelos, lutando contra as lágrimas que pareciam presas em sua garganta, sufocando-a. Ela havia se humilhado por nada. Ela permitira que ele a tocasse por nada. Ele não ia reconhecer o bebê.

— Me desculpe.

Levantou os olhos enquanto vestia o casaco. Derek ainda estava abaixado, uma única foto nas mãos, a cabeça pendendo baixa.

— O que você disse? — perguntou, intrigada. Ele lentamente recolheu o resto das coisas e se levantou. — Eu pedi desculpas. O bebê se parece comigo.

— Ah, entendo. Não fosse por isso, você não teria acreditado em mim. Em todo esse tempo que me conhece, provei ser uma mentirosa escrota, sempre disposta a manipular os outros — disse sarcástica. — Bem, vamos torcer que o bebê não herde também minha personalidade.

— Angel... — Ele estendeu uma das mãos para ela, e houve algo nesse gesto, uma vulnerabilidade que ela jamais testemunhara nele. Na verdade, muitas coisas nele pareciam diferentes hoje; alguns traços de personalidade estavam mais suaves, outros, mais intensos.

Será que acontecera alguma coisa com ele desde a última vez que ela o vira? Angel meneou a cabeça negativamente; jamais iria sentir atração por ele de novo.

— Pode ficar com tudo isso. São cópias. Gravações, fotos,

certidão de nascimento. A propósito, você vai notar que o nome do pai está em branco na certidão.

— Por quê?

Notando angústia em sua voz, Angel franziu a testa e inclinou a cabeça enquanto o fitava.

— Antes você não estava interessado, Derek; embora eu admita que estava torcendo para que a esta altura isso tivesse mudado.

— Eu estou interessado — ele resmungou.

Angel pensou na última vez em que telefonara para ele, e o inferno que aquilo tinha sido.

— Quando conversamos por telefone você afirmou com todas as letras que não queria nenhuma ligação com o bebê. Você me disse que eu estava sozinha nessa, para não encher sua paciência.

Derek estremeceu, e então, fechando os olhos, ficou em silêncio. Mas ela não sentiu a menor pena dele, não depois de tudo que acontecera.

— Mas não é por causa disso que a linha do nome está em branco. Lembra do que você me contou sobre sua família? Bem, eu amo meu filho, e não vou perdê-lo para ninguém, nem para você, nem para sua maldita família.

Ele a fitou com uma expressão vazia, o que só aumentou sua irritação.

— Sua mãe é um monstro que quer obrigar todo mundo a seguir suas regras. Você disse que foi por causa disso que seu irmão foi embora. Que foi por causa disso que ele se tornou tão insensível. Sua família me dá medo, se quer saber a verdade. Principalmente seu irmão.

Os olhos dourados dele escureceram para âmbar.

— Isso é ridículo.

— Você disse que ele era a única pessoa forte e bastante independente para sair da companhia sem pensar duas vezes, seguir seu caminho e mandar o resto para o inferno. Você disse que ele era a única pessoa capaz de deixar sua mãe nervosa ou fazer sua irmã chorar. Você disse que ele era capaz de fazer qualquer coisa que quisesse.

— Ninguém deixa minha mãe nervosa, e minha irmã é uma réplica mais jovem dela. Nada atinge as duas.

Angel abotoou o casaco.

— Então você mudou de idéia sobre sua família, mas eu não vou mudar. Não vou correr o risco de que eles tentem tomar meu bebê. Não quero que eles saibam a respeito do meu bebê.

— Do nosso... — Derek se calou e ela viu seu pomo-de-adão subir e descer enquanto ele engolia em seco. — Nosso bebê.

Este era um ponto muito importante, que ela fazia questão de deixar bastante claro. Angel caminhou até ele, fazendo força para continuar olhando em seus olhos. Ela apontou para seu peito e forçou as palavras a saírem por entre os lábios contraídos.

— Não sei que instinto paternal foi esse que se apossou de você, mas nem pense em tentar tomá-lo de mim, Derek. Juro que vou desaparecer tão rápido que nunca vai encontrar nenhum de nós dois. Posso fazer isso. Fiz planos.

— Não.

Ela não conseguia acreditar nele.

— Você, não me dá ordens! Não mais. O poder que você exercia sobre mim terminou, meses atrás, quando rejeitou minha gravidez.

Derek não elevou a voz, mas seu tom quase de sussurro foi mais eficiente do que qualquer outra reação.

— É isso mesmo? Então, por que você está aqui? Ela precisava ir embora, agora, antes de fazer alguma bobagem. Ela virou meio corpo em direção à porta.

— Tem um endereço junto com os documentos e as fotos. Uma caixa postal. Ela relanceou os olhos para ele. — Tenho certeza de que lembra dela. Pode entrar em contato comigo escrevendo para lá.

— Me dá seu telefone.

— Acho melhor não. Mas vou ligar logo para você.

— Você está fazendo algum jogo, Angel, e eu não estou gostando. Ela já estava com a mão na maçaneta quando se virou lentamente.

— Não é um jogo. — Ao passar pela porta, disse por cima do

ombro: — Eu também não estou gostando desta situação. Pense no bebê, Derek, no que você gostaria de fazer, e eu ligarei para você esta noite. Até lá você já terá se acostumado à idéia, e poderemos conversar.

Ele deu dois passos rápidos até ela.

— O que eu devo fazer? — Ele franziu a testa. — você quer que eu case com você?

— Ah! — Aquilo era quase engraçado demais para ser expresso em palavras. Ao fechar a porta, ela disse: — Não casaria com você nem que restasse apenas você na Terra.

E ela soube que ele havia ouvido suas palavras porque golpeou sonoramente a porta.

Bem, isso não havia acontecido da forma que ela planejara. Na verdade, nada acontecera segundo seus planos. Tencionara seduzi-lo, para recuperar seu interesse. Precisava que ele a ajudasse e protegesse, e essa tinha sido a única forma que ela imaginara de como conseguir fazer com que ele cooperasse. Antes o sexo tinha sido a única coisa que lhe interessava, e era isso que ela planejara lhe oferecer agora.

O problema era que estava saindo com a impressão de que ela fora seduzida. Droga, por que ele tivera de exercer esse efeito nela? Seu corpo ainda estava quente e pinicando em lugares que ela praticamente esquecera que existiam, e tudo por causa de um homem que ela acreditara ter aprendido a odiar.

Um homem que jamais a afetara tão intensamente.

Maldito destino irônico, e qualquer mágica que houvesse transformado Derek Carter num homem cujo corpo ela desejava.

CAPÍTULO DOIS

DANE SOCOU a porta mais uma vez, furioso consigo mesmo pelo rumo tomado pelos eventos. Droga, ele não pretendia tocá-la. Planejara se aproximar dela, mas não tanto assim. Queria aprender com ela, descobrir qualquer envolvimento que pudesse ter com a morte de seu irmão. Mas também pretendera não tocar nela.

Mas foi impossível. Dane desejou Angel Morris no instante em que a viu. Era exuberante e feminina, parecendo exsudar tanto determinação quanto vulnerabilidade. Também ficara estarrecido porque ela não parecia nem um pouco com as mulheres sofisticadas e arrogantes que geralmente haviam atraído seu irmão.

E, então, ela exigiu que ele a beijasse.

Sem conhecer a exata natureza de seu relacionamento com Derek, Dane não poderia correr o risco de rejeitá-la sem levantar suspeitas. E naquele momento, considerando tudo que acabara de acontecer, precisava mantê-la próxima, não afugentá-la.

Dane suspeitara que ela havia procurado seu irmão por algum motivo muito forte, mas jamais imaginara que esse motivo pudesse ser uma criança. Atravessando irritado o escritório, pegou o telefone e apertou uma série de teclas. Sua mão tremia enquanto fazia isso, o que o fez xingar alto. Podia sentir o calor daquela mulher em sua mão e ainda sentir seu perfume no escritório. Angel podia ter se excitado — sua primeira vez com ele, a julgar pelo que dissera —, mas ele estivera a ponto de explodir, não apenas com desejo, mas com uma tumultuosa combinação de emoções que quase o sufocaram.

Ele tinha a impressão de que se ela não estivesse com a perna ferida, ambos teriam encontrado uma satisfação incrível. Ele a teria tomado, e ela teria permitido, Ele resfolegou,

irritado. Fazer amor no escritório de seu irmão, numa porcaria de mesa, com uma mulher a quem mal conhecia e cujos motivos eram mais do que suspeitos! Os motivos do próprio Dane não passariam sob um exame mais atento.

— Aqui é Sharpe.

— Fique atento — disse Dane, frustradíssimo. — Ela deve estar saindo do prédio a qualquer instante.

Depois de receber a carta de Angel, Dane investigara sua ficha, descobrindo tudo que podia a seu respeito, o que não era muito. Ao decidir mandar segui-la, agira segundo seu hábito de detetive particular. Agora, estava guiado por pura curiosidade masculina, e a necessidade possessiva de manter o que era seu. Essa mulher dera à luz seu sobrinho, e isso formava entre eles um elo que ele não podia permitir que se quebrasse.

— Descrição?

Todos os seus agentes eram muito bons, mas Alec Sharpe, um homem sério e de poucas palavras, era o melhor. Dane confiava inteiramente nele.

— Loura, pequena, provavelmente mancando um pouco. Usa saia comprida de lã e casaco escuro.

— Fiz contato visual.

Quando o homem do outro lado da linha desligou o telefone, Dane suspirou, abaixando o aparelho. Alec voltaria a entrar em contato com ele usando o celular assim que tivesse certeza de que seguia à suspeita certa. Dane calculou que Angel levaria pelo menos alguns minutos para sair do prédio. Caso tivesse deixado seu carro no estacionamento, isso levaria um pouco mais de tempo. Se tivesse vindo de táxi, não haveria como saber quanto tempo ele teria de esperar.

Alec sabia que ele ainda estava checando as circunstâncias da morte de seu irmão, mas ninguém mais sabia disso. Até agora Dane descobrira o suficiente para ficar mais preocupado, mas não o bastante para chegar a conclusões.

A casa de seu irmão tinha sido vasculhada discretamente, seus papéis, examinados. E Derek deixara várias lacunas em sua agenda, que sempre fora muitíssimo bem-organizada, o que fizera Dane imaginar que ele decidira não anotar certas

reuniões.

Dane se acomodou atrás da escrivaninha do irmão e começou a folhear os papéis e as fotos que Angel lhe dera. Ele pegou a primeira foto do bebê, aquela que tanto o abalara, e a fitou novamente, por longos momentos. A foto, batida na maternidade, era de um recém-nascido de rosto avermelhado que parecia quase idêntico às duas fotos que sua mãe ainda mantinha em sua mesa de trabalho. O formato da cabeça era o mesmo, bem como o tufo de cabelos negros, o nariz. Dane correu o dedo pelas linhas do rostinho amassado e então sorriu, sentindo seu coração rejubilar com sentimento.

A fotografia seguinte era mais recente, e as mudanças eram surpreendentes. Rechonchudo como um peru de Natal, o bebê possuía faces rosadas, grandes olhos azuis e uma intensa expressão de descontentamento que o fez lembrar de Derek. Dane quis segurar o bebê no colo, tocá-lo, certificar-se de que era real.

Esse bebê era uma parte de seu irmão, e Dane sabia, sem sombra de dúvida, que seria capaz de protegê-lo com sua vida. Ainda nem havia se encontrado com o bebê, mas, pelo simples fato de existir, o rapazinho já possuía um lugar permanente em seu coração.

Dane virou a fotografia e encontrou as palavras Grayson Adam Morris. Uma foto muito recente, com apenas uma semana de idade. E o nome era respeitável, sólido, a não ser pelo fato de que deveria conter o sobrenome Carter, e não o Morris. Dane pretendia corrigir esse problema o mais breve possível. Também havia cópias das certidões de nascimento e das marcas dos pés do bebê, não muito maiores que o nariz de Dane. Anotou a maternidade na qual Angel dera à luz, o nome do médico que a atendera, e considerou seu próximo passo. Balançou a cabeça, e olhou impaciente para o telefone. Como se reagindo ao seu desejo, o telefone tocou.

— Sim?

— Ela está pegando o ônibus — disse Alec sem preâmbulos. — Está com um bebê e tem um sujeito alto com ela.

Dane ficou imóvel por um instante, e então se levantou

abruptamente. O bebê estivera ali com ela? — Tem certeza de que é um bebê?

— Embrulhado num cobertor azul, aninhado nos braços do cara. Tenho certeza de que não é uma sacola de compras.

— Quem é o homem? Tem certeza de que está com ela?

— Alto, cabelos pretos, óculos escuros. Usando casaco de couro e jeans rasgados. Está de braço dado com ela, e os dois estão conversando como velhos amigos. Você quer que eu investigue?

— Não. — Apertando com raiva o telefone, decidiu elucidar essa parte sozinho. — Concentre-se apenas na mulher. Veja se ele vai para casa com ela, mas, fora isso, ignore o sujeito.

— Estou seguindo os três. Entro em contato quando chegarmos a algum lugar.

Mais uma vez Dane desligou o telefone, só que desta vez com um pouco mais de força que o necessário. Será que a maldita tinha mentido o tempo todo? Por que ela viria acompanhada pelo bebê e um namorado se alegadamente sentia saudades dele... de Derek. Ela não previra que isso poderia ser arriscado, considerando que ele poderia ter se oferecido para acompanhá-la na saída?

Fumegou de raiva por quase meia hora, até Alec telefonar de volta com um endereço. O homem que acompanhava Angel realmente entrara no mesmo prédio que ela, e o prédio ficava numa das áreas menos agradáveis da cidade. Dane vestiu seu casaco e colocou tudo de volta na caixa de sapatos, segurando-a debaixo do braço. Não podia correr o risco de deixar nada em qualquer lugar onde sua família pudesse encontrar. Ao sair, trancou o escritório.

Angel Morris julgava que sabia lidar com ele, mas estava calculando suas ações de acordo com a forma como Derek reagiria. Dane não gostava de joguinhos; jamais gostara. Sua família descobrira isso tarde demais. Quanto mais cedo a senhorita Morris conhecesse seu estilo, mais depressa eles iriam conseguir se entender. Derek planejava lhe explicar isso ainda naquele dia.

Com o dia de Ação de Graças não muito longe, muitas das

casas já estavam decoradas com enfeites de Natal. Todas as lojas pelas quais ele passou estavam com suas vitrines iluminadas. Mas o espírito de Natal foi desaparecendo à medida que se aproximava do endereço que lhe fora dado por Alec. Lâmpadas coloridas foram substituídas por janelas fechadas com tábuas. Pichações, e não guirlandas, decoravam as portas. Nada disto fazia o menor sentido. Dane sabia que Angel morara num condomínio de classe alta quando trabalhara para a Aeric Corporation. Segundo sua ficha, Angel perdeu o emprego depois que Derek obteve informações dela para assegurar seu sucesso numa transação hostil. Mas não podia ser alguém em má situação; Angel tivera um rendimento anual muito alto.

Cauteloso quanto aos moradores da área, Dane estacionou o carro numa garagem e caminhou o último quarteirão até a casa de Angel.

O fustigante vento de novembro atravessava suas roupas e o fez estremecer, mas ele estava tão determinado que ignorou o frio. Quando chegou à casa de tijolos aparentes no endereço que Alec lhe dera, suspirou de alívio. Chamar a casa de bonita seria excesso de generosidade, mas era segura e bem-cuidada, localizada numa rua sem saída, entre casas mais velhas. Angel e o sobrinho dele deviam estar gozando de relativa segurança.

Pelo menos até que ele os retirasse dali.

A porta da frente não estava trancada. Entrou numa espécie de saguão e olhou as caixas de correio. Não viu o nome de Angel Morris em nenhuma. Quando viu um A. Morton, seu instinto disparou um alarme. Deduziu que essa seria Angel. Por que ela teria adotado um nome falso? A não Ser que tivesse algo a esconder.

Dane lembrou a si mesmo de seu propósito quando iniciara esta investigação. Embora fosse óbvio que ela não sabia nada a respeito da morte de Derek, ele não podia desconsiderar a possibilidade que ela tivesse sido indiretamente responsável, mesmo que inocentemente. Angel tivera muitos motivos para odiar Derek e querê-lo fora de sua vida, e confessou temer sua família; assim, por que o procurara hoje? Porque estava

surpresa por ele não estar morto? Será que alguém a informara sobre a ressurreição de Derek?

Poucas pessoas sabiam sobre como tinha sido o relacionamento de Dane com seu irmão.

O número era de apartamento térreo. Caminhou até a porta e bateu, preparando-se para vê-la de novo. Aquela mulher realmente havia deflagrado uma avalanche de reação sexual nele, e Dane tinha certeza de que a reação dela não tinha sido fingimento. Apenas lembrar disso deixava cada músculo seu tenso.

— Entre, Mick.

Dane rangeu os dentes de raiva. Então, o homem que estivera com ela, esse tal Mick, era bem-vindo em sua casa a qualquer hora? Será que ela reagia a Mick com o mesmo ardor que reagia a ele? Dane girou a maçaneta e entrou.

Angel estava deitada num sofá, a perna ferida apoiada em almofadas. Usava apenas uma camiseta de algodão e short curto, cortado de uma velha calça de moletom. Meias grossas cobriam seus pés. Ela sentou abruptamente, fitando-o com indisfarçável horror.

Dane olhou-a dos pés à cabeça, e como homem ele apreciou o quadro que ela compunha. Mas a partir desse momento ele iria agir com cautela. Angel pareceu vacilar entre medo e vergonha. Dane decidiu usar essas emoções a seu favor para averiguar qual seria seu verdadeiro propósito.

Seus cabelos claros estavam desgrenhados e espalhados pelos braços do sofá. Os seios por baixo da puída camiseta de algodão pareciam macios e fartos, sem o invólucro de um sutiã. Suas pernas eram muito compridas e brancas. Ele viu as cicatrizes feias em sua perna esquerda, ainda vermelhas e vivas, e toda a raiva abandonou seu peito.

Fechou a porta com delicadeza e viu os incríveis olhos verdes de Angel arregalarem de susto.

— Derek.

Ele apontou com a cabeça para a perna de Angel.

— Você está mais machucada do que me deixou perceber.

As faces de Angel ruborizaram enquanto ela se levantava do

sofá. Num estalar de dedos Dane estava ao seu lado, Ele a pegou pelos ombros, pressionando-a de volta para o sofá, sentindo os ossos estreitos sob suas mãos, ciente da maciez de seu corpo pequeno.

— Fique parada. Está evidente que você se esforçou demais hoje. Não devia ficar andando por aí.

Sentando ao lado dela no sofá, pôde sentir sua apreensão enquanto examinava sua perna, correndo suavemente os dedos por sua pele acetinada. Simplesmente, ver as cicatrizes deixadas pelo ferimento o fez estremecer, por empatia.

Angel se recompôs muito depressa.

— O que está fazendo aqui?

— Vim ver como você está.

— Como? Como você me achou?

— Mandei seguir você. — Correu os olhos da perna para o rosto indignado de Angel. — Por que o nome falso?

Angel empalideceu um pouco.

— Do que está falando?

— Da caixa de correio.

Aproveitando a desculpa de que estava com raiva, tentou mudar de assunto.

— Isso não é da sua conta. E por que você haveria de se importar? Ele sabia mentir quando necessário.

— Porque senti que você ia tentar me manter à distância. — Ele roçou um dedo no seu rosto, despertando novamente aquela saudável erupção de cor. — Mas fique sabendo que daqui por diante estarei de olho em você. — Quando ela arfou indignada, ele acrescentou um aviso não muito sutil: — Você pode manter seu segredo, Angel... por enquanto. Mas em breve eu vou saber o que está acontecendo.

Angel o fulminou com um olhar, mas nem toda a sua fúria conseguiu esconder a dor que estava sentindo.

— Você ainda não está completamente recuperada, certo? Está ferida em mais algum lugar?

Quando Angel franziu o rosto, irritada, ele desceu os olhos para seu corpo e perguntou em voz baixa: — Quer que eu tente descobrir sozinho?

Ela se remexeu inquieta e cruzou braços protetores diante dos seios.

— Está bem! Eu também contundi as costelas e tive alguns cortes e arranhões. Mas já está tudo recuperado.

Ele continuou olhando para ela, que virou o rosto.

— Também desloquei o ombro.

— Meu Deus! O que aconteceu com você?

Antes mesmo que ela falasse, ele soube que nenhuma verdade iria passar por seus lindos lábios. Era surpreendente que, embora a conhecesse há pouquíssimo tempo pudesse compreendê-la com tanta facilidade.

Ela empinou o queixo e disse: — Caí.

— De uma montanha?

— Na verdade, de uma escadaria comprida.

Descobrindo que era impossível controlar as mãos, segurou o rosto de Angel entre ambas as palmas. O que havia acontecido tinha sido grave, e ela ficava claramente nervosa ao falar do assunto.

— Podia ter morrido.

Com um estremecimento, os olhos de Angel encontraram os dele. Por um breve segundo ela pareceu tão perdida que ele quis abraçá-la com força e jurar protegê-la. Idiota. Então, ela balançou a cabeça e sua obstinação retornou, dez vezes mais forte, forçando uma distância emocional entre eles.

— Só fiquei com cicatrizes nas pernas. Horríveis, não acha? Ele retrucou, sem o menor sinal de hesitação: — Você tem pernas lindas, e algumas cicatrizes não vão mudar isso. — E era verdade. As pernas de Angel eram compridas, macias, bem-torneadas. Imaginou aquelas pernas compridas em tomo do corpo dele enquanto a tocava novamente, só que dessa vez ela iria alcançar o clímax, segurando-o dentro de si para que ele pudesse sentir cada tremor, cada pequeno espasmo. Ele quase gemeu.

Ele repousou suavemente a mão no joelho de Angel e moveu seu pensamento para um terreno mais seguro.

— Você não tem nenhum motivo para sentir vergonha, Angel. As cicatrizes vão desaparecer.

— Acha que me importo com algumas cicatrizes?

Ele achava que sim, mas sabia que era melhor não dizer isso, principalmente enquanto ela estava praticamente fumegando de raiva. Angel não o perdoara nem pelos pecados passados de Derek, nem pelos seus próprios, ao questionar quem era o pai do bebê. Mas ela iria perdoá-lo, ele jurou a si mesmo.

Segurando novamente sua face, notou suas veias latejarem.

— Sinto muito por você ter se ferido. — Ele a beijou. Ainda que estivesse furiosa, ele precisava sentir novamente seu sabor. Angel podia ter decidido que aquela pequena amostra de luxúria no escritório fora suficiente, mas ele ansiava por mais. Ele mal a tocara, mal começara a excitá-la, e ela explodira como uma exibição de fogos de artifício.

Com seu membro ainda um pouco excitado, ele se viu dividido entre o impulso de se enterrar dentro dela e ir até o fim, levando-a ao ápice com ele, e sacudi-la para obrigá-la a dizer que jogo ridículo era aquele que estava fazendo.

No começo ela ficou sem ação, mas segundos depois pressionou seu corpo contra o dele. Uma pequena mão se levantou para seu pescoço e aquele simples toque o fez tremer. Ele recuou, não querendo colocar a si mesmo à prova. Angel o fitou de olhos arregalados.

— Belo lugar — comentou, numa tentativa de distrair a mente dela, e a sua própria. Ao correr os olhos pela sala espartana, contemplando o papel de parede gasto e o tapete esmaecido, ele se arrependeu do que acabara de dizer. Não quisera parecer sarcástico.

— Você não precisa gostar, Derek, porque não mora aqui — disse Angel, claramente ofendida.

Baixou os olhos para o rosto ruborizado de Angel. Com um dos braços sobre ela, e o corpo ao seu lado, ele efetivamente a mantinha aprisionada. Podia perceber que ela não estava gostando da situação; mas ele estava, talvez um pouco demais.

— Quero saber por que você está morando aqui. O que aconteceu com seu apartamento?

Ela estreitou os olhos.

— Eu o perdi.

— Porquê?

— Porque não paguei o aluguel.

Suspirou. Isto estava sendo doloroso como arrancar os dentes, mas ela, obviamente, não ia facilitar as coisas pára ele.

— Certo, vamos brincar do jogo das 20 perguntas. Por que você não pagou o aluguel?

Angel o fitou, e então colocou um braço sobre os olhos e riu.

— Deus, você é inacreditável. Tudo é simples demais para você. Envolvendo o punho de Angel com seus dedos compridos, ele deslocou seu braço até seu estômago e o manteve ali. Ele sentiu os músculos de Angel se contraírem.

— Por que não pagou seu aluguel?

Numa explosão de raiva, ela empurrou a mão dele e se empertigou para olhá-lo de cara feia.

— Porque eu não tinha dinheiro, seu imbecil! Perdi meu emprego por sua causa, e ninguém mais queria me contratar para fazer aquilo que eu sei fazer bem. Passei a ser considerada um risco. Procurei emprego por toda parte, e enquanto fazia isso tive de viver das minhas economias. Depois trabalhei durante algum tempo como garçonete, mas então sofri o acidente e fui despedida. Ninguém contrata mulheres de muletas, sabia? Como o dinheiro que eu tinha guardado não era suficiente para eu me manter numa casa cara, pagar as mensalidades do plano de saúde e arcar com todas as contas médicas adicionais, eu me mudei para cá. Satisfeito?

A gritaria de Angel acordara o bebê, e Dane olhou na direção da reação infantil. Angel resmungou.

— Agora, veja só o que você fez. Bem, não fique parado aí, saia da minha frente. As mudanças de humor de Angel eram quase divertidas e fascinantes, quando ela não estava pulando em seu pescoço por causa da forma desprezível como seu irmão a tratara. Angel começou a sentar, e mais uma vez pressionou as costas.

— Vou pegá-lo.

— Não!

Segurando o queixo de Angel, levantou seu rosto para que

ela olhasse em seus olhos.

— Agora ou depois, Angel, que diferença vai fazer? Quero conhecer o bebê. Prometo que vou trazê-lo até você.

Os olhos de Angel escureceram com temor, mas ela aparentemente compreendeu que não teria como vencê-lo se eles iniciassem um duelo de teimosia. Ao menos, não no momento. Ele tinha a impressão de que, num dia melhor, a perseverança de Angel poderia ser avassaladora.

Dane fitou-a por um segundo a mais, desejando que houvesse uma forma mais simples de confortá-la, e então foi pegar o bebê.

— Ele seguiu o choro até onde Grayson estava expressando todo o seu descontentamento. Quando entrou no quarto, Dane foi recebido por um cheiro de talco, loção de bebê e perfumes suaves. Os rechonchudos bracinhos e perninhas de Grayson agitavam-se intensamente. Com imenso cuidado, Dane levantou-o para seu ombro. O bebê estava molhado.

Havia fraldas de pano e plástico em cima de uma penteadeira, juntamente com algumas roupinhas dobradas. Dane pegou o que julgou que poderia precisar e voltou para a sala e para a mãe preocupada. Angel imediatamente estendeu os braços.

— Não, ele está molhado, o que significa que estou encharcado. Não há motivo para nós dois ficarmos fedendo. Acho que se você me explicar como se faz, eu consigo trocar as fraldas dele.

Boquiaberta, Angel olhava para ele como se estivesse vendo um fantasma. A reação dela o fez sorrir.

Pareceu surpresa e absolutamente sem palavras.

— Eu sei — disse ele com um sorriso —, trocar fraldas não faz parte do meu repertório, também. Mas tenho boa capacidade de adaptação.

No curto espaço de tempo que se conheciam, ela o surpreendera um número impressionante de vezes; era completamente justo que ele conseguisse ir à forra quando e onde pudesse.

Ele não sabia muita coisa sobre bebês, mas este era um

momento tão bom quanto qualquer outro para aprender.

— Onde posso colocar o bebê para limpá-lo?

Finalmente conseguindo fechar a boca, Angel apontou para uma mesa.

— Tem um trocador de fraldas ali. Deite o bebê nele.

— Ótimo. — Com uma das mãos Dane balançou o pequeno protetor de plástico acolchoado, abriu-o na mesa e deitou Grayson cuidadosamente nele. Como o bebê não parecia feliz com o atraso do atendimento, Dane se apressou. Seguindo as instruções de Angel, secou o bebê, colocou a fralda e o vestiu, tudo em menos de cinco minutos, o que considerou uma pequena conquista. Grayson havia parado de chorar, mas ainda estava agitado, brandindo um punho no ar, ocasionalmente levando-o à boca para sugar um ou dois dedos.

Desta vez, quando Angel estendeu os braços, Dane lhe passou o bebê. O lado direito de sua camisa estava molhado e grudado no peito. Ela virou o rosto, pressionando a face contra o bebê. — Ele está com fome.

— Quer que lhe dê uma mamadeira?

— Não. — Angel pigarreou, e então disse: — Ele está mamando. Eu... eu preciso de um pouco de privacidade.

— Oh. Ok! — Dane olhou para seus seios, imaginou o processo, e não sentiu vontade de dar um único passo para fora da sala. Ele também não agüentaria ouvir o bebê choramingando. — Eu... eu vou até a cozinha, tentar lavar minha camisa.

— Faça isso. E fique lá até ela secar.

Ele se curvou e segurou o queixo de Angel. Ela arregalou os olhos e arfou, atônita.

— Muito bem. Mas não espere que eu siga sempre ordens, meu bem. Você vai ter de se acostumar a me ter aqui. — Sabendo que não deveria, mas incapaz de se conter, ele se curvou e pressionou um beijo firme em sua boca. Foi uma sensação maravilhosa. Ele se retirou enquanto ela esbravejava.

Queria beijá-la novamente, como ponto de partida, sabendo onde iriam terminar. Queria lhe mostrar que, ao contrário do que ela imaginava, ele não era egoísta na cama. Mas também

queria descobrir a verdade sobre a morte de seu irmão e o envolvimento de Angel com ele, e protegê-la e cuidar dela e de Grayson. Queria muitas coisas, cada uma se chocando com as demais. Puxa vida, no que o irmão dele havia se metido?

Tirou a camisa e deixou a água correr sobre a mancha. Então, espremeu a camisa e a pendurou numa cadeira para secar. Felizmente, o apartamento não estava frio. Cocou o peito nu e olhou ao redor.

A pequena cozinha estava quase vazia. Os armários continham o essencial. Inspecionando um pouco mais, descobriu que a geladeira estava num estado semelhante.

A conclusão a que chegou não foi feliz. Aquela mulherzinha tola devia ter entrado em contato com ele antes, porque estava vivendo em péssimas condições.

Prontamente, sufocou esse pensamento, porque, se ela tivesse tentado isso, teria encontrado sua família; sentiu-se incomodado só de pensar no que poderia ter acontecido. Angel tinha toda razão em temer os parentes dele.

Ele havia se perguntado o que ela estava querendo, por que o havia procurado se seu objetivo não era casamento. Agora chegou à conclusão que seu motivo teria sido desespero puro e simples. Necessitava de ajuda financeira, e como pai do bebê ele poderia lhe proporcionar isso. Angel era orgulhosa, e alegava já ter sido rejeitada várias vezes por Derek, possibilidade que deixou Dane com vontade de gritar de raiva. Mas orgulho não era substituto para desespero, principalmente com um bebê com o qual se preocupar. Mas se esse tinha sido o motivo, por que ela não lhe dissera isso? Por que ela o procurara fingindo ainda gostar dele?

Ele sentou na cadeira da cozinha, ouvindo-a murmurar para o bebê, ouvindo a doce rouquidão de sua voz. Os pelos de sua nuca arrepiaram.

— Angel, por que você não usa fraldas descartáveis? — gritou, — Elas não são mais fáceis?

Houve uma hesitação antes que ela dissesse: — Não gosto delas.

O que ele traduziu para "São caras demais". Tamborilou no

tampo da mesa com os dedos e, em seguida, com o punho.

— Onde você faz fisioterapia para a perna? — Ele torceu para que fosse algum lugar próximo, para que ela não precisasse andar muito.

Depois de um resmungo que ele não conseguiu decifrar, ela disse: — Não faço fisioterapia. E o que você tem com isso?

Ele enrijeceu de tensão. Sem fisioterapia? Dane precisou de um esforço monstruoso para conter a raiva.

— Já vi ferimentos parecidos com o seu. Reconheço as incisões no seu tornozelo e no seu joelho, onde foi inserida a placa de titânio. Como foi uma cirurgia muito delicada, imaginei que lhe tivessem recomendado fisioterapia.

Silêncio. Ele quase rosnou. Levantou-se para caminhar em círculos.

— Angel, há quanto tempo você está acidentada? E não ouse me dizer que não é da minha conta!

Mais uma pausa, e uma voz muito baixa: — Há uns dois meses.

Dane levou apenas um segundo para sair da cozinha e avançar a passos largos até o sofá, diante do qual parou para se avultar sobre ela. Por um instante Angel fixou olhos fascinados no peito nu de Dane, mas então soltou um grito esganiçado e ergueu a camiseta de algodão para cobrir os seios nus. Não conseguiu, porque sua camiseta foi empurrada de volta pela mãozinha de Grayson. Apesar disso, era no rosto de Angel que Dane mantinha um olhar resoluto.

— "Uns dois meses atrás" quer dizer "desde que o bebê nasceu"? — indagou num macio tom de ameaça.

Angel assentiu de leve.

— Grayson foi prematuro. Nasceu umas seis semanas antes do previsto. O acidente provocou meu trabalho de parto.

Dane sentiu um aperto tão grande no peito que mal conseguiu forçar as palavras a saírem.

— Quem cuidou de você? — Sentiu as narinas inflarem quando exalou um suspiro. — Quem ajudou você quando estavam no hospital? Quando você voltou para casa?

Olhando em outra direção, Angel acariciou a cabeça do bebê,

o que desgrenhou os parcos cachos lustrosos. O bebê continuava sugando seu peito com um som alto e voraz.

— Sabe muito bem que eu não tinha ninguém, Derek. Nem família, nem amigos próximos. Grayson e eu ajudamos um ao outro.

Sem ter a intenção, sem nem mesmo querer isso, Dane olhou para o bebê. Grayson chupava animadamente o mamilo enquanto pressionava seu pequeno punho no seio claro da mãe. Estava com os olhos fechados, o corpinho aninhado confortavelmente no de Angel. Sentindo os olhos arderem com uma ameaça de lágrimas, teve de virar o rosto.

Então, tinha visto os seios de Angel? Não era nada demais. Já vira muitos seios na vida, apenas nunca vira nenhum com um bebê anexado. Dane não sentiu o que deveria diante da exposição de sua pele alva, que seria desejo puro. Desejo ele poderia compreender, mas esse outro sentimento, fosse lá o que fosse, era algo que o assustava.

Vestiu a camisa ainda úmida e pegou o casaco. Teria muitas coisas a fazer hoje.

— Voltarei dentro de algumas horas. — Olhou para ela, com uma expressão severa. — Quero ver você aqui quando eu voltar, Angel. Você me entendeu? — Ela abraçou o bebê com mais força, e então fez um gesto de pouco caso com a mão.

— Vá. Simplesmente vá.

— Eu vou voltar.

Ela assentiu, mais ou menos fingindo que ele já tinha ido. Dane não sabia o que dizer a ela, o que pensar ou sentir. Ele estava estendendo a mão até a maçaneta quando uma batida suave soou na porta, que se abriu um segundo depois.

Impossível dizer quem ficou mais surpreso, Dane ou o jovem de pé à sua frente, braços carregados com uma pizza tamanho família e um sorriso largo no rosto. O sorriso desapareceu bem rápido, substituído por um olhar feroz.

— Quem é você?

Dane, com sua expressão mais autocrática e sem se deixar intimidar pelo corpanzil do jovem, levantou a sobrancelha e se virou para Angel.

— Creio que devo fazer a mesma pergunta.

CAPÍTULO TRÊS

— NÃO — disse Angel, mantendo a voz baixa enquanto se cobria depois que um adormecido Grayson soltou seu peito. Grayson era um bebê bonito e simpático, um verdadeiro doce. Ela o amava imensamente e seria capaz de fazer qualquer coisa necessária para protegê-lo. — Não, você não deve perguntar nada, porque não é da sua conta.

Abotoou rapidamente a blusa. Mick pôs a pizza na mesinha de café e pegou o bebê enquanto Derek permanecia parado ali, aquela maldita sobrancelha imperiosa erguida, observando. Bem devagar, porque sua perna estava realmente doendo, ela se ergueu para algo mais próximo de uma posição sentada, repousando contra o braço do sofá com sua perna ainda estendida.

— Bem... — Derek sorriu, mas não foi particularmente um sorriso gentil, mais um mostrar de dentes que Mick respondeu com um esgar. — Não vou sair até que eu saiba quem ele é. — Ele sentou e, estendendo as próprias pernas compridas e fortes, ficou aguardando.

Angel suspirou. Deus, ela realmente não precisava daquilo. Primeiro, a viagem até o centro da cidade, que cansara terrivelmente sua perna. Então, o beijo e seu peito nu... Ela não sabia mais o que pensar.

— Quem você pensa que é, vindo aqui e exigindo respostas? — inquiriu Mick.

— O pai do bebê.

— Oh! — retrucou Mick. Ele se empertigou, piscou, e então olhou para Angel. Derek dissera isso com um orgulho tão patente que por um momento o rapaz também ficou estarrecido.

A aceitação absoluta de Derek foi uma mudança tão violenta que Angel estava tendo dificuldade em aceitá-la. Ela levou um momento até assentir, concedendo permissão a Mick. Sabia

que Mick não diria uma só palavra sem sua permissão, e que Derek não iria sair se não tivesse sua resposta. Derek era um homem obstinado, e embora não estivesse agindo como ele mesmo, poderia liberar toda a sua brutalidade a qualquer momento. E ela não podia deixar que Mick fosse pego no fogo cruzado.

— Sou Mick Dawson, um vizinho. — Mick empinou o queixo. — E um amigo.

— Um grande amigo — acrescentou Angel, pensando-no quanto Mick a ajudara desde que ela se mudara para aquele local. Observando Derek recostado no sofá como se estivesse em casa, camisa esticada pelos ombros largos e dedos das mãos entrelaçados sobre o estômago plano, sentiu vontade de lhe dar um soco apenas por estar tão bonito. — Você perguntou quem me ajudou. Bem, depois que me mudei para cá, Mick me ajudou. Ele faz compras para mim, pega minhas correspondências e meu jornal. — Ela gesticulou para a perna. — Até pouco tempo atrás eu estava praticamente incapacitada. Mick é filho da dona do prédio. Ele mora no andar de cima e tem me ajudado imensamente.

Mick começou a devolver o bebê para ela, ainda olhando atentamente Derek.

— Deixe que eu seguro o bebê — disse Derek, estendendo os braços para pegar Grayson. — Você devia comer um pouco.

Mais uma vez Mick olhou para ela em busca de orientação. Não contara com a disposição de Derek em assumir o papel de pai. Esse altruísmo não combinava com sua personalidade, mas a obstinação que estava demonstrando, sim.

— Derek, você não estava de saída? — inquiriu Angel, a irritação imprimindo um tom áspero à sua voz.

Ele sorriu.

— Posso ficar mais um pouco. Além disso, gosto de segurar o bebê. — Pressionou a face contra o topo da cabeça de Grayson, e sua expressão provocou uma sensação estranha no estômago de Angel. — Ele tem um cheiro muito bom.

Cruzando os braços, Mick o fitou.

— Então você tem o descaramento de entrar aqui hoje e

bancar o pai feliz? A meu ver, você está dois meses atrasado.

Oh, não! Os músculos de Angel retesaram de medo da reação de Derek.

— Mick...

Derek assentiu, interrompendo o alerta de Angel.

— Eu concordo. Na verdade, pelos meus cálculos, estou quase um ano atrasado. Mas daqui por diante estarei por perto. — Sem parar para respirar, ele perguntou: — Quantos anos você disse que tinha?

Mick abriu seu sinistro sorriso de valentão de rua.

— Eu não disse. — Antes que Derek pudesse reagir, ele acrescentou: — Mas tenho 16 anos. E antes que a senhorita Morris faça parecer que eu lhe prestei grandes favores, devo dizer que ela também me ajudou muito. Sem ela, eu teria repetido o ano.

Angel odiava quando Mick se criticava daquele jeito, principalmente porque era um rapaz admirável. Infelizmente, ela ainda não conseguira convencê-lo disso.

— Isso não é verdade, Mick, e você sabe disso. Você é muito inteligente e teria aprendido matemática com ou sem a minha ajuda. — Virou-se para Derek, por algum motivo ansioso para que ele entendesse. — Além de manter dois empregos, Mick praticamente cuida deste lugar sozinho. A mãe dele está quase sempre... doente.

— Minha mãe é alcoólatra — disse Mick, muito solene.

Uma pontada de dor varou o coração de Angel. Mick sofria de um terrível complexo de inferioridade com relação a todos, menos ela. Ansiava por desprezo, como se isso fosse sua obrigação, e então lutava com unhas e dentes para provar uma coisa. Contudo, ela ainda não sabia que coisa era essa.

Sem esboçar o menor sinal de reação, Derek fixou o olhar em Mick. Angel sabia que Mick parecia muito mais velho e experiente do que qualquer outro rapaz de 16 anos. Ela também sabia que, lá no fundo, ele ainda era apenas um garoto, às vezes muito temeroso e carente, considerando que sua vida até agora tinha sido um tormento sem fim. Quando ela o elogiava, Mick ficava constrangido, mas também

fortalecido. E ela o amava como a um irmão caçula. Se Derek dissesse qualquer coisa que perturbasse Mick, ela iria arrancar seu traseiro daquele sofá e chutá-lo para fora dali.

Mas ele a surpreendeu quando segurou o bebê com apenas um braço para estender a mão para Mick. Cautelosamente, o rapaz aceitou o cumprimento.

— Aprecio muito o que você tem feito por ela. Ela se mudou para cá quando se acidentou?

— Sim, logo depois. — Mick estreitou novamente os olhos, aqueles belos olhos castanhos com os quais, ela sabia, todas as meninas da escola sonhavam. Mas Mick não tinha tempo para namorar sério. Estava ocupado demais sobrevivendo, — Se eu não estivesse aqui, não sei se ela teria sobrevivido. Estava muito ferida, e Grayson era muito pequeno e fraco, Angel sentia dificuldade até de se alimentar, mas se forçava a fazer isso porque tinha de se manter saudável para Grayson. A verdade é que eu não sei como ela conseguiu.

— Não seja melodramático, Mick. — Angel não queria que eles ficassem falando a seu respeito. Além disso, também não queria que Derek a visse como uma vítima indefesa. Mas ele parecia estar absorvendo cada palavra de Mick, analisando-as e tirando suas próprias conclusões. Ela não gostava da forma como seu interesse intenso fazia com que se sentisse.

Mais tarde, depois que tivesse compreendido exatamente quais eram suas intenções, Angel iria lhe revelar seu problema e torcer para que ele pudesse resolvê-lo. Ela pigarreou.

— Derek, se quiser pode colocar Grayson no berço. Não quero deter você.

Mais uma vez ele a surpreendeu, concordando. Depois que acomodou Grayson, ele caminhou de volta até ela, dando-lhe um beijo gentil na testa que a deixou arrepiada e sem fôlego. Ela olhou de cara feia para ele, mas segurou sua reação. Quando eles estivessem sozinhos, longe da natureza protetora de Mick, ela iria falar com franqueza o que achava desse excesso de intimidade.

Derek olhou para Mick.

— Pode me acompanhar?

O coração de Angel deu um pulo.

— Para quê? Acho que você pode encontrar seu caminho para fora daqui. É só seguir em frente.

Derek forçou um sorriso.

— Conversa de homem. Mick entende.

— Está tudo bem — disse Mick, que, apesar dos protestos de Angel, acompanhou Derek, Passou dois minutos aflita, imaginando todas as espécies de confrontações hostis. Mas quando voltou, Mick estava balançando a cabeça e quase rindo.

— E então? O que ele queria?

— Uma lista.

Ela revirou os olhos, frustrada.

— Uma lista do quê?

— De tudo que você possa precisar. — Angel ficou de queixo caído. — Também queria saber se há algum lugar seguro por aqui onde possa estacionar o carro porque planeja vir muito aqui. Falei que ele podia usar a garagem.

— Mas você não deixa ninguém usar a garagem!

— Sim, mas ele tem um carro realmente bacana, que não quero ver depenado. Ela podia imaginar que espécie de carro era: caríssimo. Por que os homens de todas as idades eram loucos por carros?

Mick deu uma mordida saudável numa imensa fatia de pizza e então foi até a cozinha pegar pratos.

— Quer suco?

Distraída, pensamentos ainda em Derek, ela respondeu: — Sim, obrigada.

Angel assumira o hábito de beber suco, porque era mais saudável para o bebê. Suco de verdade era seu único pequeno luxo.

Comeram quase em silêncio enquanto os minutos pareciam se arrastar infinitamente. Ao flagrar Angel olhando o relógio, Mick sorriu.

— Não vou embora até Derek voltar. Ele me deu a maior bronca porque a porta estava destrancada quando chegou aqui.

— Derek gritou com você? — inquiriu Angel, feroz indignação sufocando suas outras, e mais contraditórias, emoções.

— Não, só me disse que devia tomar mais cuidado. Eu... eu emprestei sua chave ao Derek. Vai mandar fazer uma cópia, para que possa ter uma e ele, outra. Disse que assim você poderá trancar a porta, e não terá de se levantar para abri-la se estiver descansando a perna, amamentando ó bebê ou qualquer coisa assim.

— Por que não lhe disse que já tinha chave e que ele não precisava de uma?

— Não pareceu uma atitude muito inteligente.

Ele ainda estava sorrindo para ela. Angel meneou a cabeça. Ela jamais vira Mick aceitar com tanta facilidade outra pessoa.

— Bem, vou dizer isso a ele. Se é que ele vai voltar mesmo.

— Ah, vai voltar, com certeza. — Mick inclinou a cabeça para ela. — Você vai contar a ele tudo que tem acontecido?

— Agora, não. Primeiro preciso ver o quanto ele vai se envolver com Grayson. Tenho de decidir se vai me ajudar ou me processar pela custódia do bebê. Não posso correr o risco de deixar que os parentes dele se aproximem de Grayson. Minha aposta é que eles serão as verdadeiras ameaças. Segundo o próprio Derek, a mãe dele é a mulher menos adequada do mundo para ser uma boa avó, e as histórias que me contou sobre seu irmão são terríveis demais para serem repetidas. — Quando Mick contorceu a boca, ela acrescentou: — E pode tirar esse sorrisinho do rosto. Não quero a ajuda dele para mais nada.

Mick lhe deu outra fatia de pizza.

— Olha, para uma mulher sozinha e desprotegida, você não tem se saído nada mal. Mas sabe tão bem quanto eu que tem tido um azar atrás do outro. Primeiro, foi demitida do emprego, depois, perdeu o apartamento, e, então, sofreu o acidente. Ainda fico nervoso quando penso no que aconteceu com seu carro. Você mal está conseguindo se sustentar. Nunca descansa o suficiente e se esforça tanto que sua perna vive doendo. Se não der descanso à perna, ela não vai sarar nunca. E que bosta, Angel, você precisa fazer fisioterapia.

Angel já havia desistido há muito tempo de conter o vocabulário relaxado de Mick. Agora se limitou a revirar os olhos.

— Vou receber mais documentos para digitar hoje. Em breve tudo estará normalizado.

Mick apenas meneou a cabeça. Realmente, não aprovava que ela ficasse acordada até tarde da noite transcrevendo documentos para empresários e universitários, mas mesmo assim a ajudava recolhendo e entregando os papéis.

Mick sabia tanto quanto Angel que suas opções eram limitadas.

Ambos olharam para a porta quando ouviram a maçaneta girar. Tinha sido trancada de acordo com as instruções de Derek. Ele pareceu imensamente satisfeito ao usar a chave para entrar no apartamento.

— Muito melhor. Angel olhou de cara feia para ele.

— Derek, você não vai ficar com uma chave do meu apartamento.

Ele não se deixou intimidar.

— Mick, pode me ajudar a trazer algumas coisas para dentro? — Claro. — Mick já estava de pé, deixando sua fatia de pizza comida pela metade. Parecia ansioso, e Angel presumiu que estivesse tão curioso quanto ela. Então, Angel lembrou a si mesma de sua decisão.

— Ei, espere aí! Não quero nem preciso de nada de você. Já lhe disse isso. Derek assobiou enquanto caminhava até a porta. Mick o seguiu, tentando disfarçar seu sorriso. Angel não o via sorrir tanto desde o dia em que o conhecera. Eles voltaram com muitas caixas e marcas variadas de fraldas descartáveis. Angel quase chorou. Usar fraldas de pano era exaustivo, mas o custo das descartáveis era proibitivo.

Enquanto traziam as coisas, Derek explicou: — A balconista da farmácia disse que algumas crianças são alérgicas a certas marcas. Depois me diga qual foi melhor, e trarei mais dessa marca. Mas estas devem bastar por enquanto.

Derek empilhou uma verdadeira parede de caixas na sala de estar, e então caminhou na ponta dos pés até o quarto de

Grayson, onde ela não podia vê-lo. O apartamento era simples, com apenas dois quartos pequenos, um banheiro do tamanho de um armário e a área da sala estar e cozinha, separadas por uma meia-parede, contra a qual ficava a geladeira. Angel bufou de raiva, principalmente quando ele retornou carregando o cesto de fraldas praticamente cheio.

— Para onde você está levando isso?

— Para a lixeira. — Ele fez uma careta, virando o nariz. — Deixei as limpas lá, para o caso de você querer usá-las como pano de limpeza ou algo assim.

Ela começou a se levantar, mas ele já tinha saído; frustrada, afundou de volta no sofá.

Quando ele e Mick terminaram de trazer tudo para dentro, ela estava com uma geladeira cheia, um banheiro praticamente abarrotado com produtos de higiene feminina e uma garganta rouca de tanto berrar queixas que Derek ignorara solenemente.

Agora Angel não apenas tinha todo o básico, como também luxos que ela não podia se permitir recentemente. Será que Mick contara a Derek que ela sentia falta de usar condicionador nos cabelos e fazer tratamento facial? Que sentia falta de loções cremosas e óleos aromáticos? Ou será que ele deduzira tudo isso sozinho? Mas não iria perguntar. Ele simplesmente teria de levar tudo de volta; ela não seria comprada. Não eram coisas materiais que ela queria ou precisava que ele lhe desse. Mick largou um saco grande atrás do sofá e se empertigou.

— Preciso ir, Tenho de estar no trabalho dentro de 15 minutos.

Derek entrou e lhe deu uma recém-comprada garrafa de refrigerante, segurando a sua própria na outra mão.

Mais um luxo que ela evitava. Costumara comprar leite, água, chá e, por motivos de saúde, suco. O refrigerante parecia tão bom que ela ficou com água na boca.

Derek apoiou o quadril no encosto do sofá, bem perto da cabeça de Angel, que esqueceu o refrigerante para se afastar. Derek piscou para ela, sabendo perfeitamente bem que ela não o queria tão próximo.

— Onde você trabalha? — perguntou Derek a Mick.

— Parte da semana na garagem da esquina. Os finais de semana no Fancy Lady, um bar da vizinhança. Lavo pratos lá.

Mick empinou o queixo numa expressão que desafiava Derek a fazer uma piadinha. Em vez disso, Derek pareceu preocupado.

— Você não é novo demais para trabalhar num lugar como esse?

— Tenho cara de mais velho, e até hoje ninguém estranhou.

— Aposto que não. — Mais uma vez lhe estendeu a mão. — Muito obrigado por sua ajuda hoje, Mick.

— Não tem de quê.

— Sabe, se você quiser passar a ter apenas um emprego, com um salário decente, tenho um amigo que está procurando por alguém.

Mick estreitou os olhos, desconfiado. Tinham sido raras as ocasiões em que desfrutara da generosidade de alguém.

— Fazendo o quê?

— Atividades variadas. Limpar, atender telefonemas, entregar mensagens. O horário é flexível, mas o pagamento é bom.

Um longo momento de silêncio transcorreu enquanto Mick considerava a sugestão. Finalmente, ele deu com os ombros.

— Vou pensar no assunto.

— Leve o tempo que quiser. O emprego estará à sua espera.

Derek trancou a porta depois que Mick saiu, e então se virou para Angel. Ele olhou fixamente para ela, que começou sua sentir a pulsação acelerar e o sangue aquecer.

— Agora.

Assustada, ela empertigou os ombros e franziu a testa.

— Agora o quê, seu... seu...? Como ousa vir aqui disposto a reorganizar a minha vida? — Ela estivera meio hipnotizada vendo a amizade daqueles dois tomar forma diante de seus olhos, que quando ele a fitara com tanto calor nos olhos ela praticamente pulara de excitação. Mas agora todas as suas preocupações começaram a retornar. — Você pode levar toda essa tralha de volta para seu quarto, e pode me devolver minha

chave. — Estendeu a mão para ele, palma para cima.

— Agora.

Derek se encostou contra a porta, observando-a por um longo tempo, aparentemente organizando seus pensamentos. Depois de um momento, ele disse: — Gosto de Mick. Ele é um bom rapaz.

Isso pegou Angel completamente de guarda baixa. Mais uma vez. Lentamente, a mão de Angel caiu de volta para o sofá.

— Sim, ele é. Não sei o que você pretendia ao fazer aquela oferta de emprego, mas se não for legítima, eu vou...

Ele sorriu.

— O que você vai fazer? Não, não precisa responder. As possibilidades são assustadoras demais para serem contempladas. — Ele caminhou até ela e sentou a seu lado no sofá. Então pegou sua mão antes que ela tivesse tempo de se levantar.

— É um trabalho de verdade, com toda certeza, muito melhor do que qualquer um que ele possa encontrar por aqui. Achei que você iria gostar de saber que ele está trabalhando em algum lugar mais seguro. Droga, eu posso até mesmo convencer meu amigo a acrescentar um carro ao emprego, para ter certeza de que ele estará protegido quando dirigir.

Angel ficou completamente sem palavras. A combinação de seu toque com aquelas palavras tirou completamente seu fôlego.

Tanta generosidade jamais fizera parte da personalidade de Derek, pelo menos ela jamais o vira agir assim.

— Não entendo você.

Ele roçou o polegar nos nós dos dedos de Angel. Ela tentou recolher a mão, mas ele a segurou.

— Sei que você não entende, e lamento por isso. Lamento por muitas coisas.

— Ele a olhou de lado, e então suspirou, o som carregado com arrependimento genuíno. — Não quero deixar você zangada...

— Então não deixe.

— Vou lhe dizer como vai ser. — Seu tom era severo, sua

expressão determinada. — Você vai ficar com tudo que eu acabei de lhe dar. E vai usá-las, também. E vai gostar, espero, mas essa parte fica por sua conta. Sei que você não gosta de mim, nem confia, neste momento, e não há qualquer problema. Entendo isso. Mas não vou simplesmente desaparecer e vir visitar você uma vez por mês durante 15 minutos. E não vou ficar de braços cruzados e ignorar você quando sei que está precisando de coisas. Eu posso lhe ajudar, e você vai aceitar minha ajuda. Deus sabe que eu já devia estar fazendo isso há muito tempo.

Angel puxou abruptamente a mão, e a manteve afastada dele. Um brilho de alegria reluziu nos olhos de Derek. Ela se sentia confusa, insegura quanto ao que fazer ou dizer em seguida. Ela jamais lidara com Derek com ele neste estado de espírito, firme mas preocupado e carinhoso. Era um pouco... encantador. Não, não pense isso. Ela não iria se apaixonar por ele de novo. Nunca mais.

Olhando de cara feia para Derek, Angel disse: — Por que simplesmente não me conta agora o que está tramando e poupa tempo a nós dois?

— O que estou tramando? Muito bem. Vejamos. Quero ajudar você. Quero que confie em mim novamente.

— Ah!

— ... e quero estar com você de novo. — Ele disse esta última parte com um leve sorriso, e as pontas de seus dedos roçaram seu queixo.

Angel desviou o rosto.

— Quero ser parte da vida de Grayson e um pai para ele. Quero mostrar a você que posso ser responsável e honrado, e que não sou um calhorda. Quero... muitas coisas.

Angel o fitou com olhos duros.

— Você é um alienígena, não é? Derek foi abduzido por uma nave espacial e colocaram você aqui no lugar dele? Esta é a única explicação que eu posso aceitar.

Ele riu, mas seus olhos pareceram tristes.

— Você gostaria disso? Que o verdadeiro Derek tivesse desaparecido de vez? Nada disso, e principalmente seu tom

sóbrio, fazia qualquer sentido. Angel se recostou no sofá e suspirou.

— Nunca lhe desejei nenhum mal, Derek. Nem mesmo quando pensei que odiava você, quando sugeriu que seria melhor para nós dois que eu abortasse. Apenas não queria mais ver você.

— Mas você me convidou de volta para a sua vida. Posso estar tentando fazer mais parte dessa vida do que você gostaria, mas não vou magoar você de novo. Eu prometo.

Sem levantar a cabeça do encosto do sofá, ela se virou para olhar para ele. Num suave sussurro, ela disse: — Realmente acredita que eu poderia voltar a confiar em você?

— Sim — ele disse, sem a menor hesitação. Seus olhos estavam escuros, sinceros e intensos, sondando sua mente, tentando ler seus pensamentos. — Posso fazer com que você volte a confiar em mim.

De forma alguma, pensou Angel. Ela jamais iria se permitir ficar numa posição tão vulnerável; o bem-estar de seu bebê dependia de sua força de vontade.

— E o que vai acontecer depois? Vai tomar meu bebê? — Sentiu um aperto no peito só de pensar nisso, e soube que o tremor em sua voz tinha sido evidente.

Não havia como evitar. Tivera consciência dos riscos envolvidos quando entrara em contato com ele, mas Mick tinha razão. Não tinha mais como lidar com seus problemas sozinha. A ameaça era real e ela estava com medo, não tanto por si mesma, mas por Grayson. Ele confiava nela, e ela precisava protegê-lo. Era isso o que mais importava.

Se, como ela suspeitava, era a família de Derek que estava por trás daquelas ameaças terríveis, ele poderia muito bem ser a única pessoa capaz de protegê-la.

Derek se levantou, virando de costas para ela. Suas mãos repousavam em seus quadris e ele parecia zangado, frustrado e, de algum modo, deprimido.

— Jamais seria capaz de tomar Grayson de você — disse Derek, suas palavras baixas e roucas. — Juraria para você, mas sei que minhas promessas não significam nada... ainda.

Tudo que quero fazer é ajudar você.

— Mas você não quis me ajudar antes. Deixou bem claro que não queria saber de mim nem do bebê.

Angel o ouviu engolir em seco, e então se virou para fitá-la. Parecia zangado, quase confuso, um pouco desesperado.

— Fui um imbecil. Um idiota e um bastardo. Estou aqui agora, Angel. Não me exclua.

Ela realmente não tinha muitas opções. Era difícil pronunciar as palavras, mas ele parecia tão diferente, nem um pouco parecido com o homem que ela conhecera. Além disso, as reações e os sentimentos que ela nutria por ele também estavam diferentes. Ele tocava alguma coisa em seu coração da qual o velho Derek nem chegara perto. Ela supunha que qualquer pessoa poderia mudar, e sabia o quanto Grayson afetara sua vida, o impacto que provocara nela.

Como se tivesse lido sua mente, ele sussurrou: — Grayson acertou um soco no meu coração. Uma pessoa tão pequena e frágil, sangue do meu sangue. — Estreitou os olhos. — Você mesma disse isso. Como você se sentiu quando o segurou no colo.

— Mas eu o gerei e sofri todas as mudanças da gravidez. Tive enjôo matinal, passei noites em claro quando ele chutava, ficava cansada o tempo inteiro. Eu o senti crescer e o vi nascer. Eu o vi respirar pela primeira vez, eu escutei seu primeiro choro.

— Acha que eu não lamento ter perdido tudo isso?

Ele parecia muito sincero, mas ela simplesmente não sabia o que pensar. A não ser que planejasse tomar o bebê dela, Angel não via nenhum motivo para que ele estivesse fingindo aqueles sentimentos. Ela vasculhou o rosto de Derek, mas foi um esforço inútil; fosse lá o que ele sentisse, estava adequadamente escondido. Droga, ela tinha poucas escolhas nesta situação.

— Está bem.

Derek exalou um suspiro, correu uma das mãos pelos cabelos, esfregou o queixo, e sorriu.

— Certo. Puxa, estou feliz por termos chegado a um acordo.

— Parecia muito aliviado, seus ombros não mais tão tensos, seus olhos não mais preocupados. — Bem, agora vou começar minha batalha seguinte. Eu quero levar vocês para outro lugar.

Angel fitou-a incrédula.

— Você é louco. Eu lhe dou a mão e você quer o braço inteiro!

— Por favor, querida, você não pode gostar de morar aqui.

Angel quis enfiar aquela condescendência de volta pela goela de Derek até que ele sufocasse.

— Sim, eu gosto — mentiu, sabendo que Mick era a única coisa positiva em seu atual endereço. — Aqui estou próxima do centro comercial e faço muitas transcrições em casa para empresários e estudantes. Ganho dinheiro suficiente para pagar o aluguel e manter meu seguro de vida. É conveniente, gosto dos vizinhos e não vou me mudar.

Comprimindo os lábios ele a observou demoradamente, e então decidiu não forçar sua sorte.

— Vou esquecer este assunto por enquanto.

— Você vai esquecer este assunto para sempre!

— Agora, quanto à fisioterapia. — Angel revirou os olhos, mas ele nem chegou a fazer uma pausa. — Conheço pessoas que tiveram fraturas compostas. A cura pode demorar meses mesmo com tratamento adequado, e você não teve um.

— Tenho um médico muito bom.

— Que sem dúvida lhe disse que você precisa de fisioterapia.

Sim, era verdade, mas ela não pudera nem mesmo considerar a possibilidade. Em primeiro lugar, não tinha ninguém para cuidar de Grayson; em segundo, não tinha condições de ir e voltar até o fisioterapeuta diariamente; e, finalmente, seu plano de saúde teria coberto apenas uma pequena parcela da conta. Balançou a cabeça para Derek, desesperançada.

— Já se passaram quase dois meses. É tarde demais para fisioterapia.

— Bobagem. Conheço uma profissional excelente. Vou mandar que venha aqui. Que horário seria conveniente para você?

Angel esfregou os olhos. Isso estava sendo pressão demais para ela, que subitamente estava se sentindo exausta. Esse homem invadira sua vida, suas emoções. Ela elaborava um plano muito simples, e durante algum tempo pensara que poderia funcionar. Mas, então, Derek segurara Grayson no colo, e a beijara, tirara a camisa e lhe comprara loção e fraldas descartáveis... Ela não tinha mais forças para continuar lutando contra ele, ao menos não agora.

— Derek, tenha piedade. Você está aqui. Você conheceu seu filho. Meu apartamento está entupido com coisas que você comprou. Não pode se contentar com isso por enquanto?

— Tenho muito que compensar.

Nesse ponto ela certamente não iria discordar dele.

— Bem, vamos deixar um pouco para outro dia, certo? Neste momento, eu estou exausta. Trabalhei até muito tarde ontem à noite, terminando de digitar alguns documentos que eu tinha de entregar esta manhã, e Grayson acordou chorando de fome de madrugada. Se você puder me fazer o favor de ir embora, eu vou tirar um cochilo.

— Que documentos?

Não conseguindo mais disfarçar sua impaciência, ela tornou a explicar.

— Transcrevo fichas ou anotações para escritórios locais quando uma secretária adoece, e digito monografias para universitários. Tenho certeza de que você lembra de que tenho equipamento de escritório completo, embora deva admitir que meu computador está um pouco ultrapassado.

— Você não precisa continuar trabalhando. Eu posso lhe dar o dinheiro. Então era isso: ele esperava que ela se tornasse completamente dependente dele. Angel sentiu vontade de lhe dar um tapa, e também de chorar. Nenhuma das duas coisas alcançaria o objetivo que ela pretendia.

— Vou fingir que você não disse isso.

Ele ficou parado, obviamente indeciso, e ela aguardou. Mas ele se limitou a sorrir, a expressão carregada com remorso.

— Vamos, vou ajudar você a se deitar.

Pânico se misturou ao seu cansaço. Ela não queria que ele a

tocasse de novo, que chegasse tão perto. Ele a beijara, e aquele breve contato a deixara tensa e arrepiada. Quando ele tirara a camisa, ela quase deixara escapar um gemido. Ele tinha sido seu primeiro, seu único amante. E ela jamais tivera a menor queixa quanto ao seu físico. Embora sua única noite juntos não tivesse sido maravilhosa, ela sabia que grande parte da culpa se devera à sua própria falta de participação. E agora ela sentia muita falta de um relacionamento com um homem; não necessariamente um relacionamento sexual, mas uma amizade especial entre duas pessoas que sabiam estar destinadas a serem amantes. Ou que tivessem sido amantes. E, a despeito do desprezo que sentira por Derek, não podia negar que houvera química entre eles.

O pior é que ele estava tão diferente que Angel não tinha mais certeza de que o desprezava.

— Não, obrigada — murmurou, abalada por suas próprias conclusões, com medo de suas próprias fraquezas.

Porém, ele não lhe deu ouvidos, e antes que ela pudesse reagir ele a puxou para junto de si. Com um braço rijo é musculoso em torno de sua cintura, e o outro segurando seu cotovelo, ele praticamente a carregou até o quarto. Angel podia sentir seu calor, sua força. Foi uma sensação muito boa estar sendo tratada com gentileza, e ter parte do seu fardo sustentada, mesmo que de forma tão superficial.

Fechar os olhos não ajudou, apenas a deixou mais ciente do movimento dos seus músculos, da dureza do seu corpo, do seu calor, do seu inebriante perfume. O homem estava até mesmo com um cheiro diferente, mais convidativo, mais acalentador.

Mais excitante!

A porta do quarto estivera fechada até agora, e Derek entrou e parou para olhar ao redor. Angel se afastou dele, as mãos trêmulas, e ele segurou seu cotovelo para ajudá-la a caminhar até a cama. Ela sentia vergonha de seus passos trôpegos.

— Francamente, Derek. Como acha que eu me virava quando você não estava por perto?

Foi um desperdício de comentário, a julgar pelo franzido na testa de Derek.

— Também estive pensando nisso. — Levantou as pernas de Angel para a cama e puxou o lençol e o cobertor por cima dela. — Está confortável?

Com Derek se avultando sobre ela enquanto estava deitada na cama? Os ombros dele pareciam firmes, seu peito, largo. Mais cedo, quando o vislumbrara sem camisa, ela notara os resquícios de um bronzeado. Ele estivera recentemente num clima quente, bronzeando-se.

Os cabelos escuros, macios e sedosos pendiam sobre a fronte de Derek, e vestígios de barba surgiam em seu rosto. Não, ela estava tudo, menos confortável.

— Estou bem.

— É um quarto bonito. Ele... ele combina com você.

As coisas que ele dizia pareciam muito estranhas, como se outro homem houvesse se apossado de seu corpo. Derek jamais comentara sobre sua mobília, ou mesmo parecera notá-la. Seus móveis e objetos eram bonitos, mas não tinham sido escolhidos por um decorador de interiores, como os dele.

Mesmo assim, eram dela, e ela os amava. Odiara gastar boa parte de suas minguadas economias pagando uma empresa de mudança para trazê-los de seu antigo apartamento para este, mas ela não podia fazer o trabalho sozinha, não dispunha de amigos a quem recorrer, e se recusava a viver com os móveis de outra pessoa.

Além disso, os objetos familiares lhe proporcionavam conforto, como se sua vida inteira não houvesse sido reorganizada pela vingativa mão do destino.

Incapaz de se conter, disse: — A cama é nova.

— É? — Derek olhou para a cama, mas Angel pôde perceber que ele não havia notado.

— Pensei em queimar a outra para exorcizar as lembranças terríveis associadas com ela, mas, apesar do benefício emocional que isso iria me trazer, seria um desperdício em vista da minha situação financeira. — Ela acomodou um travesseiro atrás da cabeça e sorriu para ele, apreciando sua carranca e o rubor em suas faces. — Em vez disso, vendi a cama. Bem barato.

Com a graça ameaçadora de um predador, Derek se aproximou devagar da cama e se debruçou sobre Angel, olhos jamais se afastando dos dela. Abaixou a cabeça até seus rostos estarem separados por poucos centímetros.

Angel afundou no travesseiro e prendeu a respiração. A voz dele soou baixa, rouca, sedutora.

— Querida, você continua me provocando, praticamente me desafiando com esses seus olhos grandes e verdes.

A atenção de Derek se desviou dos olhos para a boca de Angel, que mordiscou o lábio. —Derek...

— Shh. — Os lábios de Derek roçaram os dela, bem de leve, excruciantemente tentadores. — Eu lhe disse que nunca mais vou magoar você. Acredite nisso. Além do mais, é cedo demais para muitas coisas, mas não para isto.

Este foi todo o aquecimento que ela teve antes que a boca de Derek se acomodasse na sua para devorá-la com suavidade. Angel arfou alto, agarrando o cobertor macio ao lado de seus quadris, cerrando os pulsos para se conter e não responder ao beijo. Mas isso era impossível.

Nada parecido jamais acontecera com ela. Com certeza, não havia sido assim entre eles antes, ou ela lembraria.

Calor explodiu, irradiando para seus braços e pernas em ondas aguilhoantes; por trás de seus olhos cerrados ardiam pequenas fagulhas. Ela se contorceu — e então sentiu a língua de Derek ao mesmo tempo em que ele gemeu, exalando o som, permitindo-lhe senti-lo muito fundo dentro dela. Úmido e quente, ele se moveu para um ângulo melhor e ela se ergueu até ele, sequiosa por mais.

Uma eternidade pareceu se passar antes que o beijo terminasse antes que Derek recuasse lentamente, plantando beijinhos ao longo ao caminho. Ele respirou fundo, mas quando levantou a cabeça estampava um sorriso gentil no rosto.

Angel não confiava em si mesma para, falar.

— Não me olhe deste jeito — ralhou Derek.

— De que jeito?

— Como se estivesse com medo, e arrependida. — Com o

polegar ele roçou o canto da boca de Angel. — De um jeito ou de outro, tudo acabará bem.

A realidade se intrometeu.

— Derek, jure para mim que você não irá contar a ninguém a respeito de Grayson.

— Vai acreditar em mim? Lágrimas encheram seus olhos.

— E tenho escolha? Não quero fugir de novo. Eu não...

— De novo?

Ele a deixara nervosa; esse era o único motivo para ela ter cometido tamanho deslize. Balançando a cabeça, disse: — Se contar à sua família a respeito de Grayson, irei embora. A mão grande e quente de Derek segurou em concha sua face.

— Não vou permitir que eles importunem você, querida, e não vou deixar que vá embora.

Angel temia que eles já a estivessem importunando, porque não conseguia pensar em mais nenhum inimigo que poderia possuir. Apenas não conseguia entender por que eles estariam interessados em feri-la. A não ser que soubessem a respeito de Grayson e estivessem com medo de que ela iria chantagear Derek para casar com ele. Angel simplesmente não sabia até que ponto eles poderiam chegar para proteger seu filho de uma mulher que consideravam inferior.

As mãos de Angel tremiam, assim como sua voz.

— Como você poderia detê-los, se descobrissem? Principalmente o seu irmão. —Ela estremeceu, sabendo que seu medo pelo irmão dele era injustificado, baseado apenas nos comentários dramatizados de Derek e em sua própria imaginação desenfreada. Mas na mente dê Angel ele havia se tornado seu maior pesadelo, e ela estava com muito medo. — De todos, é ele quem me assusta mais.

Ele se afastou, observando-a atentamente.

— Angel...

— Não! Eles não podem saber. Nunca. Pode parecer egoísmo da minha parte, mas não me importo. — As mãos de Angel tremiam porque ela sabia que se ele decidisse tomar seu bebê nada poderia detê-lo. E ela já estava descobrindo o quanto era fraca contra ele. — Sou uma boa mãe, Derek, juro.

Ele suspirou.

— Nunca duvidei disso, meu bem. — Ele se levantou relutante da cama e tirou uma caneta do bolso. Usando um bloco que ficava na mesinha de cabeceira, rabiscou alguns números. — Vou lhe dar meu telefone.

— Já tenho.

Ele ficou sem ação por um instante, parecendo constrangido, e então meneou a cabeça.

— É difícil me encontrar em casa ultimamente. Estes são os números do meu celular e do meu pager. Você sempre vai conseguir falar comigo ligando para eles. Se um dia precisar de mim, para absolutamente qualquer coisa, ligue para um desses dois números.

Angel assentiu, sentindo-se tola por ter brigado com ele. Estava apenas muito cansada de sentir medo. Ele segurou novamente seu rosto.

— Voltarei amanhã. — Os olhos de Derek sondaram os dela. — Vai estar aqui?

— Vou.

— Bom. — Ele se curvou e a beijou mais uma vez. — Muito em breve você vai parar de ter medo, Angel. E vai começar a confiar em mim. Prometo.

Enquanto ele saía do quarto, Angel olhou para o papel com os números. Por algum motivo, apenas possuir alguém para quem telefonar fazia com que se sentisse mais segura.

Ouviu a porta da frente fechar, a fechadura ser trancada, e abaixou a cabeça de volta para o travesseiro, fechando os olhos. Ao adormecer ainda segurava o papel.

CAPÍTULO QUATRO

— Fui SEGUIDO ontem à noite — disse Dane no minuto em que Alec sentou na cadeira. Ele olhou para seu melhor amigo e aguardou sua reação.

— A partir da casa da mulher?

— Não, graças a Deus. Mais tarde, da minha casa. Estava escuro, e não faço a menor idéia de quem era, mas não gosto disso. Quero que você vigie meu apartamento. Está na cara que há alguma coisa acontecendo, e não quero que ela se machuque.

— O homem que estava com ela ontem?

Dane fez que não com a cabeça, mais uma vez lembrando o quanto Mick tinha sido protetor.

— Não, ele é um menino, e até onde posso dizer, uma bênção para ela. Se não tivesse sido por Mick, Angel provavelmente não teria conseguido sobreviver.

Alec não disse nada. Essa era uma das coisas que Dane mais gostava nele. A não ser a trabalho, Dane era incapaz de se intrometer na vida dos outros. De fato, era um dos sujeitos mais discretos que ele já conhecera.

— Há alguma coisa nela que simplesmente não faz sentido. É como se ela quisesse Derek por perto, mas apenas por estar sendo forçada a isso. — Ele balançou a cabeça de novo. — Não, isso não é completamente verdade. Tem alguma coisa ali, mas certamente não é confiança ou amizade. Ela desencadeou a situação, mas agora que estou próximo.... ou melhor, agora que Derek está próximo, ela está tentando recuar. Acho que ela conseguiu mais do que queria.

— Quer que eu investigue os antecedentes dela, quando estava envolvida com seu irmão? — Agora quase tão negros quanto seus cabelos, os olhos de Alec estavam diretos e penetrantes. Dane sabia que ele poderia descobrir qualquer coisa que quisesse. Às vezes, era como ele descobria as coisas

que o deixava curioso.

— Não. — Ele não queria ninguém xeretando o passado de Angel, além dele próprio. Ele não tinha a menor idéia de que pistas ele poderia descobrir, mas elas eram apenas do seu interesse, de mais ninguém.

Alec não questionou sua atitude protetora. Ele iria descobrir o que acontecera com seu irmão, mas iria descobrir do seu jeito, e isolar o envolvimento de Angel o máximo possível.

Afinal de contas, ela era mãe de seu sobrinho; por enquanto, essa era toda a justificativa de que ele precisava.

— Vou cuidar disso. Inclusive, mandei Raymond vir aqui hoje.

Alec resfolegou, remexendo inquieto seu corpanzil na cadeira. Usava, como era seu costume, calça jeans e camisa de flanela, seus cabelos puxados para trás num rabo de cavalo. Parecia um ladrão, um bandido. Dane sorriu.

— Você também não gosta dele? Por quê? Alec deu com os ombros, indiferente.

— Realmente não o conheço.

— Droga, Alec...

— Alguma coisa nele não parece certa. Você mesmo sabe disso.

— Sim. Também sei que você desconfia até da própria sombra. — Dane presumia que sua própria antipatia por Raymond era pessoal. Ele estava noivo de sua irmã, Célia, e Raymond era parecido demais com seus próprios parentes — implacável, com a atenção voltada apenas para os negócios. Ele e Célia, provavelmente, tinham sido feitos um para o outro.

— Tenho algumas informações para você.

Dane se empertigou, pensamentos mais uma vez em perspectiva.

— Quero ouvir.

— No lugar em que o carro do seu irmão saiu da estrada havia um outro par de marcas de derrapagem. Naquele dia, havia dois carros em alta velocidade, e dois carros frearam. Infelizmente, foi o carro do seu irmão que caiu no precipício. — Alec lhe estendeu uma pasta de arquivo. — Chequei com os

policiais de serviço naquele dia. Eles disseram que aquela curva é muito perigosa, e que as pessoas vivem derrapando no local, que as marcas extras não significam nada, e que podiam estar ali há muito tempo. Mas não acredito nisso.

Dane pegou a pasta, raiva crescendo no peito enquanto pensava em seu irmão tentando escapar de outro carro. Ele iria descobrir o que acontecera.

— Há mais uma coisa.

Dane levantou abruptamente os olhos.

— Seu irmão esteve antes num bar local, um lugar de péssima reputação. Parece que bebeu imediatamente antes do acidente. O barman disse que ele se encontrou com alguém lá, mas não viu nada estranho nisso. Ele não conseguiu fazer nenhuma descrição. Disse apenas que era um homem.

— Droga! — Dane levantou de supetão de sua cadeira e se pôs a caminhar em volta da escrivaninha. Fazer o papel de seu irmão estava acabando com seus nervos. Usar o escritório de Derek, e o nome dele, estava deixando-o com os nervos fragilizados. Dane deixara esta vida para trás há muito tempo, e embora não houvesse se mudado para muito longe, conseguira manter um distanciamento emocional daquilo tudo; agora estava de volta, na pior circunstância possível. — Por que a polícia não está levando isso em conta?

— Você sabe tão bem quanto eu. Todo mundo diz que seu irmão estava agindo de forma muito estranha há um mês. Achavam que ele estava apenas sofrendo de estafa.

— Bobagem. Meu irmão era capaz de dirigir duas companhias ao mesmo tempo sem nem mesmo suar. Ele foi criado para esse tipo de vida. E simplesmente adorava isso. — Ao contrário de Dane, que odiava cada minuto da agenda empresarial.

Dane se perguntou por que sua mãe não sabia de nada disso, e por que não havia procurado a verdade.

— Não estou discordando de você — disse Alec. Pressionando a fronte, Dane murmurou: — Então, o que Angel tem a ver com tudo isso? Não acredito que ela estivesse associada diretamente com a morte de Derek, mas é possível que tenha ajudado a

abrir caminho para o assassino, talvez sem saber. Ela pode ser nossa única pista para o que realmente aconteceu, porque foi a última pessoa a estar perto dele. Mas por que Derek a tratava tão mal?

Alec mexeu os ombros, incapaz de dar uma resposta satisfatória.

Uma batida na porta fez com que os dois homens olhassem na sua direção.

— Pode entrar.

Raymond Stern entrou com seu imaculado terno de três peças e seu cabelo cortado com perfeição. Dane estremeceu ao vê-lo. Aquele homem, por mais simpático que fosse, representava tudo que ele desprezava no mundo empresarial e em sua própria família.

— Obrigado por ter vindo, Raymond.

Raymond olhou para Alec, testa franzida, desconfiado.

— Sem problema. Disse que queria conversar?

Dane assentiu positivamente e voltou a sentar atrás de sua escrivaninha. Alec se levantou.

— Preciso ir agora, a não ser que você esteja precisando de mais alguma coisa. Dane enfiou a pasta numa gaveta antes de responder.

— Não. Entrarei em contato com você mais tarde.

Enquanto Alec se retirava, Raymond correu os olhos pela sala e perguntou: — Um dos seus homens?

— Um dos meus melhores detetives.

Uma expressão de descrença, talvez de desprezo, correu pelo rosto de Raymond; — Ele está trabalhando em algum caso agora? — Antes que Dane pudesse responder, Raymond continuou: — Acho que esse negócio de detetive particular é fascinante, apesar do que sua irmã pensa.

— Mesmo? — Dane levantou uma sobrancelha, desejando que ele pudesse acertar um soco no rosto de Raymond. — E o que Célia pensa?

Ele soltou uma risadinha.

— Que você vai superar isso. Ela acha que agora que foi atraído de volta para o escritório, você vai querer ficar.

Seu tom insinuava uma pergunta disfarçada. Dane teve o impulso de assegurar a Raymond que depois que ele se casasse com Célia o negócio seria dele, com suas bênçãos. Na verdade, Dane não queria ter nada a ver com aquilo. Ele já estava irritado com o interminável trabalho burocrático e com o tédio das reuniões da diretoria. Mas decidiu não dizer nada e deixar Raymond preocupado. Deixá-lo na dúvida se a companhia fazia parte do seu acordo de casamento.

— Célia nunca aprovou minha saída dos negócios da família.

— Acho incrível que, embora você morasse perto, eu não o tenha conhecido.

— Sim, é verdade que minha própria companhia não fica muito longe, mas tenho viajado muito nos últimos anos. Alguns casos requerem vigilância constante, e isso significa que você precisa seguir todas as pistas, a despeito de para onde o levem.

Ele não acrescentou que evitara propositalmente manter contato com a família, nem lhes informara sobre onde estaria ou por quanto tempo.

E agora seu irmão estava morto e ele nem mesmo comparecera ao funeral. Encerrando este assunto em particular em sua mente, Dane passou para outro.

— Chamei você porque sei que foi transferido para cá da Aeric Corporation. Raymond se empertigou, orgulhoso.

— Isso mesmo. Depois que as intenções de seu irmão foram divulgadas, ele passou a ficar muito tempo lá. Foi assim que eu e Derek nos conhecemos. Concordei que era uma aquisição natural, pois combinava os interesses da família de vocês na fabricação de produtos de saúde com as capacidades de pesquisa da Aeric. Quando finalizou tudo, Derek me pediu para vir trabalhar com ele aqui.

— Você compareceu ao funeral?

Fazendo que não, Raymond abaixou os olhos com pesar e disse: — Não, infelizmente eu também não fui. — Ele levantou os olhos novamente, expressão resignada. — Não soube o que havia acontecido até uma semana depois, quando cheguei aqui. Derek havia me dado tempo para amarrar algumas pontas soltas. Assim, passei duas semanas finais na Aeric, e

então tirei uma folga para vender minha casa e me mudar para mais perto. Eles só me contaram quando me apresentei aqui para trabalhar. Esse também foi o dia em que conheci pessoalmente sua irmã. — Um pequeno sorriso curvou sua boca.

— Entendo.

— Quando pedi para ver Derek, fui encaminhado até Célia. Ainda estava tudo de pernas para o ar, sua mãe estava muito abalada e Célia vivia chorando. Eles não conseguiam localizar você e precisavam que a situação fosse mantida da forma mais discreta possível. A morte de Derek foi um golpe muito forte para todos eles... — De repente, Raymond se calou. Depois de alguns instantes ele prosseguiu: — Sinto muito. Não estava fazendo acusações. Sei que isso também foi muito difícil para você.

— Foi. — Dane sabiá que Raymond havia aparecido quando a companhia mais precisara dele, de sua experiência e de seu envolvimento emocional, juntamente com as bênçãos de Derek, fazendo dele o homem ideal para assumir o controle temporário. Todas as medidas possíveis foram tomadas para impedir que os acionistas entrassem em pânico. Na pior das hipóteses, ele devia ser grato a Raymond por isso.

Mas Dane deliberadamente falou pouco, na esperança de que Raymond dissesse mais. Tentar obter informações de sua irmã ou mãe tinha sido um processo muito irritante.

Sempre que ele mencionara o nome de Derek, elas ficavam solenes, deprimidas com a perda. O episódio inteiro da aquisição da Aeric, parecera muito sigiloso.

— Em todo caso, acho que posso dizer que eu e sua irmã nos afinamos bem depressa. Gosto imensamente dela.

E da companhia também, mas Dane guardou esse pensamento para si. Sua irmã era adulta, e com certeza tinha discernimento suficiente para escolher seu próprio marido.

— Derek costumava se relacionar regularmente com mais alguém na Aeric? Raymond deu de ombros.

— Com todos da diretoria, os gerentes, os...

— Não, eu quero dizer socialmente.

— Bem, havia aquela mulher, a secretária do departamento de pesquisa e desenvolvimento.

Angel! De algum modo, Derek conseguira extrair dela informações que haviam impossibilitado a aquisição da companhia. E, então, ele abandonara Angel.

— Eles tinham um relacionamento íntimo? Raymond encolheu os ombros, parecendo pensativo.

— Todo mundo achava que sim. Ela não costumava sair muito, e de repente passou a ter um compromisso sério. Ao mesmo tempo, ninguém se deu conta de que Derek estava querendo a companhia. Mas, pensando melhor, não entendo por que ninguém desconfiou que ele a estava usando. Ela era uma mulher calada e reservada, mas aparentemente muito competente. Era tão boa que o diretor do departamento de pesquisa e desenvolvimento costumava enviar informações secretas para ela através de uma caixa postal, para que trabalhasse em casa.

— Uma caixa postal? Isso é incomum. — Derek lembrou do endereço que Angel havia lhe dado, não um endereço doméstico, mas o anonimato de uma caixa postal.

Raymond mexeu os ombros.

— O supervisor dela era das antigas, e não confiava nos computadores da companhia. Ele achava que muitos segredos eram roubados através dos computadores. O problema foi que ele resolveu confiar na pessoa errada. Angel deu a Derek uma informação sobre uma negociação extremamente lucrativa que teria neutralizado a tentativa de aquisição. Claro que só descobrimos tudo isso depois que Derek largou a garota. — Ele riu. — Ela foi demitida num piscar de olhos, enquanto a maioria dos outros funcionários conseguiu manter seus empregos.

— Compreendo.

— Por que você pergunta? — Raymond se empertigou. — Ela não veio aqui pedir trabalho, veio?

Raymond pareceu chocado com a possibilidade. — Não, claro que não. Só imaginei que poderia entrar em contato com a garota para conversar com ela a respeito de Derek.

— Por quê? — Raymond estreitou os olhos e se moveu para a frente. — O que está acontecendo?

Mantendo um tom suave e quase entediado, Dane disse: — Absolutamente nada. É só que passei muito tempo sem ver meu irmão, Gostaria de conversar com pessoas que o conheceram. — Quando Raymond relaxou, Dane inquiriu: — Sabe o que aconteceu com ela?

Dane precisou manter as mãos atrás de sua escrivaninha. Seus dedos cerraram em punhos enquanto Raymond conversava e ele imaginava a humilhação sofrida por Angel. Não gostava de sentir tanta raiva por um homem morto, especialmente quando esse homem era seu irmão gêmeo. As emoções conflitantes estavam corroendo seu autocontrole.

— Não faço a menor idéia. Não a vejo desde que deixei a Aeric. Derek a expôs durante uma reunião da diretoria. Pediu que ela participasse da reunião, e então declarou abertamente onde havia obtido sua informação. Isso provou que ela não era merecedora de confiança dentro da empresa.

— Meu Deus! — Dane começou a sentir um embrulho no estômago. Raymond riu.

— Ela ficou de cara no chão, para dizer o mínimo. Mas isso talvez tenha lhe ensinado uma lição sobre manter o bico fechado a respeito de transações comerciais. Sei que você está fora deste mundo há algum tempo, mas deve saber que não há espaço para fraudes no mundo empresarial. Um patrão precisa confiar plenamente em seus funcionários. Principalmente quando eles ocupam posições como a dela.

Dane mal conseguia enxergar, tão furioso estava. A raiva corria quente como lava por suas veias; tudo em que conseguia pensar era em procurar Angel para lhe pedir desculpas e... Levantou-se abruptamente, contornando sua mesa a passos largos. Foi até o cabideiro e pegou o casaco. Raymond rapidamente se colocou à sua frente.

Dane precisou respirar fundo duas vezes antes de poder confiar em sua própria capacidade de conversar com Raymond sem arrebentar seu nariz.

Era exatamente por cauda desse tipo de coisa que ele odiava

o ramo empresarial e se afastara da família. Tubarões vorazes, era isso que eles todos eram, sem qualquer noção de humanidade ou dignidade.

Aquilo o enojava.

Raymond olhou cauteloso para ele.

— É tudo que você queria saber?

— Sim, obrigado. — Ele não suportaria apertar a mão daquele homem. Em vez disso, se virou para a porta e a abriu. — Aprecio sua ajuda, Raymond. Infelizmente, tenho uma reunião na minha agência de detetives, de modo que tenho de pedir que você se retire.

— Sim, é claro. — Ele hesitou. — Você sabe, Derek e eu éramos mais do que apenas colegas antes dele morrer. Se você quiser conversar a respeito dele, saber mais sobre ele, ficarei feliz em lhe contar tudo que puder.

Foi doloroso para Dane sorrir, mas ele conseguiu. — Obrigado. Não vou esquecer.

—Virá jantar conosco hoje?

Droga, ele havia esquecido do projeto de sua mãe para uma reunião de família. Ele estivera planejando jantar com Angel, para conhecê-la melhor.

— Provavelmente — concedeu, ciente de que sua mãe iria exigir um motivo válido para sua ausência. Seria um jantar formal em preparação para o casamento de sua irmã, durante o qual seriam discutidos deveres para com a companhia.

— Sei que está sendo muito difícil para você assumir esse papel e manter seu negócio funcionando ao mesmo tempo. Se eu puder ajudar de alguma forma...

— Não vou esquecer disso. Obrigado.

Raymond finalmente saiu, bem devagar, parecendo ter mais a dizer, mas nenhuma coragem para fazê-lo. Raymond sabia o quanto a mãe de Dane queria que ele assumisse o cargo que fora de seu irmão, mas o fato era que ele não queria a maldita companhia. Na verdade, ele permaneceria naquela função apenas o tempo necessário para descobrir o que acontecera com Derek, para descobrir a verdade.

E para acertar as pontas soltas com Angel.

ANGEL DESLIGOU, mas continuou apertando o telefone para impedir que sua mão tremesse. Por que isso não terminava nunca? Ela não havia prejudicado ninguém, não tinha qualquer espécie de poder. Não havia absolutamente nenhum motivo para que alguém a estivesse assediando.

Por um momento irrefletido, quis telefonar para Derek, mas rapidamente conteve esse pensamento absurdo. Ela não confiava nele, jamais voltaria a confiar. Até onde sabia, ele podia estar por trás de tudo o que estava acontecendo. Esse pensamento a deixou com uma sensação de embrulho no estômago.

Movendo-se lentamente, caminhou até o banheiro e jogou água no rosto quente. Então, se debruçou na pia e respirou fundo.

Quando, poucos segundos depois, ouviu uma batida na porta da frente, pulou de susto, a mão subindo até o peito.

O apartamento estava silencioso, com Grayson dormindo profundamente em seu berço. Não podia ser Mick, porque fora para a escola depois de lhe deixar mais documentos para digitar, e ninguém costumava visitá-la além dele.

Derek certamente estaria no trabalho e...

A batida soou de novo, dessa vez um pouco mais forte, e ela temeu que Grayson acordasse. Caminhou apressadamente até a porta, hesitou por apenas um momento, e então perguntou:
— Quem é?

— Ah! — alguém respondeu, satisfeito. — Muito melhor do que simplesmente deixar que qualquer visitante entre. Vejo que você está aprendendo.

— Derek? — Ela destrancou a porta e a abriu. — Sempre deixo a porta trancada, a não ser quando estou esperando por Mick. — Ela o observou por um instante, a forma casual como estava encostado na ombreira da porta, e com a gola da camisa aberta, algo que ela nunca tinha visto antes. — O que está fazendo aqui a uma hora dessas?

Ele a olhou dos pés até a cabeça. Ela usava um caftan de padrão xadrez cinza com azul. Velho e puído, o tecido envolvia

suavemente seu corpo. Era fechado na frente com um zíper, o que facilitava a amamentação de Grayson. Neste momento, o zíper estava aberto apenas o suficiente para revelar seu decote e assegurar a Derek que seus seios não estavam contidos por um sutiã. Estava descalça, provavelmente tendo assumido o hábito de não colocar sapatos dentro de casa desde que quebrara a perna.

Um assobio longo e baixo encheu o ar entre eles, e Angel sentiu seu rosto corar. Envergonhada, começou a pentear com os dedos seus cabelos, mas quando se deu conta do que estava fazendo, abaixou a mão e fechou a cara.

— Não devia estar no trabalho?

— Devia, mas senti saudade de você e preferi vir para cá.

Antes que ela pudesse se mover, ou mesmo adivinhar o que ele iria fazer, Derek se inclinou para a frente e a beijou. O toque de sua boca foi quente, macio e fugaz, deixando-a estupefata. Assumindo que era bem-vindo, Derek passou por ela. A porta fechou com um clique alto.

— Não faça coisas assim.

— Por que não? Você gosta, e posso garantir que eu adoro.

Ela sentiu sua raiva aumentar e rapidamente levantou ambas as mãos.

— Certo, certo. Você não gosta. Você se sente completamente enojada.

— Derek...

— O quê? — Ele abriu um lindo sorriso para Angel, que virou o rosto. — Gosto mesmo, querida. E juro que senti mesmo falta de você. — Ele caminhou novamente até ela, com um olhar reluzente e sondador. — Você não se importou com isso ontem no meu escritório. Você me pediu para que a beijasse.

Angel suspirou. Ele tinha razão, mas isso fora quando ela achara que ele poderia não se interessar, quando pensara que ele iria precisar de motivação.

Por um breve momento Angel se perguntou se ele estava brincando com ela, mas sua expressão era enigmática, impossível de ser decifrada.

— Este é um momento ruim — disse Angel, desconfiada e

determinada a resistir ao seu charme clássico. — Tenho toneladas de coisas para fazer.

— Eu posso ajudar.

— Derek...

Ele quase riu, mas então se conteve.

— Certo, eu sinto muito. Estou forçando você de novo. Mas, droga, tenho muita coisa para compensar e estou ansioso para começar logo.

Confusa, ela passou por ele, pegou um cesto grande de roupas lavadas que teriam de ser dobradas e sentou no sofá. — São águas passadas, Derek. Você não pode desfazer o que aconteceu, e como você não entrou em contato comigo durante todo esse tempo, preciso assumir que eu não era muito importante para você, até agora.

— Está surpresa com a rapidez com que aceitei as coisas? Mais do que surpresa; estava estarrecida.

Derek estava com as mãos enfiadas nos bolsos das calças, casaco empurrado para trás, e se embalou nos calcanhares como se estivesse pensando.

Finalmente, cabeça baixa, sentou ao lado dela. O silêncio pesava. Ele se virou para ela.

— Sinto muito. — Encolheu os ombros largos, franqueza estampada no rosto. — Não tenho nenhuma desculpa, absolutamente nenhuma, para explicar por que fui tão calhorda. Queria ter, queria poder inventar alguma história aceitável para ajudar a amenizar um pouco sua dor. Mas o que eu fiz com você foi imperdoável. Eu sei disso. Mesmo assim, quero que me perdoe.

Pasma com essa enxurrada de emoções, Angel permitiu que ele pegasse sua mão e a apertasse gentilmente.

— Você acha que pode? — Como ela se limitou a franzir a testa, ele acrescentou: — Pelo bem de Grayson?

Angel olhou para ele, grande parte das coisas que ele dissera ainda girando em seu cérebro. Ele queria perdão, embora admitisse que não havia desculpa para seu comportamento? E usar o bem-estar do bebê contra ela... mas essa era sua maior preocupação, a razão que a levara a fazer contato com ele.

Só que não agiu da forma que ela esperara, da forma como planejara. Esperara que ele aceitasse com relutância mandar seus parentes pararem de ameaçá-la... se eram eles que estavam fazendo isso. Ela nem queria imaginar a possibilidade de outro inimigo.

Ela queria apenas viver em paz, ser capaz de tomar conta de si mesmo e de seu filho, sem temer o perigo.

A mão dele era grande e quente, e mais uma vez ela percebeu a aspereza que ela jamais notara antes. Para ganhar um pouco de tempo, ela disse: — O que você tem feito? — Ela virou a palma de Derek e olhou para ela. — Você está com calos na mão.

Ele piscou, e então olhou para a mão.

— Não vai acreditar se eu disser que tenho cortado lenha, vai? — disse com um sorriso maroto.

— Dificilmente.

— Eu sei. Em geral, não faço o tipo físico. Ela meneou a cabeça.

— Não, você está em boa forma física, como sempre. Mas porque freqüenta a academia, e não porque realiza trabalhos físicos.

Angel continuou olhando para a mão de Derek, e ele a levantou até o rosto dela. Ali, envolveu o queixo de Angel com os dedos e ergueu seu queixo para que fazê-la fitar seus olhos. Os olhos dele estavam reluzentes e intensos.

— Estou feliz por você ter notado, mas não importa. Vai tentar me perdoar? A voz dele soou suave e lisonjeira. Ela odiou a si mesma por querer acreditar nele novamente, por querer tantas coisas ridículas. Mas já fazia muito tempo que estava sozinha. Seu cérebro começou a buscar alucinadamente alguma resposta, alguma forma de repeli-lo.

— Poderíamos começar de novo — disse Derek. — Estou diferente agora, e tudo será diferente. Se eu tiver uma recaída e decepcionar você e Grayson, então poderá me mandar às favas. — Diante dos olhos cépticos de Angel, ele desenhou uma cruz no peito. — Eu prometo. A decisão é sua. Você tem razão sobre a minha família. Neste momento, eles não seriam bons

parentes para Grayson e provavelmente fariam da sua vida um inferno.

Se Angel tinha razão, eles não apenas já estavam fazendo da vida dela um inferno, como estavam determinados a torná-la ainda pior. Mas ela preferiu não revelar isso, por enquanto.

Derek sorriu.

— E como eu planejo estar envolvido, significa que eles também iriam me infernizar. Eles não precisam saber nada sobre Grayson. Nem sobre você. Ao menos não até você estar pronta. — Enquanto ela abria a boca, ele acrescentou: — Se algum dia você estiver pronta.

Angel não tinha qualquer defesa contra o otimismo dele, seu bom humor. Seria impossível permanecer irritada quando ele estava sendo tudo que ela sempre quisera... para o bem de Grayson.

— Está bem.

Seu sorriso foi largo, sensual, sugestivo.

— Obrigado. Droga, mas você sabe como fazer um homem caminhar sobre ovos. Espero que seja a última vez que você me testa, porque meu coração não vai agüentar.

Ela resfolegou, pois não estava preparada para acreditar que seu coração estava envolvido. Então Angel mal conseguiu acreditar nos seus olhos quando ele pôs o cesto de roupas entre eles e começou a dobrar os lençóis do bebê.

— Eu deixei você chocada, não foi? Bem-feito, porque você não imagina quantas vezes tem me chocado ultimamente. — Ele levantou um macaquinho de neném, atrapalhou-se por um momento, e então o estendeu para Angel. — Acho que vou deixar as peças mais complicadas para você, e me ater aos cobertores e... — Sua voz morreu na garganta quando ele pegou uma calcinha no cesto. Era de seda cor-de-rosa, e a julgar pelo quanto suas faces esquentaram ela devia estar vermelha como um pimentão. Ela tornou a calcinha da mão dele.

— Se disser uma só palavra eu boto você pra fora daqui.

— Estou mudo. — Ele continuou a dobrar, agora em silêncio, mas ela podia ver seu sorriso diabólico.

Ele estava, muito diferente, o completo oposto do Derek que ela conhecia, o homem que ela não poderia perdoar ou se permitir gostar. Este Derek era prestativo, generoso, caloroso e, de algum modo, ainda mais homem por causa disso. No passado, ela havia se sentido atraída por sua confiança, beleza e sofisticação. Ela ficara tão estupefata, tão lisonjeada com sua atenção, que não conseguira pensar direito. Então, ele a havia desacreditado, de todos os modos possíveis.

Eles trabalharam praticamente em silêncio, Derek cantarolando baixo, até as roupas lavadas estarem todas dobradas e guardadas.

Depois que Angel guardara suas roupas íntimas na penteadeira, deixando Derek encarregado de guardar as coisas do bebê, ela o encontrou parado diante do berço de Grayson, simplesmente observando o bebê dormir. Quando se aproximou de Derek nas pontas dos pés e parou ao seu lado, de algum modo sua presença ali, compartilhando da alegria pura de ver o bebê ressonando baixinho, pareceu-lhe completamente natural.

Quando Grayson se remexeu no berço e resmungou sem acordar, Derek abriu um sorriso, um sorriso pequeno e orgulhoso que tocou o coração de Angel e a fez se sentir muito aquecida e satisfeita. Ela se virou e saiu do quarto.

Ela mal chegara à cozinha quando a mão de Derek pousou pesadamente em seu ombro. Seu pulso acelerou, sua respiração ficou descompassada. Lentamente, ele a virou e sussurrou "Angel" num tom baixo, rouco e afetado por uma emoção que ela não poderia classificar nem entender.

Antes mesmo de fitar seus olhos ela soube que ele iria beijá-la. Ela tentou dizer a si mesma que era o que ela queria, que precisava mantê-lo interessado para ter sua ajuda, mas ela sabia que estava mentindo. Ela queria seu beijo. E ele não a decepcionou. Não foi um beijo casual, como o que ele lhe dera quando chegara. Não, desta vez sua boca devorou a dela, sem hesitação, quente e faminta, a língua imediatamente deslizando para dentro de sua boca, enquanto suas mãos seguravam seu rosto e a mantinham próxima.

Apenas isso, nada mais. Ele não a beijou em mais nenhum

lugar, não passou os braços ao redor dela nem puxou seu corpo para contato completo com o seu. Angel pôde sentir seu calor cruzando os centímetros que os separavam, e queria estar mais próxima. Mas fazer amor era algo novo para ela, e ela não tinha certeza sobre como iniciar nada, ou mesmo se queria fazer isso.

Derek inclinou a cabeça, respirando rouco em sua orelha, e um gemido baixo subiu das profundezas de sua garganta. No instante seguinte, ele afastou a boca e empurrou a cabeça de Angel para seu ombro.

— Isto é loucura. Não consigo acreditar no quanto você me afeta.

Angel não sabia o que dizer. Loucura? Certamente parecia estranho, mas de uma forma maravilhosa e miraculosa. As mãos dela estavam presas entre eles, e ela podia sentir as batidas de seu coração, ferozes e rápidas.

— Por que está diferente desta vez? —perguntou em voz alta, e toda confusão que ela sentiu podia ser ouvida em seu tom.

Derek riu, e então gemeu e apertou sua coxa, finalmente juntando seus corpos.

— Simplesmente por que é diferente, porque eu estou diferente. Ele a afastou para que pudesse ver seu rosto, e então sorriu para ela.

— Quero levar você para almoçar fora.

O assunto mudara tão abruptamente que Angel foi pega de guarda baixa.

— Eu... eu não posso ir a lugar algum. Grayson...

— Vamos levar Grayson.

Ela fez que não com a cabeça, nem mesmo considerando a possibilidade deles serem vistos em público com o bebê.

— Não, eu já comi. — Ela refletiu sobre tudo que acontecera, tudo que ele fizera até agora, e então sugeriu: — Por que, em vez disso, não vem jantar aqui? — Ela se sentiu ridícula em fazer essa proposta, oferecendo-lhe um cachimbo da paz. Mas eles precisavam se reaproximar; ela precisava decidir se e o quanto podia confiar nele.

Respirando fundo para tomar coragem, ela disse: — Posso

preparar alguma coisa.

Ele vasculhou seu rosto, e seu silêncio a fez lamentar não poder retirar a oferta.

— Droga, eu gostaria disso. Juro que gostaria. Não posso imaginar uma forma melhor de passar minha noite.

— Mas...?

Ele a soltou e se virou.

— Minha mãe programou uma porcaria de jantar. — Ele balançou a mão, expressando seus sentimentos sobre o compromisso. — Minha irmã vai se casar em breve, e o jantar será uma espécie de comemoração. Toda a família vai comparecer.

— Entendo.

Ele correu indolentemente uma das mãos pelo rosto de Angel, e então riu.

— Eu duvido que você entenda. Mas em todo caso eu aprecio a oferta. Podemos deixar para outra ocasião?

— Sim, é claro.

Ele olhou para ela, para dentro dela, e ela estremeceu. Levantou a mão para pousá-la em concha em sua face.

— Ah, Angel, você sabe como enlouquecer um homem.

Como ela não sabia o que ele queria dizer, preferiu ignorar o comentário.

— Se está com fome agora, posso lhe fazer um sanduíche. Ele aceitou a oferta como um homem faminto.

— Obrigado. Está tudo bem. E, enquanto eu como, por que não me conta mais sobre Grayson, e sobre você?

Esse pareceu um pedido estranho. Enquanto retirava carne da geladeira, ela olhou com curiosidade para ele e disse: — Você sabe tudo que há para saber a meu respeito.

— Não é verdade. Conte-me sobre a gravidez, quando você descobriu... Lentamente, com a sensação de que fora mergulhada em água fria, Angel se virou de volta para ele. Ela largou uma embalagem de queijo rudemente na mesa. Era queijo que ele comprara, de modo que ele deveria gostar.

— A respeito da gravidez. Por que você quer detalhes sobre isso? Agora cauteloso, ele sacudiu os ombros e disse: — Estou

apenas curioso.

— Entendo. Você está tentando verificar se Grayson é realmente seu? Foi por isso que foi tão rude comigo quando lhe telefonei para dizer que estava grávida? Achou que eu menti quando lhe disse que você era o pai?

— Claro que não!

— Você duvidou de mim no seu escritório. Você teve a audácia de me perguntar se eu tinha certeza.

— Foi uma pergunta natural, Angel. — Ele balbuciou, parecendo atormentado. — Eu só não estava esperando que você...

— Natural? Como assim "natural", se você foi o único homem com quem já estive?

Houve um instante de silêncio.

— O único? — As sobrancelhas dele se ergueram, revelando incredulidade. Ela golpeou uma faca contra a mesa.

— Então você achou que depois que me humilhou, depois que me usou, eu ia pular na cama de outro homem? Você achou que minha única experiência sexual foi tão maravilhosa que eu tive de sair correndo em busca de mais, e como você não estava disponível, escolhi o primeiro homem que apareceu na minha frente?

Enquanto Angel falava, sua voz quase se transformou em um grito, com toda dor e vergonha retornando de repente. Ela riu, mas não foi um som feliz. Derek ficou sentado à sua frente, fitando-a, uma expressão quase comicamente vazia.

Bem, ele não estava acostumado a ouvi-la gritar. Ela sempre havia sido meiga e gentil com ele, tanto que tornara seu objetivo pateticamente fácil. A personalidade controlada que tanto o impressionara não estava mais lá. Agora Angel mudara, graças à forma como ele havia estragado a vida dela. E ele mudara também.

— Acredite em mim, Derek, você foi o único. E uma vez com você foi mais do que o suficiente.

Ela disse isso com sarcasmo, pretendendo mostrar o quanto o odiava, só que não funcionou. Ela começara a tremer e Derek subitamente estava perto dela, braços à sua volta, lábios contra

sua têmpora.

— Shh, querida, sinto muito. Muito mesmo.

— Apenas volte ao trabalho, Derek. Deixe-me em paz.

— Não posso fazer isso. — Ele se inclinou para trás, mantendo a virilha dela pressionada contra a dele, mas colocando espaço entre as partes superiores de seus corpos. — Você não quer que eu faça isso. Por algum motivo, Angel, você entrou em contato comigo.

Ela abriu a boca, mas não conseguiu pensar em nada para dizer.

— Calma. Está tudo bem. Você não precisa me contar agora. Eu vou esperar até que você esteja pronta. — O fato de que ele suspeitava que ela possuía motivos secretos deveria tê-la alarmado, mas ela estava apenas cansada demais para lutar com ele. E como desesperadamente precisava de sua concessão, ela assentiu, alívio fazendo-a desmoronar contra ele.

— Fui um idiota ontem no escritório. É claro que eu sei que você não esteve com mais ninguém. De vez em quando, os homens simplesmente dizem... coisas idiotas. — Derek parecia estar lutando para encontrar as palavras certas enquanto suas mãos subiam e desciam pelas costas dela, acalmando-a. — Não vamos mais tocar nesse assunto, certo?

Relutante, ela assentiu.

— Bom. — Ele recuou alguns passos, mas em vez de sentar novamente à mesa, começou a montar seu próprio sanduíche. — Quero ouvir tudo que aconteceu desde que nos separamos. Conte tudo, até o detalhe mais insignificante. — Ela lhe dirigiu um feroz olhar avaliador. — Há muita coisa para me atualizar, não há?

— Sim. — A distração da conversa simples iria ajudá-la a recuperar seu equilíbrio; Ela ainda não queria confiar em Derek, não até que ela tivesse certeza que ele não iria colocar em risco a segurança de Grayson. — Sim, eu vou lhe contar... tudo.

Ele ficou mais tempo do que ela previra, e fizera mais perguntas do que poderia responder. Quando Grayson

acordou, Derek trocou as fraldas do bebê, embalou-o por longos momentos, e quando Grayson exigiu ser alimentando, ele finalmente foi embora. Mas não antes de prometer que voltaria no dia seguinte.

E embora estivesse irritada consigo mesma, Angel já estava ansiosa pela próxima visita dele.

CAPÍTULO CINCO

O JANTAR PARECIA interminável. Tudo que Dane queria fazer era ir para casa e refletir sobre a revelação de Angel. Ela tinha sido virgem. Deus, ele ainda estava surpreso com isso. E excitado, também.

Pelo que Angel lhe contara, ela estivera com Derek apenas uma vez, e a relação tinha sido decepcionante.

Um calor possessivo se apossou dele. Ela não havia realmente pertencido a Derek, não da forma como uma mulher deveria, não da forma como ela iria pertencer a ele. A culpa atormentou Dane enquanto ele considerava tomá-la como sua, embora soubesse que Derek tinha sido seu primeiro e único homem. Mas a cada minuto que passava ele se sentia mais determinado a se unir a ela.

Havia inúmeras razões para isso, nenhuma delas completamente honesta, mas serviam ao seu propósito.

Dane adorava Grayson, já o amava como se fosse seu próprio filho. Dane jamais pensara em assumir o papel de pai. Já perdera essa chance havia muito tempo. Mas era precisamente porque perdera essa chance que desejava tanto proteger Grayson. Angel tinha razão em temer seus parentes; se tivessem oportunidade, eles não iriam pensar duas vezes antes de tomar o menino de Angel. Contudo, o medo de Angel também parecia exagerado, um tanto sem propósito. Cedo ou tarde eles iriam tomar conhecimento do bebê. Era inevitável.

Planejava estar lá quando isso ocorresse, para amenizar seus temores.

Angel também merecia sua proteção e o luxo que o nome Carter podia suprir. A despeito do que mais tivesse se tornado, Derek ainda era um homem rico. Grayson tinha um direito de nascença que iria abrir seu caminho para o mundo.

Derek deveria ter providenciado para que Grayson recebesse o que era seu por direito; por motivos particulares, ele não o

fizera, mas esse era um erro que Dane estava determinado a corrigir.

Dane também acreditava que Angel era o elo mais provável para descobrir o que acontecera com seu irmão. Até agora, nada parecia encaixar. Derek tinha sido um homem capaz de alguns atos bem condenáveis, mas a forma como ele tratara Angel parecia completamente anormal, até mesmo para ele. Boa parte da crueldade que ele cometera tinha sido deliberada e desnecessária. Por que Derek fizera isso? E qual era o verdadeiro motivo para Angel ter entrado em contato com ele novamente, a despeito das coisas terríveis que ele havia lhe feito?

Havia segredos ali, coisas que ele precisava descobrir, e isso também era um bom motivo para se manter em contato com a senhorita Angel Morris.

O maior de todos os motivos, obviamente, era a química entre eles. Quando tocava Angel, todos os seus sentidos explodiam, como nunca tinham feito. Nem mesmo a lembrança de suas experiências passadas com Derek podia arrefecer a reação de Angel; aquilo o estava levando à loucura.

Dane amaldiçoou seu irmão por ter complicado tanto as coisas, por tê-la ferido. E, principalmente, por ter permitido que o matassem.

No que Derek estivera envolvido?

— Dane?

Despertado de suas meditações, Dane levantou os olhos para ver sua mãe fitando-o feroz através da mesa. Ela fazia isso muito bem, pensou ele enquanto espetava um pedaço de aspargo e mastigava lentamente. A expressão de sua mãe era tão ameaçadora que a maioria das pessoas imediatamente se desculpava antes mesmo de saber o que tinham feito de errado. Aos 60 anos, ela ainda era uma mulher magra e atraente, com seus cabelos castanhos-claros elegantemente contorcidos atrás da cabeça, e seus olhos castanhos reluzindo com inteligência. Ela se mantinha em excelente forma física; seu orgulho não toleraria menos que isso.

Dane conteve um bocejo de tédio. Já fazia muito tempo que

ele havia desistido dos jogos de sua mãe.

— Quer alguma coisa, mãe?

Ela franziu a boca em irritação com sua falta de boas maneiras e respeito.

— Onde está sua atenção? Você não está acompanhando a conversa. Célia sorriu para ele.

— Por acaso está preocupado com alguma investigação, meu irmão?

Ele a fitou com um olhar reprovador. Célia estava zombando de seu trabalho como detetive particular desde que ele chegara. Ela lhe perguntara se ele carregava uma maleta de espião. A irmã de Dane parecia diferente do que ele lembrava, mais alegre, mais brincalhona. Ele gostou das mudanças.

Para sua surpresa, Raymond se manifestou, dizendo: — Ainda não está pensando em Angel Morris, está?

A mãe de Dane se empertigou e saltou sobre o assunto como uma pantera sobre uma presa. Dane sabia que sua mãe tinha planos para ele. Ela lhe reservara o lugar na cabeceira da mesa, uma imensa concessão da parte dela, e um sinal do que ela esperava dele no futuro. Ela não iria admitir nenhuma espécie de ameaça aos seus planos, e seu interesse por qualquer pessoa ou qualquer coisa que não fosse a companhia decerto seria considerado uma ameaça.

Dane ainda não havia lhe contado suas intenções, ou ausência delas, para com a família e a companhia. Ele queria amarrar todas as pontas soltas antes de revelar as notícias.

— O que é Dane? — O rosto da mãe estava alarmantemente pálido, e seus olhos faiscavam. — Do que Raymond está falando?

— Nada de importante, mãe. Apenas fiz algumas perguntas a Raymond a respeito de Angel Morris. Eu estava curioso porque Derek namorou essa moça durante algum tempo.

Célia ficou calada e voltou sua atenção para a comida. Mas a mãe não era tão reservada. Ela cerrou os punhos na mesa, mas conseguiu manter sua voz calma.

— Ele não estava namorando com ela, pelo amor de Deus. Ele apenas se aproximou dessa mulher para facilitar o

processo de aquisição. Ela era uma espécie de secretária, nada importante. Certamente, ninguém de importância para Derek.

Forçando-se a manter o controle sobre suas emoções e fingir falta de interesse, Dane perguntou: — Sabe o que aconteceu com ela?

A mãe de Dane pousou cuidadosamente o garfo ao lado do prato e, então, olhou para ele, de nariz empinado. Estava à sua direita; Célia e Raymond à sua esquerda.

— Depois que ela foi demitida, você quer dizer? Por que haveria de me importar? — Resfolegou, indignada. — Você, certamente, não está querendo que nossa empresa dê um emprego a essa mulher, está? Afinal, ela tem um histórico de revelar segredos empresariais.

— Já disse, mãe — interveio Célia num tom severo. — Derek roubou essa informação dela.

Dane teve a impressão de levar um soco no queixo. A mãe grunhiu ultrajada e Raymond, com uma expressão levemente satisfeita, observou as duas.

Ele olhou para a irmã e viu que suas faces estavam subitamente ruborizadas.

— O que você disse?

Testa franzida, Célia dirigiu um olhar longo para a mãe, e então se virou para Dane.

— Mamãe insiste em fazer dessa mulher uma vilã, embora já tenha lhe dito várias vezes que o caso não foi assim — garantiu Célia. — Na pior das hipóteses, ela foi uma vitima, e nós certamente devíamos ter lhe dado um emprego como forma de ressarcimento pelo que ela passou. O próprio Derek me explicou que Angel não lhe deu a informação de livre e espontânea vontade. Ele vasculhou os pertences dela até descobrir o que queria.

Raymond levantou o garfo, usando-o para enfatizar seu ponto de vista.

— Ah! Mas ela devia ter providenciado para que o material estivesse bem-protegido. Era sua responsabilidade. Os diretores da Aeric confiavam nessa mulher, e ela os decepcionou.

— Suponho que parte da culpa seja dela — concordou Célia em tom depreciativo. — Ela é culpada por ter confiado demais em Derek, por ter julgado que ele seria decente e...

A mãe de Dane arfou indignada e se levantou abrupta, golpeando as palmas das mãos no tampo da mesa.

— Como ousa sugerir que ele não era decente, Célia Carter? — perguntou, sua voz próxima a um grito. — Ele era seu irmão!

Beligerante e teimosa, Célia fitou a mãe.

— Mãe, ele roubou aquela informação dela. Ele a manipulou, a fez acreditar que gostava dela, e, então, se aproveitou dela de forma vergonhosa. Como eu poderia dizer que ele era decente?

Raymond acariciou a mão de Célia.

— Querida, ele apenas fez o que era melhor para a companhia. Essa foi sempre sua prioridade. — Ela dirigiu o olhar para Dane. — Como todo presidente de empresa deve fazer.

Dane esperou, observando enquanto sua mãe visivelmente se esforçava para recuperar o controle. Ver sua mãe explodir assim não apenas o surpreendeu, como o deixou curioso. Depois que ela tornou a sentar, fingindo estar calma pelas palavras de Raymond, e que Raymond levou à boca um generoso naco de sua carne de porco assada, Dane perguntou:
— Raymond, você está dizendo que não teria qualquer problema de usar uma mulher dessa maneira?

Raymond imediatamente engasgou, cobrindo a boca com o guardanapo.

— Francamente, Dane, basta desse absurdo! — protestou sua mãe. — Raymond tem nos ajudado imensamente e merece mais consideração da sua parte.

Célia olhou para Dane, um travesso sorriso de apreciação em seus lábios, e então se pôs a bater nas costas do noivo até ele conseguir voltar a respirar normalmente. Dane se recostou em sua cadeira, apreciando o jantar pela primeira vez naquela noite.

Droga, havia tanto no que pensar! Então, Angel era completamente inocente. Esse fato perfurou seu coração,

fazendo com que também se sentisse culpado, como se tivesse sido a pessoa que a traíra. Ele jurou compensá-la de algum modo. Quisesse ela ou não.

Uma hora depois, quando todos estavam reunidos no salão para beber e conversar, Dane aproximou-se da irmã.

Raymond estava ocupado bajulando a mãe deles, e Célia estava sozinha, olhando pela janela a noite escura. Ao ver Dane, Célia baixou os olhos para a mão dele e a bebida que ele estava segurando.

— Achei que você fosse abstêmio. Ele levantou a taça em saudação.

— Tônica com gelo, nada mais.

— Isso irrita mamãe, sabia? Que você não beba socialmente.

Dane lembrou de Mick, explicando com amargura que a mãe dele era alcoólatra.

— Na minha linha de trabalho, já vi muitos casos relacionados com bebida. Homens e mulheres que abandonam suas famílias por uma garrafa. — Forçando-se a ficar calmo, ele sorriu para a irmã. — Além disso, eu gosto de irritar a mamãe.

Para sua surpresa, a provocação não foi retribuída. Célia virou-se para ficar completamente de frente para ele. — Como você foi capaz, Dane? Como conseguiu dar as costas para tudo, para todos nós?

Um ataque frontal. Ele não esperara isso da irmã, mas ele apreciou que eles encontrassem um momento para colocar tudo às claras. Ele sentira saudade dela enquanto estivera longe. Embora ela fosse muito parecida com a mãe deles, também era uma mulher que pensava por si mesma, que não aceitava ordens cegamente. Ele descobrira isso esta noite.

— Eu não tinha nenhum motivo para ficar aqui, Célia. Você sabe disso. Mamãe deixou bem claro que me preferia longe.

— Ela se arrependeu disso, Dane. — Célia tocou seu braço. Seus olhos, do mesmo tom de castanho que os dele, estavam escuros, preocupados. — Ela agora entende que você realmente amava Anna, e que não devia ter interferido.

Ele resfolegou.

— É assim que você chama, interferência? Ela, deliberadamente, destruiu minha vida, acusou minha noiva de toda espécie de coisas repreensíveis, e só por que não aprovava a família de Anna.

Célia mordiscou o lábio, e então prosseguiu: — Vocês dois eram muito jovens. Além disso, ela aceitou o dinheiro, Dane. Mamãe não a forçou a isso.

— Ela fez com que Anna achasse que essa era sua única opção, como se não houvesse possibilidade de que ela viesse a ser minha esposa. Mamãe a fez pensar que jamais iria se encaixar em nossas vidas. — Mesmo enquanto dizia as palavras, ele admitiu que não estava sendo cem por cento honesto nem com ele mesmo nem com ela. — Anna estava grávida — revelou. — Depois que fugiu, ela perdeu o bebê. Meu filho.

Célia cobriu a boca com uma das mãos.

— Oh! Não, eu não sabia. Eu sinto muito.

— Contei a mamãe. Eu estava tão zangado e magoado que queria que ela entendesse exatamente o que suas manipulações haviam me custado. Você sabe o que ela disse?

Célia fez que não com a cabeça.

— Ela disse que tinha sido melhor assim.

Célia abaixou a fronte até o ombro de Dane e disse em voz calma, quase num sussurro: — Mamãe faz tudo do jeito dela, Dane. Ela nunca quis mal a você, e realmente o ama muito. É apenas que algumas vezes ela fala sem pensar.

Dane não tinha nada a dizer sobre isso. Sempre ficava impressionado em como sua irmã jamais falhava em defender a mãe deles, a despeito do que ela fizesse.

— Você vai permanecer na empresa desta vez? Nós precisamos de você aqui. Levantando uma das mãos até os cabelos claros da irmã, ele puxou delicadamente uma mecha e disse: — Você já sabe qual é a minha resposta. Ela suspirou.

— Acho que sim. Mas estava esperançosa.

— Não é para mim, mana. Eu não me sinto confortável trabalhando lá. Além disso, gosto muito de bancar o detetive para abrir mão disso.

Ela sorriu em resposta à sua provocação, e então se virou para olhar novamente para a janela.

— Sinto muita falta dele.

— Eu também. Embora nós não estivéssemos mais mantendo contato, eu sempre soube que ele estava aqui. Estávamos separados por uns poucos quilômetros, e eu sabia que podíamos entrar em contato se quiséssemos. — Dane quis dizer a ela que suspeitava que Derek tinha sido assassinado, mas se conteve. Sua irmã já tinha preocupações demais no momento. — Estou muito orgulhoso da forma como você enfrentou nossa mãe. Ela grunhiu em desgosto.

— Ela está abatida. E fica irritada se alguém sugere que Derek não era perfeito. Mas eu não posso ouvir calada quando ela acusa uma mulher inocente.

Dane achou sua irmã tremendamente especial naquele momento, e mais do que nunca lamentou o tempo que passara sem ver sua família.

— Por quanto tempo você está disposto a nos ajudar?

Até que tudo esteja resolvido, ele pensou, mas apenas deu com os ombros.

— Eu não sei. Veremos. Neste momento eu tenho cada detetive da minha agência sobrecarregado, trabalhando em dois ou mais casos ao mesmo tempo. E ficar correndo entre escritórios não vai facilitar nada. — Especialmente enquanto ele estava tentando esclarecer um assassinato.

Nesse momento ele levantou o rosto e viu que Raymond o estava olhando enquanto sua mãe sussurrava em seu ouvido, decerto regalando-o com histórias de dinheiro e poder. Era tudo que sua mãe conhecia, tudo com que se importava, e Raymond, com seu desejo de agradar, era a perfeita platéia. Dane assentiu e então olhou em outra direção.

— Você o ama?

Célia riu.

— Você fala como se algo assim fosse inimaginável.

— Apenas quero que você seja feliz.

— Eu séria feliz se você continuasse conosco. — Ela rapidamente levantou as mãos. — Mas entendo por que você

não pode. Dane, por que estava fazendo perguntas sobre Angel Morris?

A tentativa de desviar o assunto foi bem-sucedida, e ele esfregou o queixo, perguntando-se o que dizer a ela. Finalmente ele respondeu: — Acho que apenas fiquei surpreso com o que Derek fez. Não gosto de pensar que ele era capaz de fazer esse tipo de coisa. Você consegue até mesmo começar a imaginar como Angel Morris deve ter se sentido?

Célia se curvou até ele, seus ombros se tocando.

— Se serve de consolo, acho que ele se arrependeu. Ele estava muito distraído naquelas últimas semanas. E infeliz. Certa vez, ele me disse que Angel jamais iria perdoá-lo, e que ele não a culpava por isso. Era quase como se tivesse sido necessário magoá-la, embora eu nunca tenha entendido por quê. Eu planejava perguntar, para compreender, mas então ele morreu.

Dane também não compreendia, mas se sentia melhor por ter conversado com a irmã. Quanto à sua mãe, ele simplesmente esperava evitá-la para não ter de falar sobre suas intenções. Ele não queria que ninguém soubesse de seus planos até que tivesse resolvido tudo. No atual momento, ele não tinha certeza de em quem confiar, de modo que não confiava em ninguém.

Nem mesmo em Angel. Quanto mais descobria, mais motivo tinha para se perguntar por que ela procurara novamente por Derek. Ela tinha de odiá-lo por tudo que ele lhe fizera. Por outro lado, Derek também havia lhe dado seu Grayson, e o bebê parecia ser a coisa mais importante em sua vida. Talvez apenas por esse motivo ela fora capaz de se despir de parte de sua raiva e ressentimento. Talvez houvesse chegado à conclusão, muito razoável, de que Grayson merecia um pai e que Derek podia prover isso. Talvez fosse apenas orgulho maldirecionado que ainda a fazia insistir que não queria nada dele. Deus sabia que ele tivera muita dificuldade em fazê-la aceitar o básico: comida, fraldas e xampu. Ela também tinha mil motivos para se agarrar a esse orgulho, considerando a forma como fora tratada.

Quando Raymond e a senhora Carter se juntaram a eles, Raymond deslizou seu braço em torno de Célia e lhe deu um beijinho afetuoso na face. Observando-os, Dane meditou sobre a idéia de começar de novo. Desde que Anna o abandonara, aceitando o suborno de sua mãe, ele evitara relacionamentos. Não conhecera uma só mulher a quem quisera ver mais de duas vezes.

Anna não confiara nele, preferindo acreditar nas histórias de sua mãe em vez de nas dele. Ele jamais iria admitir para ninguém, mas as ações de Anna haviam provado que a mãe dele estava certa: ela não era a mulher para ele. Dane esperava, precisava, de uma mulher que lhe desse tudo, não apenas confiança, mas também inabalável lealdade. Sua alma. Anna não tinha sido capaz de fazer isso, e embora ele ainda lamentasse a perda, tinha sido a manipulação o que mais o havia magoado.

Já fazia muito tempo que Dane superara o fim de seu primeiro amor. Tinha sido uma lição a ser aprendida, e ele aprendera bem.

Desta vez podia pensar com mais clareza. Dane iria providenciar para que o mesmo não acontecesse com Angel. Ele iria agir com o cérebro, não com o coração, e cedo ou tarde iria dobrá-la. Sabia ser implacável quando era necessário. Afinal, ainda era um Carter.

Angel não tinha a menor chance contra ele.

— NÃO ESTOU gostando disso. Acho que você deveria contar a Derek.

Angel estava cansada de ouvir Mick bater na mesma tecla. Ele e Derek se afinavam muito bem, mas quem não iria se afinar com ele? Derek era generoso, prestativo, atencioso e protetor. Ele viera visitá-los todos os dias na última semana, e ajudara com tudo, desde dar banho no bebê até fazer compras e limpar a casa. Duas vezes ele trouxera o jantar, e depois lavara os pratos para que Angel pudesse colocar sua digitação em dia. Derek tentara lhe dar dinheiro, mas ele parará de insistir nisso depois que Angel lhe dissera exatamente o que

pensava.

Em vez disso, ele fazia perguntas, centenas de perguntas. De vez em quando, isso a deixava nervosa, embora não pudesse dizer por quê. Ele apenas parecia tão... diferente.

— O trabalho que ele me arrumou é fantástico.

Ela sorriu entusiasmada para Mick. Ela o estava ajudando a fazer seus deveres de casa desde as 18h. Agora já eram 21h, e praticamente não fizera outra coisa além de falar sobre Derek entre lições de cálculo e conjugação de verbos em espanhol.

— Então você gostou?

— Está brincando? Como não gostar? É uma agência de detetives, e todo mundo lá é bem tranqüilo e amistoso. Parece uma grande família.

Angel sentiu um aperto no coração. Mick nunca tivera nada parecido com uma família de que se gabar. Sua mãe quase não ficava em casa, e quando estava por perto não demonstrava o menor instinto maternal. Mick havia praticamente se criado sozinho, e Angel sabia o quanto isso poderia ser solitário.

— Eles me contaram alguns dos casos que já tiveram de investigar. Coisas como assassinatos e assaltos. Tem um sujeito, um tal Alec Sharpe, que é meio maluco, sabe? Mas não conte a Derek que eu disse isso.

Angel sorriu. Se o homem havia assustado Mick, que não costumava ter medo de ninguém, devia ser mesmo um tipo ameaçador. Ela fingiu trancar os lábios com uma chave imaginária.

— Não direi uma palavra, prometo.

— O cara tem os olhos mais escuros que eu já vi, e é muito calado, mas quando diz alguma coisa, mesmo se for para pedir um café, todo mundo ao redor dele se cala e escuta. Acho que ele é uma espécie de chefe ou algo assim.

Angel recolheu os lápis e as canetas e guardou a calculadora.

— O que você faz lá? Mick fez uma careta.

— Todo tipo de coisa: limpo, preparo café, saio para comprar donuts, organizo arquivos. E todos eles são muito legais. Não me tratam como se eu estivesse sendo pago, mas como se eu estivesse lhes prestando um favor pelo qual são muito gratos. E

Alec me deu um carro muito bacana para dirigir. Tem um baita som.

Angel sabia que o salário dele seria maior do que nos dois empregos anteriores, juntos. E ficara combinado que ele não iria trabalhar até depois das 18h nos dias de aula, e apenas até a tarde nos finais de semana. Ela era incrivelmente grata a Derek ao observar a mudança em Mick. Ele agora parecia mais um garoto comum, feliz e orgulhoso. E ele adorava Derek.

É claro que Mick não sabia tudo que acontecera entre Angel e Derek no passado. E ela nunca iria contar. Derek estava se esforçando ao máximo para provar que o passado realmente ficara para trás; por nada deste mundo ela iria macular a felicidade de Mick.

— Por que você não gosta dele, Angel?

— Mick...

— Ele poderia ajudar — disse Mick, ansioso por convencê-la. — Os telefonemas já foram muito ruins, mas agora a carta...

Ela esfregou a cabeça.

— Eu sei. A carta prova que, seja lá quem for, sabe onde me achar. Tenho pensado muito nisso. — Ela hesitou, quase com medo de revelar suas suspeitas. — É possível que seja Derek quem está por trás de tudo isso.

Ele a fitou intensamente, e então se levantou e caminhou até o fundo da sala.

— Você não pode acreditar nisso.

Ela não queria acreditar. Mas a carta provara que adotar outro sobrenome não dera certo. E Derek notara o sobrenome "Morton" na primeira vez em que viera a seu apartamento. Ela não queria pensar que ele podia ser tão vingativo, mas ele poderia ter mencionado esse detalhe para seus parentes, e eles agora estariam usando a informação para aterrorizá-la. Nisso ela podia acreditar muito bem.

— Não sei o que está havendo entre vocês dois, mas sei que você está com problemas. Está sendo perseguida, e quem estiver dando aqueles telefonemas pode ter conseguido seu número em qualquer lugar, talvez até nos anúncios em que oferece serviços de digitação. Mas ele sabe onde você mora. A

carta prova isso. Se não contar logo a Derek, pode acabar ferida.

— Bem, não posso fazer nada sobre isso esta noite. Derek tem negócios a tratar e não pode vir. E não é algo sobre o que eu gostaria de conversar por telefone. Mick assentiu lentamente enquanto vestia o paletó.

— Vou tentar protegê-la, Angel. Eu jamais permitiria que alguém a machucasse, mas nem sempre estarei aqui.

Estas palavras gelaram o sangue de Angel.

— Mick, se algum dia você ouvir qualquer coisa suspeita, ou vir qualquer pessoa perto das caixas de correio, chame a polícia. Não ouse enfrentar ninguém sozinho.

Ele não respondeu a isso, apenas caminhou até a porta.

— Vou trancar a porta quando sair.

— Mick?

— Ligue para ele, Angel. Conte para ele o que está acontecendo. Ele gosta de você e de Grayson. Eu sei que gosta.

Aquelas palavras teriam sido reconfortantes se Mick não estivesse agindo como o típico homem dominador. Por que homens de todas as idades eram tão teimosos? Ela suspirou.

— Vou pensar no assunto.

Mick olhou para ela por um momento a mais, e assentiu.

— Muito bem, a gente se vê amanhã?

Ela sorriu para ele. Tinha muita sorte de tê-lo conhecido na hora certa. Sua amizade havia tornado sua vida muito mais fácil.

— Sim. Vá dormir um pouco que precisa descansar para aquela prova. — Sim, senhora.

Depois de verificar se a porta estava bem-trancada, Angel foi ver Grayson. O bebê dormia profundamente, o que lhe daria chance de tomar um banho rápido.

Com toda a ajuda que Derek vinha lhe prestando nos últimos tempos, sua perna tivera mais tempo para se recuperar. Não doía mais tanto quanto antes, mas esta noite estava dolorida. Ela passara tempo demais, digitando, e seus músculos estavam tensos. Geralmente, um banho quente ajudava.

Deixando a porta do banheiro aberta para que pudesse ouvir Grayson caso ele chorasse, tirou as roupas e estendeu a mão até a banheira para ajustar a temperatura. Quando o vapor começou a subir, ela entrou na ducha.

Era uma sensação maravilhosa voltar a tomar banho com seu xampu perfumado, e usar todos os cosméticos dos quais abrira mão por falta de dinheiro. No começo, tentou devolver as coisas para Derek, mas ele foi tão sincero sobre querer que ela ficasse com elas, tão ansioso por aliviar a culpa de seus pecados passados, as palavras exatas com que descrevera seu deplorável comportamento anterior, que ela não conseguira lhe dizer não.

Ficou um longo tempo ali, relaxando no calor hipnótico do vapor e da ducha, até ficar sonolenta e saber que precisava ir para a cama. Grayson ainda acordava durante a noite para mamar, e ele costumava acordar mais cedo que o sol.

Ela estava saindo da banheira no momento em que o telefone tocou.

A primeira coisa em que pensou foi que deveria ser Derek, e ridiculamente seu coração disparou. Antes o telefone de Angel jamais tocava, mas agora Derek adquirira o hábito de telefonar para ela várias vezes ao dia. Muitas vezes, ele lhe telefonava para lhe dar bom-dia, ou boa-noite, mesmo se houvesse passado horas no apartamento dela.

Embrulhando-se numa toalha branca felpuda, saiu apressadamente do banheiro e entrou na cozinha para pegar o telefone. Ela estava sorrindo ao dizer: — Alô?

Uma respiração arfante a atendeu, e então se tornou um grunhido. Seu sorriso sofreu uma mudança rápida.

Abalada, Angel ia desligar o telefone e então ouviu: — Vagabunda, me dá o que eu quero.

O tom agressivo não soou humano e o sangue desceu da cabeça de Angel, deixando-a tonta.

— Eu não sei o que você quer — disse Angel, sua voz tremendo a despeito de seu esforço em se mostrar calma.

— Sim, você sabe. — Houve uma risada, provocante e alta. — Você não é tão inocente quanto gosta de fingir, Angel

Morton. Mas sua hora está chegando. Você me ouviu?

— Vou desligar agora — disse Angel, determinada a não permitir que a pessoa do outro lado da linha ficasse em vantagem.

— Recebeu minha carta? Eu sei onde você está agora. É melhor olhar onde pisa...

Angel bateu o telefone no gancho. Com o coração pulsando forte, ela abraçou a si mesma. Estava apenas parcialmente cônscia da água que escorria por suas costas, fazendo uma poça no chão. Pelos eriçaram em sua pele, mas ela estava paralisada, incapaz de se mover. Quando a batida soou na porta, ela deixou escapar um grito curto e aterrorizado, pulando para trás e se chocando contra a mesa da cozinha. Uma cadeira virou e caiu no chão. Grayson acordou, seu choro rasgando o pesado silêncio.

Ela ouviu Derek gritar: "Angel!", ao mesmo tempo em que uma chave girava na fechadura. A porta imediatamente foi aberta. Ela não conseguiu se impedir de fitá-lo boquiaberta. Como ele soubera o momento exato em que ela mais precisara que ele aparecesse?

No instante seguinte a dúvida aflorou, e ela teve de se perguntar se aquilo era coincidência ou parte de um plano. Seria possível que ele estivesse cooperando com sua família para assustá-la? Teria ela sem querer entrado no covil do leão?

Derek entrou como um anjo vingador, bateu os olhos nela, coberta por nada mais do que uma toalha, e então cruzou a sala com passos longos e zangados. Ele a segurou pelos ombros.

— O que houve? Qual é o problema?

Conseguindo despertar do estupor, Angel apertou a toalha mais em torno do corpo.

— O que está fazendo aqui?

Sem parecer intimidado por sua pergunta, ele apertou as mãos em seus ombros.

— Queria ver você. — Ele virou a cabeça na direção do choro de Grayson e uma nova linha de preocupação surgiu em sua testa. — Vocês dois estão bem?

— Sim, claro.

— Mas você gritou. — Ele se virou novamente para ela, levantou uma das mãos quando ela começou a falar e então meneou a cabeça. — Primeiro, o mais importante. Vá se enxugar. Eu cuido do bebê...

Ela estava tremendo sem controle, mas ele felizmente não comentou nada.

— Obrigada. Acho que o telefone o assustou, e, então, quando você bateu na porta...

Derek impulsionou-a para o quarto com um empurrão gentil.

— Entendo, querida. Vá. Daqui a pouquinho a gente conversa sobre isso.

A despeito do que Derek dissera, Angel o acompanhou até o quarto do bebê e se certificou de que tudo estava bem. Ela nunca deixava Grayson chorar, e mesmo agora, quando estava tão abalada, não suportava ouvi-lo agitado.

Derek segurou-o firmemente contra o peito, embalando-o, murmurando para ele, e Grayson imediatamente começou a se acalmar, gritos mudando para soluços à medida que reconhecia o perfume e a voz do pai. Derek manteve o rosto próximo ao do bebê, cheirando-o, beijando sua orelhinha, sua bochecha, enquanto esfregava as costas de Grayson. Angel sentiu um aperto no peito.

Ele se virou de repente quando notou que Angel o seguira. Lentamente, correu os olhos por ela, fixando-se, tinha certeza, nas cicatrizes ainda vermelhas em sua perna esquerda.

Ele voltou sua atenção para o bebê.

— Vá vestir alguma coisa, Angel, ou ficará resfriada.

Angel se perguntou se ele ficara repugnado por sua perna; a voz dele já era normalmente rouca e baixa. Mas as cicatrizes, com toda certeza, eram feias e naquele momento ela parecia um rato molhado.

— Está bem. Eu... voltarei logo.

Mais uma vez no banheiro, ela rapidamente se enxugou, passando um pente pelos cabelos emaranhados, e então vestiu o casaco que usava dentro de casa. Era longo e grosso, cobrindo-a do pescoço aos pés. Voltou apressada até Grayson.

Agora o bebê estava com o punho inteiro enfiado na boca, chupando alto. Ela sabia por experiência própria que isso não iria satisfazê-lo por muito tempo.

— Deixe que eu fico com ele — disse Angel. — Vou niná-lo até que volte a dormir.

Derek a olhou longamente antes de assentir.

— Deixe-me trocar as fraldas dele primeiro.

Quando Derek desapareceu no outro quarto, Angel se pôs a andar de um lado para outro.

A carta da tarde, depois o telefonema... Fora a primeira vez que ela ouvira uma voz. Geralmente, os telefonemas consistiam de respiração pesada e silêncios perturbadores. Mais uma vez, arrepios correram por seus braços e ela abaixou a cabeça, seu cérebro trabalhando intensamente. Mick tinha razão: ela precisava confiar em Derek, devia lhe falar sobre suas suspeitas. Mas ela não iria lhe contar tudo. Ela teria de se ater apenas aos eventos mais recentes. Depois que ela visse sua reação, poderia pensar em revelar o restante.

Quando ele tocou em seu ombro, ela mais uma vez pulou, virando-se para encará-lo, a mão na garganta. Sua expressão estava sombria, seus olhos estreitos, e ela soltou uma risada nervosa.

— Sinto muito. Você me assustou.

— Percebi. Mas vamos conversar sobre isso num minuto.

Ela pegou o bebê, acomodou-se rapidamente no sofá e olhou para Derek. Ele sempre saía do quarto quando ela estava amamentando Grayson, concedendo-lhe a privacidade de que necessitava, mas desta vez ele manteve os olhos fixos nela. Lentamente, o olhar jamais se afastando de seu rosto, ocupou a cadeira de frente para ela. Um calor aflorou ao peito de Angel.

— Derek...

— Nada mais de segredos, Angel.

Grayson se espremeu contra ela, ansioso por seu jantar, e ela soube, a julgar pela expressão de Derek, que não valia a pena discutir com ele. Ela desviou os olhos dos dele, deliberadamente ignorando sua platéia muito atenta, e foi alimentar o bebê. Angel ficou rija, incapaz de relaxar,

pensamentos em profusão correndo por sua mente.

Depois de um momento, Derek se levantou da cadeira e se acomodou novamente ao lado de Angel. As almofadas macias e puídas do sofá cederam com seu peso, fazendo-a se chocar com ele. Ela se sentia quente e tensa, afrontada com sua presença. Angel estava totalmente consciente da atenção dele em seu seio. Ela manteve sua atenção visual fortemente concentrada em Grayson.

Com naturalidade, Derek passou o braço em torno dos seus ombros. Ela começou a sentir dificuldade em respirar. Passou Grayson pára o outro seio, para mais perto de Derek, e quando ele adormeceu enquanto mamava, ela não conseguiu conter um sorriso.

— Ele é lindo, Angel. — A respiração cálida de Derek aqueceu sua têmpora, e ela estremeceu. — Você é linda.

A voz dele soou envolvente, e enquanto ele se aproximava ainda mais, parecendo cobri-la com seu calor, perfume e força, ela se sentiu relaxar. Isto parecia adequado.

Derek não estava fazendo nada absurdo, apenas tomando parte no que era seu de direito. Seu braço esquerdo se moveu sobre seu abdômen num abraço, logo abaixo do bebê, circulando tanto a mãe quanto o filho. Ele beijou sua testa, um beijo suave e amoroso. Lentamente, Grayson soltou seu mamilo e uma gota de leite correu por seu queixo. Com a ponta de um dedo, Derek o enxugou.

Nenhum deles se moveu. Ela percebeu que Derek estava olhando para ela, observando-a, mas não havia nada lascivo em seu escrutínio. Ele curvou a cabeça e beijou Grayson nos cabelos sedosos. Num sussurro baixo e rouco, ele perguntou: — Você quer que eu o faça arrotar e então o coloque de volta na cama? Angel assentiu.

Enquanto era levantado, Grayson se espreguiçou e soltou um arroto alto, tornando desnecessário qualquer esforço a mais nesse sentido.

Derek sorriu enquanto colocava o pequeno peso sobre seu ombro e se levantava. Ele baixou os olhos para Angel.

— Volto já — ele sussurrou. — Não se mexa.

Afora cobrir o seio e se remexer nervosa, ela obedeceu.

Era tarde, agora estando perto das 23h, mas Angel estava longe de sentir sono. Ela se sentiu envolta por muitas emoções, medo, ansiedade e antecipação, mas também um profundo contentamento. Derek era tudo que um pai deveria ser, e ela não conseguia reunir energia suficiente para não confiar mais nele. Já cansara de lutar contra si mesma para não se apaixonar por ele. Odiá-lo estava fora de questão.

Derek fechou com delicadeza a porta ao sair do quarto do bebê. Por longos momentos ele se limitou a fitar Angel através da sala. Uma pausa para reflexão, pensou Angel.

Ela parecia incapaz de se mover. Seu coração acelerou, suas palmas ficaram úmidas. Viu Derek ranger os dentes, encolher os ombros e soube, sem que ele lhe dissesse uma única palavra, que fora pego no mesmo inexplicável fluxo de emoções que ela.

Ela não fazia a menor idéia do que iria acontecer agora, mas estava ansiosa por descobrir.

E então o telefone tocou.

Angel arfou. Ao mesmo tempo assustada e irritada com a interrupção, ela olhou através da cozinha para onde ficava o telefone.

Derek olhou de cara feia para ela.

— Quer que eu atenda para você?

— Não, eu vou... — Balançou a cabeça, esfregou as palmas nas coxas. E continuou sentada, fitando o telefone.

Olhando-a com curiosidade, Derek caminhou até o telefone e o pegou ao quinto toque.

— Alô? — Ele continuou fitando Angel enquanto falava. Ela tentou disfarçar seus sentimentos, mas sabia que ele já havia percebido sua tensão.

— Alô? — disse ele com um pouco mais de esforço. Ele olhou para o aparelho, e então, gentilmente, o colocou de volta no gancho. Enquanto caminhava de volta até Angel, ela viu a curiosidade em seus olhos. — O que está acontecendo, querida? — Seu tom era macio, mas ameaçador.

Angel balançou a cabeça.

— Não sei.

Ele esperou, sem se afastar ou dizer mais nada. Angel reconheceu sua expressão teimosa, só que agora continha mais ameaça e determinação do que nunca.

— Às vezes, recebo telefonemas estranhos.

Ela não pretendia fazer uma confissão tão explícita, mas simplesmente escapou. Quando ele levantou uma sobrancelha, encorajando-a, ela prosseguiu: — Às vezes... acho que agora já foram umas dez vezes... alguém me liga e simplesmente... respira no telefone. Hoje eu finalmente ouvi uma voz. E a pessoa me disse... coisas... — Ela levantou os olhos e seu olhar cruzou com o dele. — Ele ligou imediatamente antes de você chegar.

Os olhos de Derek escureceram, suas sobrancelhas levantaram, e subitamente ele estava agachado diante de Angel, suas mãos segurando as dela, fortes mas sem realmente apertá-las. Angel compreendeu que não poderia fugir, nem mesmo se tentasse. Seu olhar era tão intenso, tão profundo, que ela estremeceu.

— Você pensou que era eu — ele a acusou.

Ele não pareceu exatamente zangado, embora ela não pudesse identificar a emoção dominante em seu tom. Ela empertigou os ombros e o encarou, desafiadora.

— Sim, pensei. Não tenho inimigos, nem motivos para ser ameaçada. Você é a única pessoa que já pareceu me odiar, e nunca entendi exatamente por quê.

Pronto, deixe que ele lide com isso, pensou Angel, e se virou para caminhar até a cozinha. Precisava beber alguma coisa, um chá quente, por exemplo. E precisava escapar de seu olhar crítico.

Com o canto do olho ela viu Derek se levantar e caminhar por sua pequena sala de estar. Com as mãos nos bolsos e a cabeça curvada, parecia imerso em pensamentos. Ela agora estava familiarizada com aquela expressão, aquela aparência de intensa introspecção. Ela o vira fazer muito isso ultimamente. Era curioso, porque não conseguia lembrar de tê-lo visto duvidar de si mesmo, ou de dar tanta atenção a algo

associado a ela, antes de seu reencontro.

Ela pôs água para ferver, e então perguntou: — Quer um pouco de chá?

— Obrigado.

Depois de ajeitar a cadeira caída, sentou à sua pequena mesa de cozinha, esperando para que a água esquentasse. Momentos depois sentiu as mãos de Derek em seus ombros, quentes e pesadas.

— O problema é que não sou eu quem está telefonando — disse Derek. — E eu não odeio você. — As mãos dele subiram até seu pescoço, acariciando, e então acomodando seus cabelos molhados atrás de suas orelhas. — Pelo contrário, Angel, quero cuidar de você.

Raiva a fez estreitar os olhos. Ela queria acreditar nele, compreender e aceitar sua ajuda. Ela se virou para olhar para ele.

— Por quê? Por que agora, quando meses atrás você deixou bem claro como se sentia? Você me humilhou de propósito na frente dos meus supervisores. Você não apenas acabou com tudo, você tentou acabar comigo. Por quê?

Ele fechou os olhos e virou a cabeça.

— Você tem razão, é claro. Não posso desfazer o passado. Posso apenas ter arrependimentos, o que não ajuda em nada. Mas agora estou aqui, e gostaria de ajudar.

Como esse havia sido seu propósito, o objetivo final de seu plano, ela devia ter ficado aliviada. Mas por algum motivo agora tudo estava diferente do que ela havia esperado.

Ele não era o mesmo homem insensível quê ela conhecera. O Derek que a magoara tinha sido para ela uma ilusão, uma imagem de força e poder pela qual ela se deixara seduzir. Ela não havia chegado a realmente conhecer o homem, apenas fora atraída por sua imagem. Mas agora ela realmente gostava de Derek, e o respeitava. Quando conseguia esquecer o passado, ela o achava divertido, e quando ele segurava Grayson no colo, o afeto em seus olhos a enchia com um calor que invadia seu coração. Na maioria das vezes, ela não compreendia o que estava sentindo.

Apenas uma coisa era certa: Grayson podia correr perigo se ela não encontrasse alguma espécie de proteção.

Ela se levantou para servir o chá, organizar seus pensamentos. Depois que colocou sua caneca ao lado da dele na mesa, Angel disse: — Ultimamente, tenho recebido muitos telefonemas anônimos, mais do que antes. Em geral, é apenas respiração e coisas assim. Eles começaram antes de eu me mudar, quando morava em meu antigo apartamento. Depois que vim para cá os telefonemas pararam um pouco, e eu pensei que havia despistado a pessoa, fosse lá quem fosse. Mas há pouco tempo eles simplesmente recomeçaram. É possível que a pessoa tenha conseguido meu número num dos anúncios que deixo nas faculdades. Os anúncios são genéricos, oferecendo serviços de digitação, mas como tenho trabalhado para universitários desde o acidente, talvez o meu número tenha sido localizado assim.

Derek assentiu.

— Muito possível, creio. Mas a pessoa que está dando os telefonemas teria de ser tremendamente determinada.

Angel estremeceu.

— Ele falou pela primeira vez hoje. Ele disse, muito claramente, que eu não posso me esconder. Ele me chamou por alguns... nomes criativos... e me disse para lhe dar o que ele quer.

Ela viu o queixo de Derek se mover e compreendeu que ele estava rangendo os dentes. Ele a fitou e ela sacudiu os ombros.

— Não sei o que ele quer. Bem que queria saber.

— Prossiga.

— Também recebi uma carta em minha caixa de correio.

— Onde está?

Ela tirou um envelope do cesto que ficava em cima da geladeira e o estendeu a Derek. A carta agora estava amassada, depois de ser examinada um sem-número de vezes, mas Derek não teve dificuldade de compreender a mensagem datilografada.

— "Eu achei você" — leu em voz alta. Ficou em silêncio por um longo tempo, com uma expressão severa. Ele jogou a carta

na mesa e se virou para ela. — Você achou que eu estava por trás disso? — inquiriu, voz estrangulada, faces rubras. — Achou que eu seria capaz de fazer uma coisa tão abjeta quanto enfiar cartas ameaçadoras na caixa de correio de uma mulher, na sua caixa de correio?

A reação de Derek foi tão real que pela primeira vez Angel teve certeza de que ele não estava por trás daquelas ameaças. Um pouco de verdade agora não machucaria. O problema foi que, quando Angel tentou revelá-la, lágrimas brotaram de seus olhos, e ela não conseguiu arregimentar coragem suficiente para acusar os parentes dele, que eram os suspeitos mais prováveis. Ainda não.

Angel meneou a cabeça negativamente.

— Não — disse ela, tentando parecer segura. — Não acho realmente que você esteja por trás disso. Mas a carta chegou depois que eu entrei em contato com você. Antes disso, eu havia recebido apenas telefonemas. E você notou o nome falso na minha caixa de correio. E agora você apareceu logo depois do telefonema, a primeira vez que ele falou comigo. São coincidências demais. — Ela vasculhou seu rosto, torcendo que a tivesse compreendido. — Eu tive de considerar você, Derek. Não posso correr riscos com a segurança de Grayson.

Os segundos se arrastaram, e então ele assentiu, relutante. Ela exalou um suspiro de alívio.

— O único motivo pelo qual entrei em contato de novo com você, o único motivo pelo qual apresentei Grayson a você, é que lá no fundo, devido a algum motivo incrivelmente insano, acho que ainda confio em você. Mesmo depois de tudo que aconteceu, pensei... pensei que você iria me ajudar. Eu torci para que você me ajudasse. — Ela engoliu em seco. — Derek... Ando tão assustada, não tenho ninguém a quem pedir ajuda.

Um constrangedor momento de silêncio caiu entre eles. Ela podia sentir emanar dele ondas de emoção: raiva, arrependimento, desejo. Então, ela estava em seus braços e a sensação foi tão boa, tão suave, que ela se aconchegou nele, tentando se encaixar completamente contra sua ereção longa e rija. Derek passou os braços em torno dela com sofreguidão,

quase violência, enquanto corria a boca por seu rosto, dando beijinhos pequenos e ansiosos até finalmente chegar a seus lábios. De repente, ele a estava devorando, e ela estava muito, muito grata por isso.

CAPÍTULO SEIS

DANE SABIA que deveria recuar, que estava cometendo um terrível erro tático. Não se encontrava completamente no controle da situação, quando deveria. Mas não podia permitir que um milímetro os separasse. Ele a queria, e desejava, neste exato instante. Até mesmo dois segundos a mais seria um tempo muito longo para esperar. E Angel estava bem macia e ansiosa contra ele, os seios pressionados seu peito, a virilha espremida contra a dele. Ela também o queria, e isso era o que importava. Ele podia deixar para cuidar dos problemas e das preocupações na manhã seguinte.

Ele daria um jeito em tudo, de um modo ou de outro, mas, por enquanto, esta noite, ele não iria dizer uma palavra sequer que pudesse esfriar o desejo de Derek.

Gemendo baixo, deslizou as mãos até seus quadris e a puxou ainda mais para perto. Deus, ela era deliciosa!

— Angel.

Ela pressionou o rosto no pescoço dele e estremeceu.

— Eu não entendo isto, Derek — disse Angel, quase gemendo. — Nunca senti nada assim antes.

Como poderia explicar a ela, quando ele próprio não compreendia? Sabia que ela iria compará-lo a Derek, e por mais que houvesse amado seu irmão, e por mais determinado que estivesse a descobrir a verdade, neste momento possuir Angel tinha precedência sobre qualquer outra coisa.

Ele a calou com mais beijos.

— Também nunca me senti assim, querida, Não se preocupe com isso agora. Apenas me permita amar você.

Ela abriu a boca contra a dele e mordiscou sua garganta. Arfando, rapidamente a pegou no colo, com muito cuidado por causa de sua perna ferida, e a levou até o quarto, empurrando com as costas a porta até fechá-la com um sonoro clique. Não queria correr o risco de acordar Grayson. Não queria qualquer

interrupção.

Ele não a deitou, preferindo colocá-la de pé ao lado da cama. Ele a queria nua, e pretendia devorá-la com os olhos. Tinha impressão de ter esperado por isso a vida toda.

Quando segurou o cinto de pano do roupão de Angel, preparado para puxá-lo, ela segurou os pulsos dele. Derek correu o olhar para o rosto de Angel e ficou surpreso em ver o quanto seus olhos tinham ficado densos e sensuais, com os cílios grossos abaixados, os olhos verdes reluzentes e quentes. Suas faces estavam ruborizadas, mas revelando desejo, não embaraço. Ela respirou, arfante, enquanto olhava para ele.

Lambeu os lábios, e até essa visão inocentemente sedutora o fez tremer.

— Não quero decepcionar você, Derek.

Ele nunca havia se importado em ser confundido com o irmão gêmeo. As pessoas sempre haviam confundido os dois. Às vezes, até seus próprios pais haviam se enganado. Antes que seu pai morresse, Derek freqüentemente pregara peças nele, confundindo-o de propósito.

Mas agora ele estava odiando isso.

Ele lhe deu um beijo intenso, que se tornou terno e faminto, prolongando-se docemente. Quando ele recuou, Angel pareceu fazer um enorme esforço para manter os olhos abertos. Ele sorriu.

— É impossível você me decepcionar, querida.

— Meu corpo mudou. O bebê...

Olhos nos olhos dela, Derek desfez o nó do cinto e desceu o roupão dos ombros. Ela abaixou os braços e o roupão deslizou por seu corpo, desnudando-a.

Angel abaixou a cabeça e desviou levemente o olhar. Por quase um minuto ele ficou sem palavras. Era mais bonita do que qualquer mulher tinha o direito de ser, e não havia nada maternal em seus seios firmes e mamilos rijos e escuros. Seu ventre era levemente arredondado e muito pálido; ele pousou uma palma grande e quente sobre seu ventre e a ouviu arfar.

— Derek...?

— Shhh. Nunca desejei uma mulher tanto quanto desejo

você, Angel. Acredite em mim quando lhe digo que não há uma única coisa em você que possa me decepcionar. — Ela possuía pernas compridas e muito sensuais, mesmo com as cicatrizes na tíbia esquerda. Ele imediatamente imaginou aquelas pernas compridas dobradas em torno dele, os calcanhares afundando na base de sua espinha, urgindo-o a prosseguir, e gemeu enquanto sua ereção pulsava, exigindo liberação.

Lentamente, para não assustá-la, desceu a palma, deslizando-a por sua pele, até estar segurando-a em concha, os dedos se emaranhando nos cachos louros-escuros sobre seu monte. Estavam úmidos e macios sob as pontas de seus dedos, e sua carne intumescida; ele respirou profundamente pelo nariz, tentando captar aquele perfume em seus pulmões. Ele se manteve imóvel, simplesmente segurando-a daquele jeito, deixando-a sentir o calor da palma de sua mão, deixando a antecipação crescer.

Angel gemeu e avançou um pouco contra ele. Agarrou os bíceps de Derek enquanto pressionava a cabeça em seu ombro.

Dane engoliu em seco e sorriu melancólico.

— Lembra de quando a toquei no meu escritório? — perguntou contra sua têmpora.

Ela meneou a cabeça.

Derek lambeu a orelha e gentilmente mordiscou o lóbulo de Angel.

— Você estava tão próxima naquela hora, Angel, e eu praticamente não fiz nada com você. Praticamente, apenas nos beijamos. — A lembrança quase o fez gemer.

Seus lábios tremeram, encorajando-o. Antecipando sua resposta, ele levou os dedos, centímetro a centímetro para baixo, deslizando por sua carne quente, abrindo suas dobras macias e roliças, tocando-a, explorando-a. Ela já estava bem quente, sedosamente úmida, e o surpreendeu com a forma como reagiu ao seu toque. Ela também ficou quase enlouquecida com uma explosiva mistura de desejo com ternura.

O corpo de Angel parecia congelado sob o dele, completamente imóvel, aguardando.

Até sua respiração estava lenta, como se não quisesse se mover por medo de perder alguma coisa. Determinação cresceu dentro dele. Ele não tinha a menor intenção de deixá-la insatisfeita; suas visões nas alegrias do sexo estavam para ser alteradas.

— Abra as pernas um pouco mais para mim, Angel. Deixe-me senti-la. Deixe-me sentir você inteira.

Com um estremecimento, o rosto bem-escondido contra o peito dele, ela cuidadosamente afastou as coxas. Ele pressionou um dedo dentro dela, enquanto ao mesmo tempo passava o braço livre em torno de sua cintura.

Ela precisava de seu apoio.

O corpo de Angel se alternava entre rígido e completamente entregue. Segurando-a contra si, atento para a forma como ela gemia baixinho e apertava seu peito, ele a acariciou. Sentiu-a contrair-se, sentiu os pequenos tremores que subiam e desciam por seu corpo. Ele a afastou um pouco, e Angel lhe permitiu a pequena separação, inclinando a cabeça para trás, o que fez os cabelos ainda úmidos descerem para fazer cócegas no braço dele. Viu seu busto subir e descer, e abaixou a cabeça para colher um rijo mamilo em sua boca.

— Ohhh...

Ele a lambeu, mordiscou-a, acariciou-a com os dedos. Ela levou as mãos do peito para a cabeça dele, e emaranhou os dedos em seus, cabelos, puxando, tentando atraí-lo para mais perto.

— Preciso sentar — gemeu.

— Não. — Ele lambeu seu mamilo úmido, observando-o enrijecer dolorosamente. A gravidez, indubitavelmente, deixara seus seios ainda mais sensíveis, e ele pretendia tirar vantagem disso. — Espere um pouco, Angel. Iremos para a cama dentro de um minuto.

Ele passou para o outro seio e a ouviu exalar um suave suspiro de entrega. Voluntariamente, ela afastou as pernas ainda mais, e se moveu contra ele. Ele recolheu o dedo completamente, provocando-a, e então afundou-o brutalmente nela novamente.

— Você está tão molhada, querida — disse com um gemido, surpreso, emocionado e tão excitado que quis morrer.

Com força, fazendo-o estremecer, ela levantou a boca de Derek até a sua, e desta vez o beijou, desajeitadamente mas com tanta fome que ele julgou que fosse explodir. Ele esfregou sua intensa ereção contra o quadril macio de Angel enquanto introduzia cuidadosamente um segundo dedo nela. Ele encontrou um ritmo que a agradou e se concentrou em satisfazê-la. Ele estava agindo com cautela, sem pressa para remover as roupas ou deitar com ela na cama, tentando manter o autocontrole. Ele não iria correr o risco de obter sua própria satisfação antes que ela houvesse obtido a sua.

Numa questão de minutos ela estava chorando, o corpo tenso e trêmulo, as mãos agitadas em suas costas e ombros.

Lentamente, ele a abaixou até a lateral da cama, de modo a deixar que suas pernas pendessem pela beirada, e então ajoelhou entre elas.

Angel se curvou para trás, as mãos apertando os lençóis, os quadris se contorcendo. Dane levantou as pernas até seus ombros, e antes que ela pudesse objetar, segurou suas nádegas nas mãos e a puxou até sua boca.

O sabor de Angel era adocicado e maravilhosamente quente. Ele a estava conduzindo ao clímax, enquanto ele próprio parecia perto de explodir. Com o coração martelando, ele encrua os pulmões com o perfume de Angel enquanto a acariciava com o nariz, aproximando-se ainda mais. Enquanto a língua dele acariciava a carne sensível de Angel, ele encontrou o pequeno broto intumescido e o sugou, provocando-o com a língua, atormentando-o com os dentes. De repente, ela deixou escapar um abafado grito de êxtase.

Rapidamente, querendo sentir cada pedacinho de seu corpo, ele introduziu os dedos de volta nela. Os músculos femininos de Angel o pressionaram, os espasmos muito fortes enquanto ela se contraía ainda mais, movendo-se contra ele e continuando a gritar e gemer, excitando-a a um nível inacreditável. Aquilo se prolongou por muito tempo, fazendo com que ele quase perdesse o controle, Ele estava tremendo

dos pés à cabeça quando ela finalmente se acalmou, com os olhos fechados, os cílios úmidos em suas faces, a boca entreaberta enquanto inspirava.

Angel nem piscou quando Derek gentilmente ergueu as pernas dela para a cama e se levantou para olhá-la. Lentamente, embebedando-se com a visão do corpo dócil e saciado de Angel, ele tirou a camisa de dentro das calças e começou a desabotoá-la.

Ele se forçou a ir mais devagar, a saborear o momento de sua posse. Mesmo aos seus próprios olhos, seus pensamentos e reações pareciam primitivos, talvez até rudes. Mas queria que ela fosse sua, apenas sua, uma sensação que ele jamais tivera antes, nem mesmo com Anna. Queria tomá-la inteiramente, possuí-la tão completamente que ela estaria disposta a perdoá-lo por qualquer coisa, disposta a confiar nele em todas as questões.

Ela exalou um suspiro trêmulo, levantou a mão lânguida até a fronte e afastou os cabelos do rosto.

Dane a observou, tão excitado que sua visão parecia borrada.

Enquanto puxava seu cinto com uma das mãos, abaixou a outra suavemente até a coxa macia de Angel.

A pele dela lhe pareceu como seda quente, e o excitou mais do que deveria.

Os cílios de Angel adejaram enquanto os dedos dele subiam cada vez mais, e finalmente ela abriu os olhos. Ela parecia entorpecida e relaxada, na iminência de adormecer. Ele sorriu e cuidadosamente correu o zíper, para revelar sua ereção latejante.

— Você grita muito bem, Angel. Eu gostei.

— Oh! — As faces de Angel se encheram com cor e ela engoliu em seco. Quando abaixou os olhos para o V aberto nas calças de Derek, ela arregalou os olhos.

— Oh!

Dane sentou na cama ao lado dela, com a mão ainda em sua coxa.

— Não, não se levante. Gosto de ver você esparramada aí. — Quando Angel voltou a relaxar, Derek usou os dedos do pé

esquerdo para descalçar o sapato, enquanto ao mesmo tempo corria os olhos pelo corpo dela. Com a ponta do dedo ele tracejou um mamilo, girando e girando até deixar escapar um gritinho de protesto. Então, correu os dedos por suas costelas, até sua barriga. Ela se remexeu abruptamente.

— Cócegas?

— Derek...

Inclinando-se sobre Angel, ele pressionou um beijo demorado em seu umbigo.

— Gosto do seu sabor, querida.

Angel deixou escapar um gemido de interesse renovado, e então tentou se virar, mas ele a deteve, segurando-a pelos quadris.

— Derek, você não pode esperar que eu...

— Sim, eu posso. — Mais uma vez os dedos de Derek deslizaram entre suas pernas, imobilizando-a enquanto salpicava uma trilha de beijos que subiu do abdômen aos seios de Angel. — Espera que você me deixe lhe dar prazer, e espero que continue apreciando meus esforços.

Ele levantou a cabeça para lhe dirigir um olhar breve, mas profundo.

— Você teve um orgasmo, Angel. Um orgasmo bom, longo e forte. E se meu palpite não estiver errado, foi o seu primeiro. Portanto, não tente negar.

Ela arfou — Eu não vou negar!

— Bom. — Quando ele sugou o mamilo de Angel, com o calor de sua boca ela se contorceu, e então puxou seus cabelos.

— Não, Derek.

Ele se empertigou e segurou as mãos de Angel perto da cabeça.

— Sim.

Antes que pudesse beijá-la, ela disse, depressa: — Quero que você tire a camisa. Quero ver você, também. Não é justo que eu fique deitada aqui, exposta, enquanto você está completamente vestido.

Seu sorriso foi lento e maroto. Ele sabia disso, mas não se importava. Ela não o estava rejeitando, conforme ele temera

inicialmente; apenas insistia em receber a parte que lhe era devida.

— Está bem. — Ele se levantou da cama. — Não se mova, Angel. Você me inspira, deitada aí desse jeito.

Ele tirou a camisa e segurou a cintura da calça. Ele se posicionou entre as pernas dela enquanto baixava a calça, ao mesmo tempo removendo a cueca. Quando se ergueu, estava nu.

Enquanto corria os olhos por ele, Angel sentiu suas faces ruborizarem de novo. Deliciado com ela, Derek conteve um riso. A interessante combinação de inocência e sensualidade ardente o estava deixando louco. Ele amava isso. Ele amava... Não, seus pensamentos se recusaram a seguir adiante, nessa direção. Ele se recordou de sua resolução.

Usando um joelho, afastou ainda mais as pernas de Angel e se abaixou sobre ela. Apoiado nos cotovelos, sorriu.

— Oi.

Em vez de sorrir em resposta, ela percorreu um dedo pelo seu rosto, sobrancelha, nariz e cova do queixo.

— Você me pegou de surpresa, Derek. Tudo está tão diferente...

— Você não para de dizer isso. — Ele não queria falar sobre o assunto agora. Pensar em seu irmão fazendo amor com ela era suficiente para fazer com que sentisse vontade de rugir de raiva.

— O que aconteceu foi... inesperado.

— Mas bom? — Mais uma vez ele segurou as mãos de Angel e as imobilizou acima de sua cabeça, deixando-a submissa aos seus desejos.

Ela pareceu pensativa enquanto continuava a analisar o rosto dele.

— Muito bom. Na verdade, incrível. Mas desde que eu voltei a ver você tem sido assim. Você olha para mim e eu pego fogo por dentro. Você me toca e eu não posso pensar direito. Tentei odiar você. Tenho um bom motivo para odiar você, mas não consigo. Isso não faz o menor sentido. A não ser que o bebê tenha me mudado de alguma maneira.

— Angel. — Ela o estava matando com suas palavras, mas ele não sabia como lhe dizer isso.

— Depois de tudo que aconteceu entre nós, pensei que sempre iria odiar você.

Ele gemeu.

— Não me odeie, querida. — Ele a beijou com ardor, a língua entrando e saindo de sua boca numa paródia do ato sexual. Ele esfregou o peito cabeludo em seus mamilos sensíveis e sentiu suas pernas dobrarem, subindo para envolver seus quadris. A junção aberta de suas pernas era uma doce tortura, o calor umedecido contra sua barriga, as coxas macias embalando-o. Ele se esfregou contra ela, seus músculos tão retesados que pareciam prestes a romper.

Quando ela se moveu, ele empurrou suavemente a ereção contra o sexo umedecido de Angel. Ela começou a se mover com ele, as bocas unidas, ambos ofegantes.

Angel se remexeu e afastou a boca, gritando.

Dane ficou surpreso com a rapidez com que ela chegou ao orgasmo de novo.

Estremecendo sob ele, a cabeça arqueada para trás, os calcanhares afundando em suas coxas.

Ele perdeu o controle. Tremendo, pegou sua calça, cujos bolsos vasculhou em busca de sua carteira. Achando um preservativo, rasgou violentamente o invólucro com os dentes. Angel ainda estava arfante quando ele se virou, capturando as pernas dela com as dobras de seus cotovelos, fazendo-a afastar bem as coxas para se arremeter dentro dela com um único golpe forte, que a fez gritar de novo.

Ele não podia pensar. Seu cérebro latejava e sua visão estava embaçada; tudo que ele podia fazer era sentir seu sabor e cheiro. Ela havia invadido seu coração, sua alma. Era ele quem se sentia possuído, e tentou se rebelar contra isso enquanto se sentia espiralar para longe. Cerrando os olhos, grunhiu e bombeou, e ao ouvir Angel gemer soube que ela estava com ele novamente. Era demais. A sensação foi de explodir, seu corpo inteiro capturado por um prazer doloroso, mas tão maravilhoso que ele quis que nunca terminasse.

Ele levou um longo tempo para retornar a realidade, ouvindo um murmúrio de Angel e sentindo o corpo dela tremer. Lentamente, sentindo-se entorpecido, ele fez força para se apoiar novamente sobre os cotovelos.

Ela estava com os cílios umedecidos por lágrimas, e os lábios inchados. Ele sentiu um aperto no coração.

Droga, a perna dela. Seus braços ainda estavam emaranhados com suas pernas, e ele sabia que ela devia estar sentindo dor. Ele a tomara com rudeza, quase brutalidade. O fato de que a havia machucado o fez tremer com raiva de si mesmo. Cauteloso, ele se empertigou, deixando que ela abaixasse lentamente as pernas. Ela gemeu e virou o rosto de lado, para não olhar para ele.

Ele segurou seu queixo e a fez olhar para ele.

— Angel, querida, me desculpe. Ela balançou a cabeça.

— Meu amor, olhe para mim.

Ela levantou as sobrancelhas e olhou para ele. As lágrimas em seus olhos fizeram doer suas entranhas. Ele pressionou a testa na dela e a beijou gentilmente.

— Sinto muito, minha querida. Não queria machucar você. Ela franziu a testa.

— Eu me empolguei um pouco. — Ele tentou sorrir, mas pareceu mais um esgar. — Você gemeu, e eu perdi completamente a capacidade de raciocinar. Sinto muito. — Ele parecia um papagaio, repetindo seguidamente a mesma frase.

— Derek...

Droga, ele odiava que ela o chamasse assim.

— Shh. Está tudo bem. — Seus cabelos, agora secos, estendiam-se emaranhados em torno de sua cabeça. Ele tentou alisá-los. — Posso lhe trazer alguma coisa? Uma aspirina ou algo assim? — Ele se sentia um idiota, tendo feito sexo com uma mulher para em seguida lhe oferecer remédio para dor.

Ela balançou a cabeça novamente e sua voz, quando falou, soou insegura e macia como um sussurro.

— Estou bem, apenas um pouco... atordoada. É sempre assim?

Agora ele estava se sentindo confuso. Ganhando um pouco

de tempo, sentou na cama e cuidadosamente se moveu para o lado dela. O corpo de Angel estivera úmido e quente devido ao seu esforço e ao calor dos dois, e tremeu ao sentir o ar frio da noite.

Segurando o lençol pela borda, puxou-o sobre ela, mas manteve sua perna exposta. Gentilmente, ele massageou sua panturrilha e a viu estremecer.

— Droga, sou um imbecil insensível. Eu…

Angel riu, segurando a mão dele para entrelaçar os dedos com os dele.

— Não, você não é. Estou bem, Derek.

Ele estava fazendo força para ignorar o uso contínuo do nome de seu irmão.

— Então, por que você estava chorando?

Ela sentou na cama e passou os braços em torno de seus ombros, aconchegando-se nele.

— Porque foi maravilhoso.

Com o coração batendo forte, Dane a abraçou de volta.

— Não machuquei você? Ela riu.

— Talvez um pouco, mas eu só fui notar… depois.

Ele a empurrou delicadamente de volta para a cama e se levantou.

— Volto já. — Com estas palavras, e uma última olhada em seu corpo nu, ele se retirou do quarto. Ele queria ter certeza de que o apartamento estaria seguro para a noite. Havia três janelas, uma na cozinha, sobre a pia, que era pequena demais para deixar passar um intruso, e uma na sala de estar, nessa mesma parede. Ele verificou se estava trancada, e então percebeu que a janela era tão velha e emperrada que abri-la demandaria um esforço hercúleo. Como ele estaria no quarto de dormir, não estava preocupado com janela do quarto. Ele já trancara a porta da frente ao entrar.

Olhou de cara feia para o telefone, mas expulsou essa preocupação específica de sua mente. Neste momento queria se concentrar em Angel.

Foi dar uma olhada em Grayson e constatou que o bebê estava dormindo profundamente. Temera que o barulho que

eles fizeram houvesse perturbado a criança, mas Grayson estava aconchegado confortavelmente em seu berço. Deitado de lado, uma face rechonchuda estava amassada, sua boquinha de botão de rosa levemente entreaberta.

Droga, Dane estava se sentindo bem. Não se sentia tão bem desde...

Ele nunca se sentira tão bem. Angel era o perfeito parceiro de cama, selvagem, desinibida e responsiva. Ela o fazia arder por dentro. Ela também era doce, carinhosa e forte.

E ela tivera Grayson, seu sobrinho, o mais poderoso elo que lhe restara com o irmão. Em seu coração, Grayson era como se fosse seu próprio filho.

Assim que ele tivesse esclarecido tudo com Angel, eles iriam trabalhar juntos para descobrir o que acontecera com Derek. Provavelmente, as ameaças que ela vinha recebendo e a morte de Derek se relacionavam. Ele odiava o desconhecido, odiava o quanto se sentia inútil ao lidar com o problema inteiro. De algum modo, ele precisava desvendar o mistério e proteger Angel ao mesmo tempo. Graças a Deus as ameaças a ela eram abstratas, não físicas. Muito antes que seu relacionamento ficasse sério demais, ele pretendera resolver tudo. Daqui por diante teria de duplicar os esforços.

Momentos depois, Dane retornou ao quarto com um pano de prato umedecido. Ele havia descartado a camisinha usada, e posto mais duas na mesinha de canto. A noite mal começara, e ele ainda estava faminto.

Angel parecia quase adormecida, e o fato de que não parecia incomodada por ele estar perambulando pelo apartamento era uma garantia de que começava a confiar nele, ao menos um pouco. Também provava, até certo grau, que ela não tinha absolutamente nada a esconder.

Ela abriu os olhos e piscou sonolenta enquanto ele sentava na beirada do colchão.

— O que você está fazendo?

— Queria apenas deixar você mais confortável. — Dito isso, ele passou o pano quente e úmido pelo rosto, pescoço e em seguida pelo corpo de Angel. Ela sorriu, arqueou o corpo para

sua mão com um suspiro de prazer.

— Você usou uma.... uma... Dane levantou uma sobrancelha.

— Uma o quê?

Apontando para o colo dele, ela disse: — Você sabe, antes de fazer amor comigo.

— Uma camisinha? Eu não queria correr riscos desnecessários. Por mais que eu adore Grayson, a última coisa de que você precisa agora é de outra gravidez, com sua perna machucada e...

— Minha situação financeira e as ameaças. Dane se curvou para beijá-la.

— Vou cuidar das ameaças. Não se preocupe com isso. E até onde me diz respeito, você não possui preocupações financeiras. Posso cuidar de tudo. — Assim que disse isso, ele levantou a mão em sinal de paz. — Não foi bem o que eu quis dizer.

Mas Angel já estava de cenho franzido.

— Já lhe disse muitas vezes, Derek, não preciso de nada seu.

Vendo os seios subindo e descendo a cada respiração, e as faces rosadas, Dane largou o pano.

— Não diria que isso é exatamente verdade. — No instante seguinte eles estavam esparramados na cama novamente. Angel gemeu o nome do irmão de Dane.

Enquanto empurrava o lençol para que nada ficasse entre seus corpos, ele sussurrou: — Querida, vou passar a noite aqui, e de manhã acertaremos tudo. Mas, por enquanto, quero você outra vez.

— Derek.

Ele iria acertar tudo em breve. Ser chamado pelo nome de outro homem enquanto fazia amor com a mulher que estava rapidamente se tornando sua obsessão era algo que ele não podia suportar.

De manhã, pensou. Ele iria resolver tudo aquilo pela manhã. Então, Angel poderia começar a aceitar as coisas. Ela poderia começar a lidar com Dane Carter. E ele faria questão de lembrar a Angel o quanto ela gostara mais dele do que de

Derek.

CAPÍTULO SETE

ANGEL ACORDOU com um gemido. Ela se sentia dolorida em lugares nos quais jamais havia pensado antes, músculos protestando enquanto se espreguiçava, a mente enevoada devido às poucas horas de sono.

Ela e Derek fizeram amor várias vezes durante a noite. O homem parecia insaciável, mas ela não tinha do que reclamar. Tudo que ele fizera com ela fora maravilhoso, ainda que um pouco chocante. Ela sorriu enquanto olhava para a janela e via o sol nascer numa explosão de luz alaranjada. Adorava a alvorada no inverno, a promessa de sol quando o tempo estava escuro e frio.

Virando de volta para o centro da cama, ela estendeu a mão para Derek, só que ele não estava lá. Angel franziu a testa, e então olhou para o relógio na mesinha de cabeceira: 8h30!

Meu Deus, fazia anos que não acordava tão tarde. Angel tentou adivinhar se Derek não estaria em outra parte do apartamento, mas foi então que notou o travesseiro.

Sentou na cama e desdobrou a folha de papel.

Desculpe por ter fugido, mas precisava chegar cedo ao escritório hoje. Não queria perturbar você... não mais do que já perturbei durante a noite.

Angel sorriu. Ela quase podia ouvir o tom prepotente em sua voz ao dizer essas palavras provocantes.

Tenho muito a fazer. Telefonarei para você depois. Fique no apartamento e não se preocupe. Vou cuidar das coisas.

Não me preocupar? Como ele esperava "cuidar das coisas", num passe de mágica?, perguntou-se. Ela largou a carta, bocejou e se espreguiçou mais uma vez. Era hora de se levantar e ir ver como Grayson estava. Ao menos Derek tivera o bom-senso de deixar a porta do quarto aberta. Ele fechara a porta à noite, contra a vontade dela, mas, confirmando sua

previsão, ouvira Grayson quando o bebê acordara. Ele até lhe trouxera o bebê para que não tivesse de sair do calor da cama. Depois que ela acabou de amamentar Grayson, Derek o levou de volta a seu berço, e então, como ambos estavam acordados, fez amor com ela de novo.

Mesmo aquela última vez tinha sido rápida e furiosa, e ela mordera seu ombro para se conter e não gritar como uma louca.

O rosto de Angel aqueceu com a memória do sorriso satisfeito de Derek. Ele havia olhado as pequenas marcas de dentes em seu ombro e sorrira orgulhoso.

Homem imprevisível Angel sorriu.

Ela estava colocando seu casaco caseiro quando soou o estrondo. Vidro quebrado e um baque oco, seguido por um chiado baixo. O coração de Angel saltou para a garganta. Levou um momento para desgrudar os pés do chão e se colocar em movimento. Saiu correndo do quarto e foi imediatamente assaltada por um cheiro de queimado.

A fumaça saía da cozinha para o resto do pequeno apartamento.

— Oh, meu Deus! — exclamou Angel, imediatamente correndo até Grayson. O bebê acabara de acordar, e sua expressão ficou vazia por apenas um segundo, antes que ele começasse a chorar. Angel pegou o bebê nos braços, envolveu-o com um cobertor e correu para á porta da frente. Ali se atrapalhou com a fechadura e estava dizendo um palavrão quando finalmente conseguiu abrir a porta. Uma vez no corredor ela ficou paralisada, perguntando-se o que fazer, questionando-se se o incêndio tinha sido ateado propositalmente, justamente para fazer corri que ela saísse do apartamento, vulnerável. Trêmula, o coração batendo muito depressa, ela tentou acalmar Grayson enquanto corria até o apartamento de Mick.

Bateu na porta enquanto olhava ao redor, atenta a qualquer perigo. A porta foi aberta e surgiu a mãe de Mick, com o rosto abatido por uma noite longa, roupas amassadas como se tivesse dormido com elas. Ela parecia completamente tonta.

Antes que Angel pudesse dizer qualquer coisa, Mick contornou sua mãe.

— O que aconteceu? — Ele puxou Angel para dentro do apartamento. Sabendo que seu casaco fora fechado às pressas, tentou ajustar Grayson de modo a se cobrir melhor.

— Um incêndio. No meu apartamento. Alguém arrebentou uma janela, acho. Mick a fitou, e então começou a empurrá-la para o lado, determinado a investigar. Angel agarrou seu braço.

— Não! Apenas chame os bombeiros, pelo amor de Deus. Ele olhou para a mãe.

— Dê o telefonema. Voltarei logo. .

Para desespero de Angel, a senhora Dawson não fez o menor esforço para deter o filho. A mulher pegou o telefone e tentou fazer uma ligação coerente, mas estava claramente de ressaca.

Gentilmente, Angel pegou o fone da mão da mulher e tentou passar os detalhes da melhor forma que conseguiu. O homem do outro lado da linha mandou que todos saíssem imediatamente do prédio. Angel rezou para quê Mick retornasse logo. Jamais sentira tanto medo na vida.

Mick retornou enquanto Angel tentava embrulhar Grayson.

— Está tudo bem. Foi apenas um pequeno incêndio, mas já acabou, mas para termos certeza vamos esperar pelos bombeiros lá fora. — Ele foi até o quarto e pegou dois cobertores para embrulhar Angel, e então vestiu o próprio casaco.

A mãe de Mick gemeu alto e segurou a cabeça.

— Acho que vou até o Jerry. Pode cuidar disso, não pode, Mick? Mick concordou irritado.

— Sim. — A senhora Dawson pegou o casaco e saiu, com uma das mãos segurando a cabeça. O rosto de Mick parecia cinzelado em pedra.

Ele segurou o braço de Angel e começou a conduzi-la para fora. Já podiam ouvir as sirenes. Passou os braços em torno de Angel e do bebê, tentando lhe dar calor e conforto.

Angel desejou com todo o coração que ele fosse seu filho.

— Obrigada, Mick. Ele ignorou isso.

— Quando este lugar for declarado seguro, a primeira coisa

que você fará será ligar para Derek.

Ela engoliu em seco.

— Muito bem.

— Você precisa contar tudo pra ele agora, Angel. Não pode mais adiar.

— Eu sei.

Ela podia sentir o quanto ele estava tenso, sua raiva era sensível.

— Droga, eu queria ter visto quem foi.

Angel estava eternamente grata por ele não ter visto.

Os bombeiros levaram apenas alguns minutos para confirmar o que Mick lhe dissera. Alguém havia quebrado a janelinha de sua cozinha com uma pedra e, então, arremessado farrapos embebidos em gasolina. O resultado fora mais fumaça do que fogo. Mick apagara as chamas com um cobertor, para profunda indignação dos bombeiros. Eles lhe passaram um sermão sobre questões de segurança, sobre a importância de se retirar de um incêndio em vez de lidar pessoalmente com ele. Ela notou que Mick fez ouvido de mercador para tudo que os bombeiros disseram.

Os bombeiros lhes fizeram um sem-número de perguntas, mas no fim acabaram classificando o incidente como uma brincadeira de mau gosto. Estava claro para os bombeiros que, embora o incêndio pudesse ter se tornado sério, não fora o objetivo. Foi apenas uma peça, disseram eles, com vozes irritadas. Angel não lhes contou a respeito das ameaças — do telefonema e da carta. Primeiro, ela queria falar com Derek. Tinha a sensação de que ele gostaria de estar com ela quando falasse com a polícia.

Mick faltou à aula naquele dia, preferindo permanecer com Angel. Já perdera as primeiras aulas da manhã porque estivera brigando com a mãe, que mais uma vez chegara bêbada em casa. Angel estava morrendo de pena dele, embora tivesse aceitado de bom-grado sua companhia.

O apartamento estava uma bagunça, o cheiro de queimado dominando o lugar. Todas as roupas fediam. Ela não podia fazer nada para salvar seus jeans, mas Mick lhe emprestou um

suéter limpo. Ficaram no apartamento por poucos momentos, apenas tempo suficiente para que ela pegasse roupas e produtos de higiene para Grayson e algumas de suas próprias coisas. Seu apartamento não estava no seguro, e ela entrava em pânico só em pensar no custo para substituir as coisas que perdera.

Os bombeiros haviam sugerido que ela telefonasse para uma firma de limpeza para lidar com os danos causados pela fumaça, mas ela sabia que não teria condições de arcar com essas despesas. Ela mesma teria de limpar o apartamento.

Mick não saiu de perto de Angel enquanto ela estava sentada no sofá no apartamento da mãe dele. Ele lhe ofereceu o telefone.

— Ligue para Derek agora. Já adiou isso tempo demais.

Ela suspirou, sabendo que ele tinha razão, mas sem saber ao certo como relatar o ocorrido. Ele ia ficar zangado, com toda certeza. E seus pensamentos ainda estavam confusos.

Bem devagar para ganhar tempo, folheou o catálogo telefônico que trouxera de casa. Cerrou os olhos enquanto pensava em todos os jornais que ainda precisavam ser digitados, todos agora cobertos com cinzas. Estava surpresa como um incêndio tão pequeno pudera provocar um dano tão grande. Seu mundo estava desabando rapidamente ao seu redor, escolhas caindo uma a uma, até que agora não lhe restava opção: ela precisava de Derek. A idéia não lhe causava um pânico tão grande como teria acontecido há uma semana.

Decidindo não adiar mais, encontrou o número de telefone do trabalho de Derek e fez a ligação. Uma secretária atendeu. Angel pigarreou.

— Por favor, eu gostaria de falar com Derek Carter. Uma voz muito educada recusou polidamente seu pedido.

— Sinto muito, senhora. O senhor Carter não pode atender agora.

Angel respirou fundo e tentou se acalmar. Não iria conseguir nada gritando com uma secretária.

— Você não está entendendo. Preciso falar com ele. É uma emergência. Houve um pequeno momento de hesitação antes

que a secretária dissesse: — Só um minuto, por favor.

Mas não foi Derek quem entrou na linha. Angel não reconheceu a impaciente voz masculina, mas repetiu sua pergunta.

— Quem está falando? — perguntou o homem, a voz carregada com desconfiança.

Como estava agitada, ela respondeu sem pensar: — Angel Morris.

Um denso momento se silêncio se seguiu, e então uma risada rouca que foi rapidamente contida.

— Ora, ora. Sinto muito que seja eu a lhe dar a má notícia, querida. Mas Derek Carter está morto. — Houve mais um momento de silêncio, durante o qual Angel ouviu as batidas do seu próprio coração, e então ele acrescentou: — Talvez eu possa lhe ajudar. Do que está precisando?

Angel largou o telefone enquanto seu coração acelerava violentamente, em pânico. Ela não conseguiu respirar bem fundo.

Mick olhou preocupado para ela e pegou o telefone.

— Angel?

Ela balançou a cabeça, levantando bem devagar. Ela sabia que estava pálida e ofegante. Não podia ser verdade; provavelmente, fazia parte da ameaça, algum jogo diabólico para provocá-la e confundi-la.

Uma purificadora onda de raiva correu pelo organismo de Angel. Primeiro, os danos causados a seu apartamento, e, agora, esta informação cruel. Ela se recusava absolutamente a acreditar que fosse mais do que isso.

Mick começou a falar ao telefone, mas Angel o tomou dele e o bateu no gancho.

— Não. Não diga mais nada a ele.

— Ele? O que está acontecendo, Angel?

Ela caminhou na frente de Mick, passadas duras e zangadas.

— Ele disse que Derek está morto, mas eu sei que não pode ser verdade! Não pode ser.

Mick franziu a testa. Seu rosto estava pálido, confuso e desconfiado.

— Claro que não é. — Ele pareceu indeciso por um único segundo, e então determinação substituiu todas as outras emoções em seu rosto. — Vamos — disse, segurando firme o braço de Angel.

— Onde estamos indo?

— Até a companhia dele. Para você ver com seus próprios olhos que Derek está bem, e então vai contar tudo a ele. Isto está começando a ficar muito estranho.

— Sim. — Angel concordou, nem um pouco preocupada com o fato de estar mal-vestida, com os cabelos desgrenhados ou com o rosto coberto com fuligem. Tudo que ela queria era ver Derek, vivo e bem.

Embora estivesse assustada, recusava-se a acreditar que ele não estava bem. Tinha certeza de que ele estava bem. Suas mãos tremiam com raiva e seu coração doía enquanto embrulhava Grayson num cobertor e seguia Mick até a porta. Depois que ela soubesse, com certeza, de que tudo aquilo era parte das ameaças, e, que Derek estava realmente bem, ela iria lhe relatar tudo. Ela nunca mais iria duvidar dele novamente.

DANE CORREU os olhos pelos rostos solenes que o observavam. Sabia que sua mãe queria protestar contra a pequena reunião que ele convocara, mas até agora se mantivera calada. Isso por si só já o confundia, porque sua mãe nunca fizera o tipo circunspecto. Tinha uma tendência a correr atrás do que queria com a força de um aríete.

O que tornava ainda mais suspeita sua aceitação do acidente de Derek. Ele deixou esse assunto de lado por um momento.

A reunião não era oficialmente com a diretoria; era um assunto de família, e Dane pretendia tratá-lo como tal.

Seus dois tios, ambos mais velhos e naturalmente calmos, permaneciam na diretoria, mas eram seus cargos como chefes de departamento, assim como o fato de serem da família, que garantiram sua presença.

A mãe dele estava novamente sentada à sua direita. Seu primo, um sujeito amistoso encarregado do departamento de vendas, na ponta da mesa. Estavam esperando por Raymond e

sua irmã, que anteriormente haviam comparecido a reuniões convocadas por eles mesmos.

A primeira a entrar foi a irmã dele, muito chique, num tailleur profissional, cabelos claros soltos, rosto pálido. Ela sabe, pensou Dane. Sua irmã sabia muito bem como ele se sentia quanto a bancar o presidente da empresa; não precisaria se esforçar muito para deduzir que ele estava pronto para se retirar da companhia. Dane torcia para que sua mãe considerasse dar a posição a Célia em vez de a Raymond. Essa iria ser sua recomendação, com a promessa de que iria visitá-la com mais freqüência caso respeitasse seu desejo. Era uma espécie de exigência, algo que sua mãe iria compreender e apreciar.

Raymond entrou logo depois de Célia, ajeitando a gravata e enfiando a camisa mais para dentro das calças. Estava com os cabelos desgrenhados e as faces avermelhadas. Muito incomum para Raymond, que fazia um grande esforço para sempre parecer imaculadamente arrumado. Ocorreu a Dane o perturbador pensamento de que os dois haviam estado juntos, provavelmente fazendo sexo quando deviam estar trabalhando. O que diabos a irmã dele via naquele homem? Dane observou Célia lançar um olhar inquisidor a Raymond, e o viu sorrir rapidamente e puxar a cadeira para ela; então, sentou ao lado dela. Talvez eles não houvessem estado juntos, pensou Derek, vendo a cara feia com que sua irmã olhou para Raymond. Porém, as considerações de Dane foram interrompidas por sua mãe, que pigarreou impaciente.

Ele se levantou. Queria que a reunião acabasse o mais depressa possível. Estava no escritório há horas, ansioso por voltar para Angel. Ao imaginar seu corpo macio e quente estendido na cama, ele sentiu sua virilha latejar, Devia estar satisfeito, mas começava a duvidar que fosse possível ficar saciado com ela.

Precisava contar tudo a Angel, eliminar todos os segredos entre eles. Na verdade, ele devia ter feito isso bem antes de fazer amor com ela, mas não quisera correr o risco de ser rejeitado. Agora, ele precisava de sua ajuda, tanto para

descobrir a verdade por trás da morte de Derek quanto a fonte das ameaças contra ela. Em suas entranhas, ele sabia que os dois estavam inegavelmente ligados, e precisavam compartilhar informações para chegar à verdade.

Dane agora tinha dois propósitos: vingar seu irmão e proteger Angel. Ele não podia fazer nenhuma das duas coisas enquanto estivesse desempenhando o papel de seu irmão gêmeo, fosse com Angel ou no escritório.

Ele olhou ao redor para as expressões curiosas de sua família.

— Tenho algumas declarações a fazer, e então todos vocês poderão retornar aos seus planos.

A mãe dele olhava rigidamente para a frente, com a boca contorcida e os olhos duros. Pela primeira vez, Dane notou nela sinais de sua idade: o cansaço e a irritação que subitamente pareciam constantes. Virando-se para a irmã, ele viu que ela estava de olhos baixos, observando as mãos.

Apenas Raymond parecia atento, quase ansioso, e Dane desejou que houvesse alguma maneira de excluir o bastardo, chutá-lo para longe daqui. Mas enquanto noivo de Célia e primeira escolha de sua mãe, o homem tinha o direito de comparecer a todas as reuniões.

— Dizer que fiquei feliz em assumir o lugar de meu irmão seria uma mentira. Todos vocês sabem que possuo minha própria pequena empresa, e minha ausência tem sido sentida lá.

A mãe dele se remexeu, cruzando e descruzando as pernas.

— Há muitos anos não quero fazer parte desta companhia, se é que já quis. Como tudo agora está em ordem, acho que já é mais do que hora de...

Uma balbúrdia na ante-sala chamou a atenção de todos. Dane franziu a testa, olhando para a porta fechada e as vozes altas que vazavam através dela. A mãe dele se levantou.

— O que é isso?

Raymond também se levantou, sobrancelhas baixas, olhos correndo de um lado para outro.

— Quer que eu veja o que está havendo?

Os tios lançaram um olhar desinteressado sobre os ombros, e todos começaram a murmurar ao mesmo tempo.

A porta foi aberta abruptamente, e Angel, muito tensa e determinada, entrou na sala, a despeito das tentativas em contrário da secretária de Dane. Dane, boquiaberto, sentiu seu coração disparar. Mick estava atrás de Angel, segurando Grayson no colo.

Angel ignorou todos, menos Dane, fixando o olhar nele, e então seu rosto desabou e ela gritou.

Ela havia, obviamente, forçado a perna de novo, considerando a forma desajeitada com que avançou até ele.

Dane contornou a mesa e a encontrou na metade do caminho, abraçando-a.

— Angel? — disse confuso. Ele olhou por cima da cabeça dela para Mick, que parecia tão atordoado quanto ele.

Ela recuou abruptamente dos braços dele, dedos crispados em sua camisa.

— Disseram que você estava morto! — ela gritou as palavras para ele, e agora parecia mais zangada do que qualquer outra coisa. Estava com o rosto sujo e os cabelos desgrenhados, e começou a balbuciar: — Quis falar com você por causa do incêndio, mas me disseram que você estava ocupado e depois vieram me dizer que estava morto! Eu precisava ver com meus próprios olhos. Tinha de saber se estava bem. Quando cheguei aqui, disseram-me que o senhor Carter estava numa reunião e que não podia ser incomodado, mas eu precisava saber. — Ela começou a tocar em seu rosto, confirmando que ele estava a salvo.

Dane olhou em torno para as expressões estarrecidas das pessoas reunidas na sala, ciente da tensão crescente, e da delicadeza da situação. Todos agora estavam de pé, expectantes.

As coisas que Angel dizia quase não estavam fazendo sentido, e ele temeu atormentá-la mais. Poucas pessoas sabiam que Derek estava morto; então, quem teria lhe contado? Mas o mais importante em primeiro lugar.

— Que incêndio? — inquiriu, concentrando-se na única coisa

que não o faria afundar ainda mais.

Angel inalou uma respiração entrecortada.

— Oh, Derek. Alguém jogou um monte de trapos em chamas pela janela da minha cozinha! O apartamento inteiro está fedendo a fumaça!

A mãe de Dane arfou alto; muito pálida, plantou as mãos na mesa de reuniões para se amparar.

— Dane, o que está acontecendo aqui? Quem é essa pessoa? Os músculos no rosto de Dane pareciam feitos de ferro.

— Por favor, me dê um minuto, mãe.

— Oh, meu Deus! — exclamou Célia. — É Angel Morris, não é?

Deu um passo à frente, tentando olhar melhor para Angel. — O que aconteceu com ela, e por que está chamando você de Derek?

Dane fechou os olhos. Ele ouviu a porta da sala de reunião bater e levantou os olhos para ver Mick parado ao lado dela, Grayson no colo, com uma expressão tão severa que pareceu mais adulto do que nunca.

— Estou chamando a segurança! — declarou Raymond, e estendeu a mão até o telefone em movimentos trêmulos e nervosos.

— Não. — Dane o parou com uma palavra, e todos pareceram se transformar em estátuas de pedra, imóveis, chocados e confusos.

— Isto é loucura — argumentou Raymond. — Ela está perturbando as mulheres! — E mais uma vez levou a mão até o aparelho.

Dane soltou Angel e ela recuou lentamente dele.

— Não, Raymond, está tudo bem.

— Bem? — concordou Raymond, indignado. — A mulher é louca, entrando aqui desse jeito e chamando você pelo nome do seu falecido irmão. Pelo amor de Deus, não acha que sua mãe e sua irmã já não sofreram demais?

A mãe dele estava abalada, pálida e confusa, mas Célia parecia empolgada. Seus olhos estavam reluzentes e arregalados, mas não se desviavam do rosto de Angel.

— Você é Angel Morris, não é?

Angel correu os olhos pela sala para todas as expressões ávidas, e hesitou. Dane a segurou, mas ela se desvencilhou dele e sua expressão estava tão sombria, tão acusadora, que ele teve a impressão de levar um soco. Ela mexeu os lábios descorados duas vezes antes de finalmente murmurar as palavras: — Você não é Derek?

Mais uma vez Dane estendeu os braços até ela, segurando-a com firmeza pelos ombros enquanto tentava acalmá-la.

— Droga, Angel, sente antes que acabe desmaiando. — Então correu os olhos pela sala e ordenou: — Todo mundo para fora.

A mãe começou a protestar, e ele disse: — Agora.

Grayson escolheu esse momento para emitir um curto grito de protesto. Dane pensou que talvez fosse a forma de o bebê se queixar de que Mick, tenso, o estivesse apertando com muita força.

Mais uma vez, todos ficaram imóveis.

Recorrendo a reservas perdidas, Dane mais uma vez tentou obter controle sobre a situação.

— Mick, eu quero que você fique. Por favor, sente-se para que todos os outros possam se retirar.

Com cara de quem não sairia mesmo, Mick sentou no sofá de couro. Ele sussurrou palavras sem sentido para Grayson e olhou de cara feia para todos que tentaram chegar perto do bebê.

Dane levou Angel para o sofá, tentando ampará-la ao ver o quanto estava mancando, mas ela evitou seu toque como se o considerasse repulsivo. Depois que ela estava sentada, Dane caminhou até a porta e a abriu.

— Todos vocês, esperem aí fora. Vou explicar tudo num minuto. Um dos seus tios balançou a cabeça.

— Mal posso esperar para ouvir. O outro concordou.

— Sempre disse que esse rapaz sabia como agitar as coisas.

Eles saíram juntos. O primo de Dane o fitou por um segundo com olhos arregalados e inseguros, e então seguiu os dois homens mais velhos. Raymond parou, segurando o braço da

senhora Carter.

— Tem certeza de que não precisa de segurança? — perguntou. — Eu podia mandá-los subir, só por precaução. Ou poderia ficar com você. Com gente louca, nunca se é cuidadoso demais.

Dane rangeu os dentes, olhando muito rapidamente para o rosto zangado e pálido da mãe.

— Saia, Raymond.

A senhora Carter fitou seu filho.

— Não confie em nada que essa mulher lhe disser sobre Derek.

— Mãe...

— Estou lhe dando o benefício da dúvida, filho. Faça o que for certo, para nós e para você mesmo. — Com esse alerta cáustico ela se retirou, de braço dado com Raymond.

Célia parou na frente de Dane. Seus lábios tremiam, seus olhos reluziam com lágrimas não derramadas. Mas ela tentou manter o controle, não querendo contribuir para o caos.

— Quero que saiba que não vou arredar pé desta ante-sala até que você tenha me contado tudo.

Dane assentiu, apreciando sua determinação.

Célia lambeu os lábios, tensa, e então arriscou: — Posso segurar o bebê enquanto vocês dois conversam.

— Não! — Angel se curvou pára a frente, mas Dane a ignorou, prestando atenção em sua irmã.

— Obrigado, querida, mas Mick pode cuidar disso, e o bebê já está acostumado com ele. — Célia pareceu tão decepcionada que Dane tocou seu rosto e acrescentou, com delicadeza: — Vá pegar alguma coisa para mamãe beber. Ela está quase desmaiando. E, por favor, seja paciente.

Célia assentiu, oferecendo-lhe um sorriso trêmulo.

— Boa sorte.

Enquanto ele fechava a porta, Dane murmurou: — Vou precisar mais do que sorte agora. — Ele respirou fundo para se acalmar antes de se virar para Angel. O aviso da mãe dele ainda ecoava em seus ouvidos. Será que Derek teria visto seus atos como uma traição? Será que ele agira corretamente em

relação a Angel?

As coisas haviam parecido tão simples quando ele começara isso...

Agora ele se sentia mergulhado em emoções conflitantes. Mas de uma coisa tinha certeza: não poderia mentir mais para ela.

A postura inteira de Angel demonstrava o quanto ela se sentia ferida, tanto física quanto emocionalmente. Ela fitou Dane, expressão dura, braços cruzados diante do peito. Como vinha acontecendo desde o nascimento de Grayson, era apenas sua grande força de vontade que a impedia de desmoronar.

Em algum lugar dentro dele, Dane teve a impressão de estar sendo dilacerado.

A despeito do aviso de sua mãe, a despeito da lealdade que sentia para com seu irmão gêmeo, Dane sabia que nunca mais poderia feri-la. E isso significava que ele teria de lhe dizer toda a verdade.

— Derek está morto. Ele morreu meses atrás.

Durante cerca de dez segundos ela pareceu chocada, e então se levantou abruptamente. Compreensão despontando no rosto, voltou os olhos arregalados para ele.

— Oh, meu Deus!

Dane assentiu lentamente.

— Sim, é claro, eu sou o temido gêmeo malvado. — Ele deu um passo cauteloso até ela. — Posso explicar tudo, querida.

Ela o fitou furiosa.

— Não ouse se aproximar de mim. Não quero ouvir nada que você tenha a dizer.

— Bem, você vai ter de ouvir — disse ele, enfrentando o ódio de Angel. Ele sabia muito bem o que ela sentia por ele, e a maldita reputação que Derek exagerara. Mas ainda assim doía sentir Angel se distanciando emocionalmente, separando-se dele. Ele conteve um xingamento, sabendo que, se não a pressionasse agora, iria perdê-la de vez, junto com a oportunidade de descobrir o que realmente acontecera com Derek.

— Angel...

Todos os sinais de medo haviam sido substituídos por raiva. Ela estava com as faces ruborizadas, e o corpo praticamente vibrando de raiva.

— Seu desgraçado mentiroso.

Dane fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás. Ele ouviu Angel sussurrar alguma coisa com raiva, ouviu Mick resmungar uma resposta, e rapidamente a fitou de novo.

— Você não vai a lugar algum, querida.

— O diabo que não vou! — Ela tentou tomar o bebê das mãos de Mick, mas ele resistiu, contra seus esforços. Ela voltou seu canhão novamente contra Dane. — Você não é ninguém para me dar ordens, e eu, certamente, não vou ouvir suas mentiras. Não há absolutamente nenhuma desculpa para o que você fez!

Mick olhou de cara feia para Dane, mas falou com Angel.

— Nada mudou. Ainda há alguém tentando machucar você, e seu apartamento ainda está uma bagunça. Pense em Grayson. Pelo menos escute... — Ele olhou para Dane, e então deu com os ombros na direção dele. — Ao menos escute o que ele tem a dizer. Seja lá quem ele for.

Dane o cumprimentou com a cabeça.

— Dane Carter. — A formalidade de uma apresentação era ridícula. Angel fitou-o com desprezo.

— Derek me contou tudo sobre você. Você é o pior do bando inteiro!

— Eu ia explicar tudo para você, hoje. Na verdade, eu estava agora mesmo dizendo à minha família que não vou mais trabalhar para a companhia...

— Estou pouco me lixando para o que você diz ou não diz a eles.

— Angel. — Ele se sentiu oco por dentro. — Querida, você precisa me ouvir. Só voltei a trabalhar para a companhia porque acredito que Derek tenha sido assassinado.

Ele não devia ter dito isso de forma tão repentina, mas sabia que precisava fazer com que ela ouvisse. Angel cruzou os braços e afundou de volta no sofá.

— Não, não, isso não pode estar acontecendo. Dane ajoelhou

na frente dela.

— Eu sinto muito, querida. No começo, quando entrou em contato comigo, eu desconfiei de você, pensando que era a pessoa com mais motivos para odiar Derek, para querer vê-lo morto. Achei que talvez você tivesse alguma relação com a morte dele e que, ao saber que voltei para casa, achou que não tinha sido bem-sucedida. Não houve anúncio oficial da morte de Derek e minha família fez todo o possível para impedir que o acontecido fosse divulgado. — Ele falava depressa, torcendo para conseguir explicar tudo enquanto ela ainda estava ouvindo.

Ela soltou uma risada rouca e sarcástica.

— Mas eu só precisei conhecer você um pouco para entender o quanto essa teoria era ridícula.

— Não tão ridícula assim — disse Angel com um sorriso amargo e provocador. — Eu realmente odiava seu irmão. Quase tanto quanto odeio você.

— Angel, você não está sendo sincera. Não depois de ontem à noite. Segurando o punho direito de Angel a poucos centímetros de alcançar seu rosto, Dane fitou-a incrédulo.

— Droga, Angel, esse seria, um tapa muito indigno de uma dama! Por acaso está tentando...

Uma fração de segundo depois o punho esquerdo de Angel fez contato com a testa de Dane, por pouco não o derrubando.

— Mas que droga! — exclamou Dane, com a cabeça zumbindo. Dane segurou ambas as mãos de Angel e a obrigou se levantar, tentando subjugá-la. — Se parar de dar esses golpes violentos na minha cabeça acho que poderemos esclarecer essa história toda!

Angel puxou as mãos, e ao obviamente aceitar que ele não tinha qualquer intenção de soltá-la, ficou imóvel.

— Me larga.

— Nem pensar. Temos muito que conversar, e acho que vamos fazer isso com mais facilidade se meu cérebro permanecer intacto. — Abaixou a voz para um tom de censura leve, achando aquilo de algum modo divertido, a despeito de ainda estar escutando um zumbido, — Não fazia idéia de que

você era tão selvagem. Por que não senta um pouco e se comporta?

Ela grunhiu, a raiva pintando seu rosto em vermelho.

— Me comportar? Me comportar! Quer dizer que eu deveria tentar ser conivente, manipuladora e mentirosa! — Ela se contorceu novamente, mas ele não permitiu que ela se soltasse. — Você e seu irmão são farinha do mesmo saco.

Dane ficou mais contido.

— Não, na verdade não somos. — Ele a soltou e recuou dois passos, para fora da área de risco. — Angel, esta é a primeira vez que vejo minha família em muitos anos. Não temos nos relacionado muito bem, exatamente porque não sou como eles. Não aprovo o que Derek fez com você...

— O que você fez foi pior — ela gemeu, e então retornou relutantemente ao seu lugar no sofá.

Ela parecia derrotada, e ele odiou vê-la assim.

— Sim, o que fiz foi pior, quaisquer que sejam meus motivos. Mas primeiro quero ajeitar tudo. Era isso que eu estava tentando fazer esta manhã. Quero cuidar de você e de Grayson, e não balance essa sua linda cabeça! Droga, o perigo que você está correndo é muito real. Derek está morto, e de algum modo você está associada com isso!

Ela lhe dirigiu um olhar de desprezo.

— Acha que eu não sei o quanto isso é sério? Alguém tentou me empurrar para fora da estrada. Foi esse acidente, você sabe, que apressou meu parto e me deixou com a perna ferida. Quase morri. E está claro que quem fez isso não ficou feliz por eu ter sobrevivido.

Cada músculo do corpo de Dane estremeceu diante das revelações. Ela podia ter morrido, pensou, o coração trovejando. E ele que havia pensado que as ameaças contra ela não eram físicas!

— Droga, por que você não me contou isso antes? Angel levantou a sobrancelha.

— A confiança é uma rua de mão dupla, sabia?

Dane deixou escapar uma série de xingamentos que fez Mick rir e Angel franzir a testa.

— No começo pensei que o acidente tinha sido exatamente isso... um acidente. Depois do acidente, fiquei desorientada e senti muita dor durante muito tempo, para não mencionar que tinha um bebê para cuidar. Não havia muito espaço na minha mente para suspeitas. Mas, então, os telefonemas começaram e fiquei assustada. Aí comecei a pensar mais seriamente no assunto.

— E finalmente você decidiu que precisava dê ajuda — disse Dane, voz baixa, à beira do descontrole. — Foi quando voltou para Derek. Não porque queria, mas por que realmente não tinha mais a quem recorrer.

Ela confirmou com a cabeça.

— Achei que na melhor das hipóteses ele poderia me ajudar a entender o que estava acontecendo.

Eles fitaram um ao outro, e Dane entendeu seus pensamentos. Angel estivera disposta a tentar seduzir Derek e obter a ajuda de que precisava, para proteger seu bebê.

Angel realmente odiara Derek, e agora sentia o mesmo por ele. Ainda estava muito pálida, porém mais controlada. Seus olhos reluziam com determinação feroz e Dane soube que era apenas sua preocupação com Grayson que a estava mantendo na mesma sala com ele.

— Derek foi tirado da estrada por outro carro — revelou Dane. — Mas, ao contrário de você, ele não teve sorte.

Angel fechou os olhos e suspirou.

— Acho melhor lhe contar que alguém nos seguiu. Desde o momento que saímos correndo de casa até quando paramos no estacionamento, havia alguém atrás de nós.

Dane hesitou por apenas um segundo, e então caminhou a passos largos até o telefone de sua mesa e rapidamente teclou alguns números. Ele esperou, mas então a porta do escritório abriu e Alec entrou, segurando o celular, cujo visor estava piscando.

— Não precisa me ligar. Já estou aqui. — Raymond tentou segui-lo, mas Alec bateu a porta na cara dele.

Angel afundou no sofá, intimidada pela presença do homem, mas Mick se animou.

— É Alec! O homem de rosto severo se limitou a menear a cabeça na direção deles.

— Eu cheguei lá tarde demais e só fui descobrir o que estava acontecendo quando eles já estavam saindo do prédio. — Fitou Dane com um olhar acusador ao acrescentar: — Você saiu mais cedo do que eu esperava.

Mais uma vez Angel se levantou de supetão.

— Do que ele está falando, Der... Dane?

Satisfação inflou o coração de Dane. Finalmente — finalmente! — ela o estava chamando por seu nome verdadeiro.

— Alec trabalha para mim, querida. Fui eu quem contratou o Mick, não um amigo. E mandei Alec ficar de olho em você por vários motivos. No começo, temia que você sumisse antes que eu pudesse descobrir o que estava acontecendo, se você estava ou não envolvida com a morte de Derek. E, depois, quando passei a temer por sua segurança quando eu não estivesse com você.

Ela estreitou os olhos.

— Então você disse a ele que ia passar a noite de ontem comigo?

Mick resfolegou alto e se levantou para caminhar até o outro lado da sala, fingindo manter toda sua atenção em Grayson.

Sentindo como se uma armadilha estivesse se fechando em torno dele, Dane tentou demonstrar coragem.

— Não precisei contar a ele. Alec é bom no que faz, senão não estaria trabalhando para mim. Ele sabia que eu tinha ido até o seu apartamento, e ia deduzir o que estava acontecendo quando eu não saísse imediatamente.

— Foi exatamente isso — confirmou Alec. — Só que eu não esperava que você saísse tão cedo, senão estaria lá para protegê-la.

— A culpa disso foi minha. Eu decidi o que queria fazer e não vi motivo para esperar. Devia ter entrado em contato com você.

Angel levantou ambas as mãos.

— Alguém devia ter entrado em contato comigo!

A porta da sala de reuniões foi entreaberta e Célia tentou espiar pela fresta. Arregalou os olhos ao ver Alec.

— Por que ele pode entrar e eu não?

Dane gemeu. A última coisa de que precisava acrescentar à mistura era a curiosidade de sua irmã. Alec se limitou a virar e caminhar até a porta, enquanto Célia rapidamente começava a recuar.

— Dane? — disse ela, mas Alec continuou avançando até eles estarem ambos no outro lado da porta fechada.

Dane pôde ouvir os protestos altos e nervosos da irmã.

— Sempre posso contar com Alec para saber o que precisa ser feito. — O sorriso de Dane não exerceu efeito aparente em Angel.

Ela olhou de cara feia para ele.

— Querida, temos muito que resolver. — Ele sentou perto dela no sofá e fingiu não notar seus esforços para se afastar.

— Em primeiro lugar, quero que você saiba que a última noite foi real.

— Poupe-me dos seus comentários sobre a última noite, Der... Dane. Eu não vou acreditar em nada que você diga a respeito disso.

Dane precisava confiar que ela acabaria mudando de idéia, porque agora não era um bom momento para pressioná-la. Em vez disso, se concentrou no que precisava ser feito.

— Conte-me sobre o incêndio.

Ela contou, fazendo isso num tom tão apático que deixou Dane com vontade de sacudi-la. Ela não se importava com a noite anterior? Aquilo não havia mexido nem um pouco com ela? A julgar pela forma como estava se comportando agora, a noite anterior poderia não ter acontecido. O momento era infeliz, mas ele estivera contando com os efeitos da noite anterior para suavizar o impacto quando ele apresentasse suas verdades.

Mick forneceu alguns detalhes sobre o incêndio, aparentemente mais preocupado com ele do que Angel no momento.

Dane decidiu dar uma passada rápida no apartamento para checar pessoalmente. Talvez houvesse uma pista que os outros não tivessem percebido.

— Mick, vou pagar pelos danos e pela limpeza, para deixar o apartamento parecendo novo.

— Não precisa fazer isso. O prédio é da minha mãe. Nós vamos cuidar disso. O respeito de Dane pelo jovem duplicou.

— É o mínimo que posso fazer, considerando tudo que você fez para mantê-la em segurança. — Vendo que o orgulho de Mick iria forçá-lo a argumentar mais, acrescentou: — Angel, você e Grayson ficarão na minha casa.

Ela resfolegou.

— De jeito nenhum.

Discretamente respirando fundo para se fortalecer, Dane se preparou para jogar sua última cartada, e rezou para que Angel não fosse reticente demais. Sabia que as coisas estavam acontecendo muito depressa, tanto para ele quanto para ela. Sem hesitar, assumira a vida de seu irmão, assim como seu papel na companhia. Confortara-se com o fato de que tentava descobrir o assassino de seu irmão. Ao entrar no escritório de Derek para examinar sua escrivaninha e anotações pessoais, sentira-se justificado por possuir uma missão, um propósito. Mas agora estava tomando também a mulher e o filho de Derek, e por nenhum outro motivo além de querê-los. Apesar de todos os motivos muito concretos que haviam relevado suas ações, ele sabia a verdade, e ela era muito difícil de aceitar.

Pesava em seu coração o arrependimento por não ter tido tempo de fazer as pazes com Derek. Ainda assim, ele precisava pensar que Derek aprovaria o que estava para fazer.

A despeito de como Derek havia tratado Angel, Dane se recusava a acreditar que seu irmão quisera aterrorizar sua namorada ou abandonar seu filho. Grayson merecia o nome da família, e o poder e a proteção que o acompanhava.

Com renovada resolução, Dane disse: — Parece a melhor solução, querida.

— Porque acha isso?

— Porque, assim que eu tiver tomado as providências necessárias, nós vamos nos casar.

CAPÍTULO OITO

ANGEL FITOU Derek... não, Dane. Precisava lembrar disso. Este homem — um homem com quem ela dormira — era um completo estranho. Ele a havia traído e usado, e até onde ela sabia, a despeito de todas as suas promessas em contrário, ele não era diferente do resto de sua família. Mas tudo nele parecia ser diferente. Não, ela não confiava nele, e estivera completamente certa ao temê-lo desde o começo.

— Poderíamos fazer a cerimônia no Dia de Ação de Graças — disse Dane, soando entusiasmado a um nível absurdo. — Não muito romântico, eu sei, mas realmente acho que quanto mais cedo for o casamento, melhor.

Tudo que Angel conseguiu fazer foi balançar a cabeça negativamente.

— Não vou me casar com você.

— Querida, você esqueceu a minha família?

Que piada! Como se ela pudesse esquecer uma coisa dessas.

— Nunca poderia, não quando suspeitei deles desde o começo.

— Você suspeitou dos meus parentes? — Dane pareceu confuso, franzindo as sobrancelhas.

— Eles, mais do que qualquer pessoa, têm motivos para querer que eu suma. Afinal de contas, sei por experiência própria o quanto Derek era inescrupuloso, como eles estão determinados a fazer com que ele pareça um santo. Se eu decidir falar com os jornais...

— Você não vai ajudar em nada sendo belicosa.

— Pois está fazendo com que eu me sinta muito melhor!

— Angel, minha família jamais tentaria lhe causar algum dano físico.

— Ah!

Ele suspirou.

— Certo, olhe por este prisma: está óbvio que a pessoa que

tentou tirar você da estrada conseguiu fazer a mesma coisa com Derek. Mas você não vai sugerir que minha família poderia ser responsável por isso, vai? Os dois acidentes são relacionados demais para não terem sido provocados pela mesma pessoa ou pessoas.

Ele tinha razão, e isso tornava o perigo ainda maior.

Quando ela julgara saber quem estava atrás dela, a situação já era ruim. Mas agora que não sabia...

— Acabo de saber a respeito da morte de Derek. Antes disso, meu raciocínio parecia lógico.

— Talvez. Também cheguei a ter minhas próprias suspeitas sobre por que minha mãe aceitou muito bem a morte de Derek. Normalmente, ela ficaria procurando por uma pessoa a quem culpar, e você teria sido um alvo natural. Mas acho que você pode ter matado a charada. Mamãe sabia que Derek era inescrupuloso, e sabia como ele tratou você sem nenhum senso de honra profissional. Talvez ela apenas não quisesse que os jornais descobrissem a história e começassem a exagerar os fatos.

Angel estava com o cérebro transbordando com problemas, e precisava se afastar o mais rápido possível dele para poder pensar. Olhou para Mick, mas Dane rapidamente recuperou sua atenção.

— Meu bem, você ainda precisa que eu a proteja da minha família, mas não da forma como pensou. Olhe só para você. Você não causou uma impressão nada boa, e pode acreditar em mim quando digo que meus parentes vão usar em benefício próprio o pequeno show que você deu aqui. Eles vão alegar que você é uma louca que invadiu a companhia toda desgrenhada e fedendo a fumaça. Apenas a questão do perigo envolvido já será suficiente para lhes conceder uma vantagem. Meus parentes não irão pensar duas vezes antes de usar tudo que estiver ao seu alcance para intimidá-la. Minha mãe adoraria alegar que você é incapaz de cuidar do bebê, levando em consideração sua situação financeira e sua vida insegura, em comparação com tudo que o dinheiro e a influência da minha família pode oferecer.

— Está bem! — Angel se levantou e começou a caminhar em círculos. Aparentemente, suas opções eram dolorosamente limitadas, e havia se colocado, por vontade própria, à mercê da família dele. Ela não queria, por nenhum motivo deste mundo, perder Grayson para ninguém.

Dane se posicionou atrás dela, sem tocá-la, mas o calor que ele emitia fez seu estômago dar uma pequena cambalhota de felicidade.

Idiota, pensou Angel, repugnada consigo mesma e com suas reações femininas a ele.

Bem, ela havia se perguntado muitas vezes por que as coisas estavam diferentes agora, porque se sentira mais atraída por Derek agora, depois da forma como ele a usara. Ela recebera sua resposta, porque esse não era Derek, e sim seu irmão. Ela estremeceu ao lembrar da humilhação pela qual passara. Tudo que Derek contara a respeito de Dane deixara-a terrivelmente assustada. Ele fora retratado como um inimigo sombrio e silencioso, alguém que ela deveria evitar a qualquer custo. Mas agora ela não o temia, nem um pouco. Pelo contrário, ela estava mais furiosa que nunca.

— Se você for minha esposa, Angel, eles não poderão tocar em você. Grayson e você estarão a salvo deles e de suas ameaças.

— Por quê? — Angel se virou para encará-lo, desconfiada de suas motivações à luz de tudo que sabia agora.

Já lhe parecera muito estranho que Derek estivesse interessado nela, mas depois descobrira que ele apenas quisera usá-la. Qual poderia ser o interesse de Dane?

— Por que você quer casar comigo?

Dane correu os olhos por um segundo para o canto no qual estava Mick. Então, ele se inclinou até suas testas praticamente se tocarem. Não olhou nos olhos dela, preferindo fitar sua boca.

— Grayson é meu sobrinho, mas gosto dele como se fosse meu próprio filho. Eu seria capaz de matar ou morrer por ele. E nós dois temos química, garota. A noite passada é a prova disso. — Ele tocou gentilmente a face de Angel, e então recuou.

— Acho que podemos fazer com que dê certo. De qualquer modo, é a única solução possível.

Ela se viu tomada por uma terrível sensação de derrota. Ele não tinha dito uma palavra sequer sobre gostar dela. Seu raciocínio fora tão distante do amor que chegara a ser ridículo.

Por outro lado, ela também não o amava. Ela não o amava. Como ela poderia amar um homem a quem realmente nem conhecia? Ela se sentia atordoada e à beira do desespero, devido às circunstancias e às suas próprias necessidades emocionais.

— Não quero um casamento de conveniência. Dane se empertigou com uma risada curta.

— Droga, não.

— Dane...

— Eu adoro como você diz isso, Angel. Você não faz idéia de como era difícil para mim ouvir você me chamar pelo nome de outro homem.

Dane era impossível, e ela não sabia como lidar com ele. Sentia-se dividida entre a vontade de soltar um grito de raiva e uma gargalhada histérica. Dane segurou os ombros de Angel e a balançou gentilmente.

— Deixe que eu leve vocês para casa. A minha casa. Você parece exausta e precisamos conversar sem o risco de que meus parentes entrem a qualquer momento. Você precisa me contar tudo desta vez; nada mais de segredos. E Grayson precisa se acalmar. Temos muita coisa para resolver.

Como não sabia o que mais poderia fazer, Angel finalmente concordou. Dane deixou escapar um longo suspiro de alívio e sorriu para ela.

— Não fique tão amuada. Casar comigo não vai ser nem de perto a tortura que você está imaginando. Prometo.

A expressão de raiva intensa de Angel foi soberbamente ignorada. A porta do escritório se abriu e a irmã de Dane entrou, parecendo determinada a cada um de seus três passos... até o momento em que o longo braço de Alec apareceu, segurou-a pelo ombro e a puxou novamente. A porta foi fechada, abafando suas queixas.

Dane soltou uma risadinha.

— Acho que minha irmã está ansiosa para conhecer o bebê. Foi quase impossível para Angel conter o pânico.

— Dane...

— Shh. Não vou deixar que nada aconteça com ele, meu bem. Você terá de acreditar em mim.

Antes que ela pudesse lhe dizer que não tinha a menor intenção de voltar a, confiar nele algum dia, ele prosseguiu: — Deixe que eu falo, certo? Não quero que minha família saiba nada ainda. Minha mãe pode querer iniciar sua própria campanha para encontrar o assassino de Derek, e isso poderia colocar você em risco.

— Então, o que você vai dizer a eles? Ele mexeu os ombros.

— O mínimo possível.

Ele caminhou até a porta e a abriu. Angel viu a irmã de Dane nas pontas dos pés, apontando para Alec um dedo decorado com uma unha bem-pintada. Angel ficou impressionada com a forma como a irmã de Dane estava enfrentando aquele homem de aspecto assustador. Mas Alec parecia ignorá-la completamente, braços cruzados diante do peito, olhos negros fixos em Raymond, do outro lado da sala. A mãe de Dane estava sentada em silêncio ao lado de Raymond, mãos entrelaçadas sobre o colo.

— Célia, você gostaria de conhecer seu sobrinho?

Parando no meio de uma censura, Célia soltou um grito que fez Alec estremecer.

— Então, ele é realmente o filho de Derek? Eu não estava errada quanto a isso?

Ela parecia tão ansiosa, tão empolgada, que Angel sentiu uma punhalada de compaixão no peito. Dane riu.

— Sim, ele é.

Lançando um olhar triunfante a Alec, Célia entrou correndo no escritório.

Alec balançou a cabeça e riu atrás dela.

Enquanto Célia falava amorosamente com o bebê, Mick o entregou a ela. Ver seu bebê nos braços de Célia fez com que Angel começasse a tremer. Isto era exatamente o que ela não

queria que acontecesse, o que ela sempre mais temera.

O caos aumentou ainda mais quando os parentes de Dane iniciaram o interrogatório. Ele lhes deu uma versão editada de como eles haviam se conhecido e quando. Ele conseguiu fazer com que aquilo soasse romântico ao mesmo tempo em que excluía qualquer sugestão de suspeitas, e no processo falou sobre Grayson. Ele lhes contou a respeito do incêndio e por que Angel parecera tão perturbada ao chegar ali.

Eles esperaram ouvir por que ela o chamara de Derek, mas Dane ignorou isso e Angel compreendeu que ele não tinha a menor intenção de explicar. Parecia que ele não se importava com o que a família pensasse, e devido à sua expressão indecifrável eles estavam igualmente relutantes em perguntar.

— Como você sabe que o bebê é de Derek?

Um denso silêncio se fez enquanto todos os rostos se voltavam para a senhora Carter.

Sentindo-se rígida das raízes dos cabelos até as pontas dos dedos, Angel fitou o rosto da mulher mais velha e se recusou a desviar os olhos ou exprimir qualquer sinal de defesa. A senhora Carter podia pensar da forma que quisesse; Angel não tinha o menor motivo para se sentir envergonhada.

Mas Dane riu.

— Excelente mãe. Se não acredita que o bebê é dele, então não terei de me preocupar com sua interferência.

Raymond olhou para Grayson por cima do ombro de Célia.

— Não lembro de a senhorita Morris ter namorado qualquer outra pessoa. Na verdade, todos na empresa ficaram surpresos quando descobriram que ela estava namorando alguém, e principalmente que Derek tivesse demonstrado interesse. Mas o bebê tem... quanto tempo? Uns dois meses? Parece novo demais para ser dele.

Dane estreitou os olhos, e subitamente pareceu próximo a um ato de violência.

— Ele nasceu com seis semanas de antecedência.

— Ah. Então o tempo bate, não bate? Célia sorriu de orelha a orelha.

— Claro que sim. Vejam, ele é igualzinho a Derek e Dane.

Mamãe, eu não tenho a menor dúvida.

Angel sempre ouvira dizer que a senhora Carter era uma víbora insensível, mas agora ela parecia tão vulnerável que chegou a lhe causar pena. Enquanto se aproximava do bebê, a senhora respirava fundo, as narinas inflando enquanto tentava encontrar algum controle e falhava. Ela levantou a mão para tocar a cabeça do bebê.

— Ele realmente possui traços da família. Célia sorriu e embalou o bebê.

O tom de Dane foi muito gentil, mas firme, e apenas Angel pareceu notar a forma como ele mantinha um olhar atento em sua mãe.

— Não quero sair apressado, mas temos muito que fazer hoje e é melhor começarmos logo.

Dando um passo à frente, Raymond olhou para cada membro da família, um de cada vez. Ele não era um homem de aspecto ameaçador, como Alec, mas parecia frio e calculista.

— Ficarei feliz em ajudar você aqui, Dane. Parece que você está realmente muito atarefado no momento, e como estava dizendo antes de sermos... bem, antes de sermos interrompidos, você tem outro negócio do qual cuidar.

Angel não queria admitir sua familiaridade com Dane, mas a verdade era que já conseguia compreender sua expressão, e o que viu em seu olhar complacente foi uma espécie de antecipação maligna.

Ele não sorriu, mas ela pôde ver a satisfação em seu olhar ao encarar o outro homem.

— Obrigado, Raymond, mas eu ia sugerir que Célia assumisse. Tenho certeza de que a diretoria irá aprová-la, mas com o apoio de minha mãe... — Ele relanceou os olhos para a mãe, que emitiu um imperioso aceno de cabeça, mas se absteve de expressar qualquer comentário verbal. — E, é claro, o meu também, de modo que não acredito que haverá qualquer problema. Qualquer um que quiser lutar contra essa decisão terá de lutar contra mim, e posso assegurar a todos que não será uma perspectiva muito agradável.

Angel notou que Dane acabara de tornar sua irmã uma

mulher muito feliz. Como sua mãe, ela se manteve calada, mas, quando beijou novamente o bebê, Angel viu um pequeno sorriso exuberante em seu rosto.

Com tudo aparentemente resolvido a contento, Dane olhou o relógio.

— Precisamos ir. Quero acomodar Angel e Grayson em minha casa.

— Na sua casa?

— Sim, mamãe. Pedi a Angel que casasse comigo assim que eu conseguisse providenciar tudo, e ela concordou.

A proclamação de Dane deflagrou uma nova saraivada de comentários e Angel desejou haver alguma maneira de se retirar com Grayson. Todas aquelas pessoas mereciam brigar entre si; ela apenas não queria tomar parte. Mick se colocou a seu lado, e Angel teve a sensação de que ele estava tão desorientado quanto ela com a família Carter.

— Posso ficar com o bebê enquanto vocês saem em lua de mel.

O coração de Angel descompassou diante da oferta ansiosa de Célia, mas Dane rapidamente encobriu sua reação. Ele colocou o braço sobre seus ombros e apertou com gentileza, oferecendo-lhe conforto. Mas, com ele tão próximo, ela estava longe de se sentir confortada.

— Obrigado, mas nós não vamos nem pensar em nada parecido com isso por enquanto. E Grayson é pequeno demais para ficar sozinho. Se quiser visitá-lo, pode ir até nossa casa e ficar um pouco com Angel. — O braço dele a apertou de novo, e ele acrescentou: — Mas ligue antes para combinar com Angel, sim? Eu sei que você não gostaria de tirar Grayson de um cochilo ou interromper sua amamentação.

Célia olhou para Angel, e não notou nenhuma animosidade em sua expressão.

— Você vai passar o Dia de Ação de Graças conosco? Por favor? Sei que está em cima da hora para um convite, mas tudo foi muito repentino, e nós estamos ansiosos para conhecer melhor o bebê. — Lágrimas empoçaram em seus olhos e ela

abraçou Grayson com mais força. — Ele é tudo que nos resta de Derek agora.

Angel umedeceu os lábios, sentindo-se encurralada. A sinceridade de Célia fez com que se sentisse mesquinha e má. Mas ela ainda estava com medo, e se recusava a confiar em qualquer um deles.

— Eu... Dane e eu vamos conversar sobre o assunto. Dane lhe dirigiu um olhar aprovador por seu tato.

— Sim, nós vamos lhe informar sobre isso, mana. Talvez até já tenhamos nos casado até então, se conseguirmos providenciar tudo em dois dias. Realmente não faço a menor idéia de como se faz isso.

— Posso ajudar.

— Não, obrigado. Tenho certeza que Angel e eu poderemos lidar com isso, assim que tivermos uma oportunidade de nos sentar e pensar juntos.

Recuperando sua autoconfiança, a senhora Carter disse: — Isso é absurdo! Acabo de descobrir que tenho um neto mas você está se recusando a nos ceder qualquer direito. Você não pode simplesmente nos deixar de fora desse jeito. Eu não vou permitir.

Dane sorriu para sua mãe.

— Espere e verá.

— Você sempre foi deliberadamente difícil, mas dessa vez eu insisto que seja racional! Estamos falando sobre o filho de Derek, o herdeiro dele, e você quer nos manter afastados?

— Mamãe, ninguém vai impedir que vocês nos visitem, contanto que primeiro marquem com Angel.

A mãe de Dane ficou vermelha. Estava claro para Angel que a senhora Carter não estava acostumada a pedir permissão para nada.

— Marcar com ela? Não seja ridículo! Temos o mesmo direito que vocês de estar com a criança, na verdade, mais. — Ela estreitou os olhos. — E, francamente, acho um absurdo que ela tenha ousado manter essa criança em segredo.

Dane fitou a mãe com um olhar severo.

— Tenho certeza de que a senhora pode entender os motivos

dela.

— Mas que droga, ele é meu neto!

Já tendo ouvido o bastante, Angel deu um passo à frente, afastando-se de Dane. Ela empinou o queixo para falar com firmeza com a matriarca.

— Mas ele é meu filho.

As duas mulheres encararam uma a outra, e Angel teve a sensação de que estavam chegando a um entendimento. Não era fácil enfrentar aquela senhora, mas ela não podia permitir que Dane continuasse a protegê-la. Agora que sabiam a respeito de Grayson, os parentes de Dane passariam a manter contato regular.

A senhora Carter pareceu indecisa sobre como reagir, mas Célia intercedeu para colocar panos quentes.

— O importante é que você vai passar a fazer parte da família, Angel. Espero que me diga se houver qualquer coisa que eu possa fazer para ajudar vocês a se estabelecerem.

Angel não queria fazer parte daquela família; ficava assustada só de pensar nisso. Mas Célia parecia tão sincera que Angel não teve nem coragem nem energia para lhe dizer isso.

— Obrigada.

Raymond segurou o braço da senhora Carter e a consolou, como se ela tivesse sido vítima de uma violência terrível. Dane revirou os olhos, e então começou a fazer planos.

— Alec, pode levar Mick com você até o apartamento e pegar o que Angel ou Grayson possam precisar?

Alec concordou e Angel notou um olhar entre os dois. Começou a questionar Dane, mas Mick pareceu empolgado com a desculpa de estar com Alec e Angel não poderia decepcioná-lo desautorizando Dane.

Então, Dane entregou um cartão de crédito a Alec.

— E passe no shopping para comprar o que precisar ser substituído.

Angel olhou de cara feia para ele. Era hora de enfrentar Dane, também. Ficando nas pontas dos pés para olhar nos olhos dele, sussurrou: — Não abuse da sorte.

Ele sorriu, mas rapidamente eliminou qualquer sinal de humor.

— Bem... você tem alguma sugestão melhor a fazer?

— Não. Mas você está sendo autoritário comigo, e não gosto disso. Pare de me tratar como se eu não fosse capaz de tomar minhas próprias decisões.

— É isso que tenho feito? — Suas palavras soaram macias, íntimas. Ele ignorou completamente as expressões arrebatadas de seus parentes.

— Sim, e não gosto disso. — Ela tentou parecer firme, em vez de afetada pela forma terna com que ele a olhava.

— Vou tentar me regenerar. — Ela desconfiou da sinceridade de Dane, mas, então, diante de sua família inteira, ele a beijou. — Mas não vai ser fácil, querida. Gosto de cuidar de você.

Aturdida, Angel se perguntou se isso fazia parte de seu plano para convencer sua família de que eles iam se casar por opção, em vez de por dever. Antes que ela conseguisse ordenar seus pensamentos, Dane assumiu o controle, organizando tudo de acordo com sua vontade.

UMA HORA depois ela estava acomodada na casa de Dane, um espaçoso rancho no meio do nada, com uma varanda envolvendo toda a casa e janelas demais para que ela conseguisse contar. Ficava a cerca de 400 metros da estrada e era cercada por colinas suaves e árvores antigas.

Angel estremecera diante do isolamento daquela casa; sua vida a partir de agora seria alterada irrevogavelmente, mas isso já acontecera em decorrência de muitos eventos recentes: conhecer Derek, ser demitida do emprego, o acidente de carro, o nascimento de Grayson. Por causa do bebê, ela não podia realmente se arrepender de seu malfadado relacionamento com Derek.

E se ela não houvesse conhecido Derek, jamais teria conhecido Dane.

O pensamento a abalou, e a fez enfrentar seus próprios sentimentos. Recentemente, ela estivera tão ocupada tentando sobreviver, vivendo um dia de cada vez, que quase subestimara

o quanto a vida podia ser preciosa. Ela não havia cogitado uma única vez da morte de Derek. E o que teria acontecido se Dane não houvesse aparecido? E se o assassino tivesse conseguido pegá-la?

A vida era curta demais para carregar rancores ou deixar passar oportunidades. Estava apenas começando a absorver a dura realidade da morte de Derek, e isso a estava deixando trêmula de novo. Se conseguisse isolar sua mágoa, poderia compreender o comportamento de Dane em relação a ela. Ele não agira da mesma forma inescrupulosa que Derek, e na verdade todos os seus atos tinham sido guiados por uma forte motivação de encontrar o assassino.

Angel pretendia ajudá-lo em seus esforços.

Ela correu os olhos pela casa sem muito interesse. Era aberta e arejada, suas cores, brilhantes e limpas. Fora decorada por um profissional e aos olhos de Angel parecia impessoal e não refletia nem um pouco o gosto de Dane.

Amamentou Grayson enquanto Dane a fulminava com perguntas, que ela se esforçou ao máximo em responder. Dane estava inquieto, caminhando em torno dela enquanto tentava descobrir exatamente quando ela sofrerá o acidente, quando os telefonemas haviam começado. Angel entrara em contato pela última vez quando ela estava grávida de cinco meses e meio. Ele a rejeitara. Logo depois, ele morrera. Dois meses depois, o carro da própria Angel fora deixado para fora da estrada, antecipando seu trabalho de parto. O relato deixou Dane ainda mais agitado.

Angel pôs Grayson para dormir num quarto de hóspedes vazio. Dane acendeu uma lareira na sala de televisão e telefonou para Alec em seu apartamento. Infelizmente, embora Alec fosse muito meticuloso, não conseguira encontrar mais nenhuma pista lá.

Angel estava cansada, mas não tinha a menor idéia de como seriam os arranjos para dormir. Ela presumia que eles iriam compartilhar de um certo nível de intimidade. Dane, certamente, tinha sido insistente, e à luz de suas novas revelações ela não era avessa à idéia. Ela o queria; em meio a

todas aquelas crises, eles haviam conseguido descobrir algo muito especial. Dane fazia com que ela sentisse coisas que jamais sentira antes, coisas que nem mesmo imaginara que existiam. Como não fazia a menor idéia de quanto tempo eles poderiam ter juntos, ela não tinha intenção de desperdiçar um segundo sequer.

O que significava que ela, primeiro, precisava colocar certas coisas em pratos limpos.

— Dane?

Ele acabara de desligar o telefone e levantou a cabeça para fitá-la.

— Nunca desejei nenhuma espécie de dano físico a Derek. Lamento muito pelo que aconteceu a ele.

Num estalar de dedos a distância entre eles se encurtou. Dane caminhou a passos largos até Angel, parando a menos de um centímetro à sua frente.

— Não sei se isso significa alguma coisa, querida, mas Derek lamentava o que aconteceu. — Ele a fitava com olhos calorosos, diretos. — Célia alega que ele estava quase doente de remorso, e que sabia que você jamais iria perdoá-lo. Ela disse que ele parecia preocupado com a situação nos dias antes de sua morte.

Angel assentiu, considerando que isso era alguma coisa, embora não tivesse certeza se acreditava.

Dane pousou suas mãos grandes e quentes nos ombros de Angel e apertou suavemente.

— Fico doente só de pensar em todo o tempo que teríamos economizado se tivéssemos sido honestos. — Ele respirou fundo e exalou lentamente. — Você estava correndo perigo todo esse tempo, e eu nem sabia. Se alguma coisa tivesse lhe acontecido...

Angel gentilmente encostou os dedos em sua boca. Ele estava se esforçando ao máximo, disposto até mesmo a se sacrificar, casando com ela para mantê-la segura. O mínimo que ela podia fazer era ser completamente honesta com ele. Ele tinha razão em relação a isso.

Ela inclinou a cabeça até ele e teve de prender a respiração

ao ver a expressão terna em seus olhos. De algum modo, a despeito do fato de que ele era a própria imagem de Derek, seu coração sempre soubera que ele era diferente. Ainda não apreciara a forma como ele a manipulara, mas saber que ela não havia se apaixonado duas vezes pelo mesmo homem era um bálsamo para seu orgulho...

Dane levantou um dedo para acariciar a face de Angel, dispersando seus pensamentos. Ela sorriu.

— Dane, se você tivesse admitido quem era quando entrou em contato comigo, eu teria fugido.

Dane franziu a testa ao pensar na possibilidade.

— Eu tinha muito medo de você — explicou Angel. — Tinha medo de toda a família Carter, mas principalmente de você.

Os olhos de Dane escureceram para um âmbar-dourado, e os músculos de seu estômago retesaram em reação. Ela precisou se esforçar para voltar a tocar no assunto.

— Derek havia me contado muitas historias horríveis do quanto você podia ser cruel e impiedoso.

Ele a puxou para si, pressionando a cabeça no ombro dele e a embalando. Ela teve a sensação de que ele estava confortando tanto a si mesmo quanto a ela.

— Derek e eu discordávamos imensamente sobre a família e a companhia. Enquanto para mim os jogos que eles fazem são repugnantes, para ele eram desafiadores. Acho que ele não gostou quando eu decidi me afastar. — Ele hesitou, e então acrescentou: — E agora ele se foi.

Querendo acalmá-lo, Angel recuou e sorriu para ele.

— Ele sempre falou de você com admiração, fazendo com que parecesse maior que a vida, e duas vezes mais assustador. Eu não confiava em ninguém da sua família, e confiava muito pouco até em Derek. Mas lá no fundo, apesar de tudo, eu achava que ele faria a coisa certa pelo filho.

Dane puxou-a para si novamente.

— Então você está dizendo que na verdade foi bom eu não ter me apresentado logo no começo? — Ele deu um beijo muito leve no queixo, e em seguida na têmpora, de Angel.

— Se eu tivesse, você teria fugido, e sabe-se lá o quê teria lhe

acontecido. O pensamento a fez estremecer, e então ele a beijou. Todas as suas emoções turbulentas do dia pareceram crescer e esquentar, concentrando-se num único desejo avassalador. Ela não estava acostumada com as exigências sexuais de seu corpo e não sabia como domá-las. Tudo que haviam feito na noite anterior, todas as formas como ele a havia tocado e conferido prazer, retornou a sua mente. Calor corria por baixo de sua pele, e suas pernas subitamente pareciam fracas e trêmulas. Queria deitar debaixo de Dane, queria-o novamente dentro dela, fazendo-a estremecer com um prazer quase doloroso. Ela queria que ele a ajudasse a esquecer... ao menos por enquanto.

— Me deixe fazer amor com você, Angel. Ele murmurou este apelo na orelha de Angel, sua respiração cálida também uma carícia. Ela o queria, e esse objetivo simplesmente engolfava todo o resto. Ele lhe pedira para se casar com ele para poder proteger Grayson. Ele era bastante nobre para fazer qualquer coisa para garantir que o bebê estivesse seguro. E agora ele precisava dela, ainda que fisicamente.

Era um risco imenso, permitir que seu coração se envolvesse quando ele já deixara suas motivações claras como cristal. Mas ela descobriu que não tinha opção. Já gastara toda a sua energia por aquele dia, e neste momento nada parecia mais correto do que fazer amor com Dane.

— Sim.

DANE QUIS gritar como um conquistador ao ver Angel macia e dócil contra ele. Deus sabia quanto, depois do tumulto daquele dia, ele precisava de uma distração, e não conseguia pensar em nada melhor do que afundar no seu corpo quente.

Dane quase gritou quando ela deslizou a mão por seu peito até parar sobre seu zíper. Engasgou e teve uma rápida ereção.

— Angel? — O nome dela soou como um gemido rouco, mas ele não teve como evitar. Emoções demais lutavam dentro dele. Ele planejara seduzi-la lentamente, usando as vantagens de que dispunha: o amor que ela sentia por Grayson e sua necessidade por proteção, combinados com a compatibilidade

que os dois tinham na cama. Amar Grayson não seria difícil: o bebê era adorável e conquistara seu coração desde o primeiro momento em que o vira. E mesmo antes de saber que Angel não tinha participação alguma na morte de Derek, ele se sentira compelido a protegê-la. Ele teria preferido morrer a vê-la sofrer o mesmo destino do irmão.

Jamais uma mulher o afetara tanto.

Ele não entendia a repentina submissão de Angel ao seu desejo sexual, não quando estivera tão ultrajada há pouco mais de uma hora, mas não era estúpido a ponto de questionar isso.

Ele cobriu a mão pequena e macia com a sua própria e pressionou forte, ficando quase sem fôlego diante da sensação esplendorosa de tê-la segurando-o. Observou os olhos verdes e brilhantes de Angel se arregalarem, viu seus lábios entreabertos, numa inalação profunda, e a beijou de novo. Dane não foi gentil, possuindo sua boca, introduzindo a língua em sua boca e gemendo quando ela a sugou. Os dedos de Angel se contorceram em torno de sua ereção, acariciando, provando que aprendiz atenciosa ela podia ser.

As revelações que ele tivera naquele dia, o medo que sentira por ela, sua frustração em ser incapaz de resolver o mistério da morte do irmão, tudo aquilo fervilhava dentro dele. Ele precisava dela, de seu conforto. Estar com ela era más forte que qualquer outra coisa.

Levantou os dedos até os seios de Angel, para excitá-los.

Os mamilos de Angel já estavam enrijecidos, empurrando o material puído do suéter que ela usava. Dane desceu a boca até o pescoço dela, por cima da pele inacreditavelmente macia sob seu queixo, e então seguiu até sua orelha. Ao respirar fundo, ele notou o cheiro de fumaça que ainda havia em seu corpo e quis puxá-la muito forte para si, para fazer dela parte dele e para sempre mantê-la em segurança. Ela e Mick haviam alegado que o incêndio tinha sido apenas uma ameaça, sem a intenção de queimá-la, mas ele não estava tão certo disso, e a idéia de que alguém podia ter chegado tão perto dela com tanta facilidade despertava nele um ódio frio. Mais uma vez, ele jurou protegê-la.

Implacável, esperando banir os pensamentos perturbadores, ele a fez caminhar para trás até a parede de tijolos ao lado da lareira e a aprisionou ali com os quadris. Ele levantou abruptamente as mãos até o suéter de Angel e cobriu ambos os seios macios com suas palmas ásperas.

— Você é minha agora, Angel. Ela se moveu contra ele, incitando-o, encorajando-o, e ele reagiu num nível primitivo. Ele abaixou a cabeça e cuidadosamente fechou os dentes sobre um mamilo ereto. Angel gritou. Ele sabia que seus seios eram sensíveis; descobrira isso na noite anterior, e passara a tomar muito cuidado. Mas agora ele queria dominá-la, fazer com que implorasse, com que admitisse que precisava dele, e não apenas pela conveniência e segurança que ele podia oferecer. Era inquietante sentir emoções tão profundas por uma só mulher. Ele não esperava gostar tanto de alguém, não tanto. Mas agora, precisava admitir, especialmente para si mesmo, que o que ele sentia por Angel não tinha comparação com nenhuma outra emoção que experimentara antes. Era loucura, considerando o pouco tempo que eles se conheciam, mas não era capaz de lutar contra isso... nem queria tentar. Ele também não ia se sentir culpado com relação a isso. Derek jogara fora sua chance de tê-la. Dane se sentia culpado por muitas coisas, mas não por isso.

— Dane — gritou ela, afundando os dedos nas costas dele.

— Diga meu nome de novo — ele rogou a ela enquanto começava a abrir a calça jeans.

— Quero você, Dane.

— Agora, Angel, aqui mesmo. Ela arregalou os olhos, mas ele abaixou a calça jeans até os joelhos e a fez se virar.

— Coloque as mãos na parede.

— Dane? — Olhos arregalados com confusão, ela olhou para ele por cima do ombro.

— Faça isso, querida. — Sem poder esperar até que ela concordasse, ele agarrou seus punhos e espalmou as mãos dela na parede, a uma boa distância de cada lado de sua cabeça. — Agora não se mova.

Ele podia ouvir sua respiração frenética, seus pequenos

gemidos, misturando empolgação com incerteza.

Ele sorriu enquanto se livrava de sua calça. Ele estava rijo como pedra, latejando e a ponto de explodir. Quando Dane passou os braços em torno dela para segurar seus seios, usando as pontas dos dedos para beliscar seus mamilos, a ereção dele simplesmente se ajustou naturalmente na reentrância de suas nádegas arredondadas. Angel arfou, pressionando a cabeça para trás, e ao mesmo tempo empurrando os quadris para mais perto dele.

Moveu a virilha, acariciando-a, provocando-a. Estava cego com desejo, mas também determinado a cumprir seus objetivos.

— Quero me casar amanhã, no máximo na quarta-feira.

— Sim.

Um gritinho esganiçado escapou dela quando os braços dele apertaram-na com força, mas o alívio dele era uma coisa viva e não havia como se aproximar o bastante. Ele odiava apressá-la a se casar depois de tudo que acontecera. Merecia um namoro decente, com encontros ao luar, flores e promessas gentis, todas as coisas que ela jamais tivera, todas as coisas que as mulheres esperam.

Mas Dane precisava fazer o que julgava melhor para ambos, e nesse momento sua prioridade era prendê-la a si.

Lentamente, deixando-se enlouquecer tanto quanto ela, Dane arrastou a palma pelas costelas de Angel até alcançar sua barriga. Quando ela arfou baixo, ele lhe deu uma pequena, suave e úmida mordidinha de amor. Então, pôs a mão em concha no sexo de Angel, pegando-a completamente de surpresa, e amando ouvi-la gemer de prazer.

Pressionando gentilmente, os dedos de Dane a encontraram pronta para ele, sua carne feminina intumescida, as pétalas macias escorregadias e quentes. Seu dedo médio deslizou sobre ela, mal a tocando até que ela começou a mover os quadris em contraponto. Ele manteve uma pressão leve e provocante. Ela tentou apressá-lo, encorajando-o a lhe dar aquilo de que ela agora precisava, aquilo que queria desesperadamente. Mas ele resistiu. Ela chegou a abaixar as mãos, mas ele rapidamente a

reposicionou onde a queria, vulnerável, submissa. A julgar pelos sons da respiração arfante e dos gemidos roucos de Angel, ela estava adorando aquilo tanto quanto ele.

— Dane, por favor...

Enquanto acariciava os mamilos de Angel, ele voltou a usar as pontas dos dedos para atormentá-la, mas essa carne era tão mais sensível, e as sensações tão poderosas, que ela soltou um grito e quase pulou para longe dele. Ele passou o braço livre em torno dela, imobilizando-a para prosseguir o tormento sensual.

— Você é minha, Angel. Minha. — Suas palavras eram rudes, autoritárias, sussurradas contra sua têmpora enquanto ele se esfregava em suas nádegas, movimentando dedos inclementes dentro dela.

Para satisfação e profundo prazer de Dane, ela atingiu o ápice. Os braços de Angel enrijeceram, sua cabeça se curvou para a frente e seu corpo estremeceu enquanto ela pressionava as nádegas contra ele. Dane gemeu com ela, encorajando-a, prosseguindo a gentil abrasão da parte mais sensível de seu corpo. Quando ela se calou, ele a elogiou, dizendo-lhe o quanto o excitava, o quanto era especial. Ele não soube se ela o ouviu, e ela não lhe deu outra resposta além de seus gemidos de gratidão. Nunca se importara de usar proteção, mas agora, enquanto colocava apressadamente o preservativo, ele amaldiçoou a necessidade de usá-lo.

Angel mal estava conseguindo ficar de pé, seu corpo agora tombado contra a parede, seus braços não mais rijos e retos. Ela estava com a face pressionada contra a parede, e ele, temendo a abrasão contra sua pele macia, puxou-a para trás e a abaixou para o tapete, entrando nela ao mesmo tempo.

A calça jeans apertada de Angel restringia os movimentos dele, mas isso não importou. Ele simplesmente precisava estar dentro dela, assim como precisava de sua respiração seguinte, de sol e de algumas horas de sono por noite. Ele precisava dela.

Cavalgando-a com ferocidade, empurrando de seu cérebro pensamentos errantes sobre o perigo, ele se concentrou no prazer.

Angel não se juntou a ele novamente, mas em vez disso

preferiu observá-lo, olhos reluzentes à luz do fogo, corpo dócil às suas investidas urgentes. Levantando uma das mãos, ela acariciou seu ombro, sorrindo com gentileza.

Saber que Angel testemunhava cada emoção que surgia em seu rosto e que veria seu prazer explosivo ao alcançar o orgasmo, tornou a experiência inteira muito mais poderosa. Ele não a decepcionou, libertando-se completamente dentro dela. Rangeu os dentes para se conter e não gritar, e a abraçou forte, sabendo que ela acabara de roubar seu coração. Seu corpo ficou rígido quando ele alcançou Seu próprio ápice com um baixo e longo gemido de prazer. Ele amava Angel Morris, pensou enquanto desabava sobre ela. Ele a amava mais do que já amara qualquer pessoa ou coisa. Ele a amava o suficiente para dar a vida por ela, para fazer qualquer coisa para mantê-la ligada a ele. Ora bolas, pensou, o esforço quase doloroso para seu cérebro anuviado. Essa era uma revelação que atrapalharia seus planos altruístas de apenas lhe oferecer proteção. Uma revelação realmente assustadora.

CAPÍTULO NOVE

— DANE, ISSO não foi exatamente como planejei.

As palavras, pronunciadas numa voz muito suave, vagaram em torno de Dane, mas foi preciso um esforço considerável da parte dele para levantar a cabeça.

Não apenas se sentia fisicamente saciado, mas emocionalmente satisfeito. Ainda não queria se mover, e talvez não quisesse voltar a se mover nunca. Não queria perder a sensação e a proximidade; não queria que a realidade, com todos os problemas presentes, se intrometesse. Mas finalmente conseguiu reunir forças suficientes para se apoiar nos cotovelos.

Angel, terna, quente e feminina sob ele, fitou-o com olhos gentis e reluzentes, um pequeno sorriso de satisfação.

Deus, ele a amava. Essa admissão o abalou. Fora negligente com ela, e assim como perdera seu irmão poderia tê-la perdido também.

Ele aninhou um rebelde cacho de cabelos atrás da orelha de Angel.

— O que não aconteceu como você planejava? Eu a decepcionei, querida?

Ele fez estas perguntas aterrorizantes para dar ao seu cérebro uma oportunidade para se recuperar. Ele iria levar algum tempo para voltar a se acostumar a olhar para Angel, agora que sabia a facilidade com que ela era capaz de esmagá-lo. Não estava acostumado a sentir medo, mas o que sentia por Angel o assustava até os ossos, até o âmago de sua masculinidade. Masculinidade essa que ainda permanecia enterrada dentro dela, parcialmente rígida.

Com ela, ele jamais poderia ficar completamente saciado.

Sentir-se da forma como se sentia, compreendendo exatamente o quanto ela era especial, fazia com que não aceitasse o que sabia a respeito de Derek. Seu irmão não

poderia ter usado Angel como instrumento de vingança, da forma como todos pensavam. Nenhum homem poderia ficar algum tempo com ela sem apreciar o quanto era especial, e única.

Angel franziu a testa lisa enquanto olhava para ele.

Dane teve de rir, e por sorte isso suavizou o momento para ele, ao menos até o ponto de lhe permitir falar com coerência sem temer declarar amor imortal por ela. Angel havia sido terrivelmente maltratada por sua família, e ele não fora muito mais gentil com ela, embora isso fosse mudar. Ele pretendia casar-se com ela o mais rápido possível. Sobrecarregá-la agora com seu excesso de emoção antes que ela tivesse oportunidade de se acostumar com o resto seria terrivelmente injusto. Além disso, ele era subitamente um terrível covarde. Simplesmente não queria colocar seu coração em risco, não com a chance de que ela viesse a rejeitar seu amor. Ela o queria num nível físico, isso não havia como negar, não com o perfume aquecido de seu amor ainda pairando denso no ar. E eles tinham o amor mútuo de Grayson, uma responsabilidade que os mantinha ligados. Ele teria de construir a partir dessas coisas, e torcer para que fosse suficiente.

Tocando com as pontas dos dedos uma sobrancelha fortemente arqueada, ele sorriu.

— Como pode parecer tão embaraçada depois do que acabamos de fazer? Está com a calça enrolada nos joelhos, eu posso sentir seus mamilos endurecidos contra meu peito e você ainda está me segurando dentro de você. — Ele se curvou e roçou a boca na dela. — Tão apertada, Angel, como se não quisesse me deixar sair nunca.

— Dane. — Inconscientemente, ela levantou os quadris para o dele, fazendo-o gemer.

— O que não aconteceu como você planejava?

Desviou os olhos com timidez, encantando-o ainda mais. O fato de que ela poderia ser tão selvagem num minuto e tão tímida no seguinte mantinha-o excitado, e aguçava seu instinto de mantê-la próxima e de protegê-la.

— Eu queria que este momento fosse diferente.

Ele riu novamente. Ela jamais deixava de surpreendê-lo.

— Mais diferente do que fazer amor contra uma parede de tijolos com seu...

— Dane, silêncio! — Ela pressionou a mão contra a boca de Dane, que beijou sua palma, rindo baixinho.

— Sinto muito — disse ele, palavras abafadas até que ela recolhesse a mão. — Você é muito fácil de provocar.

— Desta vez, eu quero fazer coisas... com você. Não parece justo que você sempre me dê tanto e que eu apenas receba.

Essas emoções avassaladoras se derramaram novamente sobre ele numa onda de calor, roubando seus pensamentos e deixando seu corpo duro como aço. Ele a esmagou debaixo de si, enterrando seu rosto no pescoço dela. O aroma de fumaça o fez lembrar do começo de incêndio que ameaçara seu apartamento, e o fato de que alguém estava tentando feri-la, alguém que provavelmente matara seu irmão.

Os acontecimentos que os haviam unido jamais se afastavam muito de sua mente. Porque esses mesmos eventos poderiam separá-los.

Afastando-se gentilmente dela, Dane sentou na cama. Angel começou a fazer o mesmo, olhando para Dane, mas ele a deteve levantando um dos seus pés até seu colo e tirando seu sapato.

— Você precisa de um banho e de um pouco de sono. E Alec e Mick deverão chegar logo.

Dane segurou as pernas da calça de Angel e as puxou até despi-la completamente.

— Não preciso dormir. Preciso ver o resto da sua casa.

— E vai ver. — Mais tarde, depois que ela tivesse descansado. Ela podia estar fazendo um bom trabalho mantendo o autocontrole, mas ele ainda estava funcionando à base de adrenalina, bem como uma necessidade visceral de garantir sua segurança. O ato do amor apenas havia atenuado um pouco a sua tensão.

Depois que a tinha nua da cintura para baixo, ele segurou seus braços por baixo e a ergueu com ele. Em seguida, puxou seu suéter, avaliou seu corpo nu com satisfação profunda e, então, segurou seu rosto nas mãos.

— Escute-me, Angel Morris. — Deslizou o polegar pelo lábio inferior de Angel, que meneou a cabeça. — Nós teremos tempo de sobra para brincar sexualmente. Na verdade, o resto das nossas vidas, porque tenho a intenção de ficar com você. Para melhor ou pior, na riqueza e na pobreza. Com o tempo nós dois vamos explorar muita coisa. Mas jamais pense que você me decepcionou, Em primeiro lugar, isso não é possível, não quando você fica tão selvagem quando estamos juntos. Não quando eu sei que essa selvageria é apenas para mim. Esse é o maior presente que uma mulher pode dar, e mais do que a maioria dos homens merece. Nós estamos sendo forçados a esse casamento, mas os benefícios, ao meu modo de pensar, são tremendamente sedutores.

Dane correu os olhos da boca aos seios de Angel, e então os desceu, demorando-se nos cachos umedecidos sobre seu monte. Mais uma vez excitado, ele disse, em voz rouca: — No que me diz respeito, não tenho uma única queixa. Como seu marido, terei você por perto dia e noite, e do meu ponto de vista isso é um privilégio. Tudo bem?

Angel assentiu, mas seus olhos agora estavam carregados com desejo, o que o fez presumir que suas palavras a deviam ter feito visualizar imagens lascivas. Ver a reação dela também colocou essas imagens na mente dele.

Ele não se sentia tão excitado ou insaciável desde seus tempos de escola.

— Vamos. Enquanto você estiver tomando banho, cuidarei de Grayson e farei algo para comermos. — Ele olhou seu corpo branco, nu, enquanto a conduzia até o banheiro da sala, incapaz de impedir suas mãos de darem palmadinhas em suas nádegas arredondadas e alisar sua cintura e sua barriga. Ele respirou fundo e ordenou a si mesmo que se comportasse. — Também vou encontrar um roupão para você usar até que suas outras coisas cheguem.

— São sensações muito estranhas, Dane. Estar nua com um homem, ou não ser a única pessoa de ouvido atento para Grayson. — Ela respirou fundo fitando-o profundamente. — Não precisar sentir medo.

Torceu para que isso significasse que ela sentia alguma confiança nele.

— Não vou deixar que nada aconteça com você, querida. Você pode relaxar agora.

Ela se virou para encará-lo enquanto ele tirava duas toalhas grossas do armário e as deixava à mão.

— O mais estranho de tudo é estar na sua casa. Isso é algo que eu realmente vou levar muito tempo a me acostumar.

— É a nossa casa — disse com firmeza, querendo que ela se sentisse confortável, determinado a deixá-la tão bem-integrada à sua vida que ela não tivesse outra opção além de amá-lo em resposta. — Quando eu assumi o cargo de Derek, minha mãe quis que eu também me mudasse para a casa dele. Mas isso eu não admiti. As memórias que aquele lugar me causam são dolorosas e sufocantes. Tenho a impressão de estar roubando seu escritório, seus arquivos... sua namorada.

Angel balançou a cabeça.

— Nunca fui realmente isso. Derek e eu tivemos um breve caso, que terminou antes que ele se tornasse possessivo. Não tenho certeza se ele sempre pretendeu me usar ou se aproveitou a oportunidade quando surgiu. Mas quase desde o começo eu gostei mais dele do que ele gostou de mim. — Ela olhou em torno, e então sorriu. — Fico feliz por esta ser sua casa, não a dele.

Dane também olhou ao redor.

— Contratei uma profissional para decorá-la por que não tinha a menor idéia do que fazer nem tempo para pensar nisso, não viajando tanto quanto viajo. É uma espécie de base, sempre me pareceu muito... muito fria. Assim, se você quiser mudar as coisas aqui, sinta-se à vontade. Apenas não deixe ninguém entrar se eu não estiver aqui com você.

— Não sou uma idiota.

Ele concordou com um aceno de cabeça.

— Longe disso. Mas neste momento não estou disposta a confiar sua segurança a ninguém. A casa é segura, mas apenas se você usar direito o sistema de vigilância. Tem um interfone para as portas da frente e dos fundos. Não corra riscos, certo?

Ela concordou solene. Ele não queria assustá-la de novo, mas ambos sabiam que viviam uma situação de grande perigo. Com sorte, ela ficaria longe de risco morando em sua casa enquanto ele prosseguia a investigação sobre a morte de Derek. Ele, provavelmente, iria levar o caso muito em breve à polícia, assim que tivesse tido uma oportunidade de repassar tudo que sabia com Alec.

O futuro se estendia diante dele, e pela primeira vez em muitos anos ele sentia algo além de um vácuo infinito. Ele queria um futuro com Angel, com Grayson.

E não iria deixar que nada ficasse em seu caminho. Nada. Nem mesmo um assassino.

.

A MÃE NATUREZA conspirou contra eles.

Olhando pela janela da cozinhai Angel bebericou seu café e suspirou. Finalmente, o sol estava brilhando de novo, embora ela soubesse que o tempo não iria melhorar por algum tempo. A previsão anunciara recordes em temperatura baixa para a semana seguinte.

Também sabia que Dane estava frustrado, que se dependesse dele já estariam casados.

Mas a tempestade de neve mais terrível da estação havia praticamente cancelado o Dia de Ação de Graças e obrigado todos a ficarem dentro de suas casas, impossibilitando um casamento.

A tempestade também havia prejudicado a investigação, impedindo que fossem realizados interrogatórios pessoais.

Dane havia improvisado o Dia de Ação de Graças, esquecendo de incluir sua família, para alívio de Angel e decepção de Célia. Na falta de um peru, fez um soberbo assado de carne de porco, surpreendendo Angel com seus talentos culinários.

De algum modo, parecera completamente natural passar uma tarde na cozinha com Dane, chocando quadris e dividindo tarefas, trabalhando juntos. Grayson ficou em seu bebê-conforto observando os dois, e o cenário seria perfeito se não

fosse pelo fato de que ainda havia alguma coisa maligna lá fora, uma ameaça que mantinha ambos num permanente estado de tensão, apesar de seus esforços em contrário.

O tempo provou ser a desculpa perfeita para que os dois permanecessem na cama, dispersando a sombria nuvem de ameaça com uma sobrecarga de sensualidade. Há apenas algumas horas Dane a havia despertado de um sono profundo com mãos macias e uma boca quente, lambendo-a com intensidade crescente, até ela ter de abafar os gritos com um travesseiro. Para surpresa de Angel, cada vez com ele parecia melhor. Ela não tinha certeza de quanto mais seria capaz de suportar, mas estava ansiosa por descobrir.

Ele a deixara debilitada e exausta na cama. Ele beijara a ponta de seu nariz, dissera-lhe que estaria em casa dentro de algumas horas e, então, segurara amorosamente em concha um de seus seios antes de lhe dar as costas e se retirar. Dane, frequentemente, a deixava apressado, como se tivesse medo de que, caso demorasse, não fosse capaz de fazê-lo.

Angel jamais se sentira tão mimada, ou tão amada. Só que ele nunca falara sobre amor.

Angel se preocupava com a facilidade com que se acostumara com Dane. Ele era o pai perfeito para Grayson, e o companheiro perfeito para ela, ainda que ocasionalmente pudesse ser muito autoritário.

Ela compreendia sua preocupação porque compartilhava dela. Por mais que refletissem sobre o assunto, não eram capaz de pensar em um único motivo para alguém querer assassinar Derek e tentar matá-la. A idéia de não saber, de sempre estar em guarda, deixava Angel profundamente irritada.

Acabara de subir do porão com um enorme cesto de roupas lavadas quando ouviu o telefone tocar. Esperando que fosse Célia, que assumira o hábito de telefonar diariamente, ela equilibrou o cesto num quadril e usou o ombro para segurar o telefone perto do ouvido.

— Alô.

Não houve resposta, e num piscar de olhos os pelos finos da nuca de Angel estavam eriçados e um arrepio corria por seus

braços. Não. Ela forçou um tom calmo e repetiu, desta vez com mais firmeza: — Alô? — Mas mesmo assim ela não ouviu nenhuma resposta, e rapidamente desligou o telefone.

Permaneceu ali, congelada, tentando convencer a si mesma de que havia sido um acidente, uma coincidência. Não recebera nenhum telefonema ameaçador desde que se mudara para a casa de Dane. Não havia motivo para julgar que este fosse um deles.

Respirou fundo e tentou se convencer de que estava certa.

Nesse momento, Dane entrou. Flocos de neve reluziam em seus cabelos e seus suaves olhos dourados brilhavam com boas-vindas.

Quando a viu parada ali, ele apertou o passo para tomar o cesto de suas mãos.

— Angel, você está bem? Sua perna está doendo de novo?

Ela engoliu em seco e automaticamente repetiu as palavras que haviam se tornado uma litânia. O homem era protetor demais.

— Pare de me paparicar, Dane. Isso está ficando irritante.

— Tenho uma doméstica para fazer isso...

— Uma doméstica que foi contratada para lavar suas roupas, não as minhas nem as de Grayson. Além disso, sou perfeitamente capaz de tomar conta de mim mesma. Não quero uma estranha mexendo em minhas coisas. — Percebendo, pela expressão de Dane, que ele estava articulando mais argumentos, ela acrescentou: — Além disso, a doméstica não tem conseguido vir com esse mau tempo. Todos os dias Grayson tem roupas para lavar.

— Oh! — Ele pareceu distraído por apenas um momento, e então subitamente a puxou para seus braços e a fez girar num círculo amplo. — Muito bem, vou deixar essa passar, mas apenas porque tenho algumas surpresas para você e não acho que vai apreciá-las se estiver zangada.

— Você descobriu alguma coisa? — indagou, o corpo inteiro retesando com esperança.

À guisa de desculpas, Dane deu um beijinho no nariz de Angel.

— Não, querida. Sinto muito. Ainda não descobrimos nada, mas estamos trabalhando duro. Entrei em contato com alguns amigos no departamento de polícia e eles estão investigando para mim, revisando todo o caso. Alguma coisa vai aparecer em breve, prometo.

Angel mordiscou o lábio enquanto a decepção crescia. Ela não sabia mais quanto tempo seria capaz de esperar.

Contudo, Angel sabia, que a espera era ainda mais difícil para Dane. Ele se sentia compelido a vingar o irmão, e a protegê-la e a Grayson. Ela temia que ele se arriscasse demais. Se Dane se machucasse por causa dela...

— Ei, pare com essa cara triste, querida. — Ele a beijou novamente, desta vez se demorando mais. — Quero ver você sorrindo, não de cara amarrada.

Ela considerou contar a respeito do telefonema, mas naquele momento sua expressão estava tão otimista e feliz...

Haveria tempo de sobra para falar sobre isso depois... se é que era realmente importante, e ela começava a duvidar disso.

No último telefonema que ela recebera tinha havido uma advertência, e este fora silencioso. Provavelmente, não havia relação nenhuma entre essa ligação e as outras, tendo sido apenas um engano.

— Para onde você foi apressado hoje de manhã? — ela indagou, balançando a cabeça para afastar seu melancólico humor.

Recuando até uma cadeira de cozinha, ele se sentou e a puxou para o colo. O pesado casaco de Dane estava úmido em alguns lugares e ele o tirou, colocando-o na mesa, ao lado do cesto de roupas. Com a ponta áspera de um dedo, ele tocou a face de Angel.

— Minha irmã está louca para voltar aqui e ver Grayson. E você. Ela está transbordando com perguntas e curiosidade.

Célia telefonava ao menos uma vez por dia, e era sempre cordial e inquisitiva, mas cautelosa, como se estivesse fazendo um esforço enorme para não se intrometer nas vidas deles. Angel estava começando a gostar dela. Mas os outros parentes de Dane estavam se mantendo assustadoramente silenciosos.

— Como você iria se sentir se recebêssemos ela e Raymond para jantar? As estradas estão muito melhores hoje, e não há previsão de mais neve; até terça-feira, o tráfego deve estar liberado.

Angel se perguntou sobre seus motivos para o convite repentino, mas disse apenas: — Dane, ela é sua irmã. Se você quer recebê-la, tudo bem. — Ela hesitou, e então acrescentou: — Talvez você devesse convidar sua mãe, também. Isso pode ajudar a melhorar a relação com ela.

— Ainda não. — Ele disse isso num tom tranqüilo, mas Angel percebeu sua tensão repentina.

— Dane, o que aconteceu entre vocês? Derek uma vez me disse que vocês se desentenderam, mas...

Ela foi interrompida por um riso de Dane, um som que beirava o sarcasmo.

— Uma diferença de opinião, hein? Bem, Derek tinha razão sobre isso. Mas isso pertence ao passado, querida, e não quero entediá-la.

— Eu não deveria saber o que está acontecendo, considerando que o passado provavelmente exerce um papel importante na tensão atual? E se a sua mãe disse alguma coisa? Não gosto de ser mantida sem saber.

— Não é nada que diga respeito a você.

E isso, pensou ela, era a raiz do problema. Ela queria que tudo que se referisse a ele dissesse respeito a ela também.

— Sinto muito. — Tentou sair do colo dele, que a impediu.

— Droga, não quis que isso soasse assim. — Ele lhe dirigiu um olhar frustrado, e então encolheu os ombros. — Muito bem, se é tão importante para você que eu revele minha alma, acho que posso sobreviver a isso.

Ele estava com um humor muito estranho, brincalhão num momento, solene no seguinte e, então, brincalhão de novo.

— Não quero pressionar você.

— Ah! Está bem, sinto muito, — Ele a apertou mais forte. — Ei, não fuja. Angel lhe dirigiu um olhar impaciente.

— Muito bem, droga, mas assim que eu tiver terminado minha história boba vamos passar para a sua surpresa, certo?

Depois de um breve momento de hesitação, ele disse: — Já fui noivo. — As mãos de Dane a circundaram enquanto ele olhava para o lado sem fitar nada em particular, apenas evitando os olhos dela. — Mamãe não aprovou, é claro, mas nessa época eu já havia começado a enfrentá-la em quase tudo. Derek ingressou na faculdade que ela escolheu, eu fui para uma universidade estadual. Olhando para trás, vejo como agi de forma infantil, opondo-me a ela apenas por capricho, mas ela me irritava muito com sua mania de controlar tudo.

Angel não conseguia nem começar a imaginar alguém tentando controlar Dane. A idéia em si era ridícula.

— Tanto Derek quanto eu obtivemos nossas graduações em administração no mesmo ano em que papai morreu. Ele e mamãe sempre haviam planejado que nós assumíssemos a empresa, mas não tão cedo; O ataque cardíaco de papai pegou todos nós de surpresa. Mamãe, que nunca foi dada a lutos prolongados, queria que nós dois assumíssemos juntos a companhia. Eu queria tirar meu MBA. Derek, que nasceu para presidir uma empresa, estava ansioso pára começar, mas eu resisti a ela. Estava feliz por deixar Derek cuidar das coisas, e, a despeito de todas as lamúrias que tive de ouvir, voltei a estudar.

Um pesado silêncio caiu e Angel o sentiu se mexer de leve, como se estivesse desconfortável.

— Enquanto estava na faculdade, conheci uma mulher, e quis casar com ela. Como isso não se enquadrava nos planos de mamãe, ela fez tudo que pôde para me desencorajar, inclusive me repudiar legalmente para eu não poder tocar em minha herança. Mas, quanto mais ela tentava me desanimar, mais determinado eu ficava. Quando lhe contei que tinha todas as intenções de me casar, ela... ela... subornou Anna.

Angel não fazia a menor idéia do que dizer a respeito disso. Ela esperou, torcendo para que ele concluísse. E ele finalmente o fez.

— Não gosto de pensar que foi o dinheiro que interessou Anna. Ela não teve o mesmo tipo de criação que eu, e minha mãe a deixou aterrorizada. Mamãe descreveu para Anna a vida

grandiosa que era esperada que ela tivesse, e isso a assustou muito. Quando mamãe lhe ofereceu dinheiro, ela aceitou, e foi, embora.

Que idiota, pensou Angel. Ela sabia que Dane tinha dinheiro, mas ele não ostentava isso. Sua casa era bonita, mas nem um pouco extravagante. Tudo nela era casual, confortável e discreto. Anna não devia ter conhecido Dane bem para acreditar nas asneiras que a mãe dele contou. Ou, talvez, o relacionamento não fosse realmente tão importante assim para ela.

— Sinto muito.

Dane meneou a cabeça impaciente.

— A pior parte era que ela estava esperando um bebê meu.

Angel ficou rígida de tensão, tomada por uma mistura de ciúme e confusão. Onde a criança estava agora?

Como se tivesse lido seus pensamentos, Dane a abraçou mais forte.

— Quando finalmente consegui entrar em contato com Anna, ela me disse que havia perdido o bebê.

Dane parecia atormentado; para consolá-lo, Angel se aninhou em seu peito. Nunca vira Dane daquele jeito. A morte de Derek o imbuíra com determinação calculista, com propósito. O desprezo da mãe dele parecera apenas diverti-lo. Más agora estava deixando transparecer uma profunda fragilidade. Ela, definitivamente, preferia vê-lo arrogante. E naquele momento seria capaz de fazer qualquer coisa para aliviar sua dor.

Dane aninhou a mão grande na nuca de Angel e se pôs a distraidamente enrolar os seus cabelos com os dedos.

— Nunca aceitei isso, mas até hoje não sei ao certo se o aborto de Anna foi mesmo espontâneo. Lancei a culpa em minha mãe porque era muito mais fácil culpá-la do que aceitar que eu poderia ter me enganado a respeito de Anna, que eu havia cometido um erro colossal ao querer casar com uma mulher que não me amava o suficiente para confiar em mim. Ela me contou, chorando, que havia ficado com muito medo, e que aceitar o suborno oferecido por minha mãe pareceu a

única alternativa possível. '

Angel podia sentir seu coração batendo, agora, um pouco mais forte. Ela deslizou a mão para dentro da camisa dele, deslizando os dedos sobre sua pele quente e coberta por pelos ásperos. Dane se manteve imóvel, embora sua respiração tenha se alterado, ficando um pouco mais intensa, mais rápida. Angel tirou a camisa de dentro da calça e a puxou para cima, beijando seu peito, seus pequenos mamilos. Dane gemeu e rapidamente tirou a camisa por cima da cabeça. Murmurando contra o peito dele, Angel disse: — Ela poderia ter recorrido a você, e não fez isso. É o que o incomoda mais, não é?

Dane inclinou a cabeça para trás, encostando-a na cadeira.

— Ela não confiou em mim.

— Eu confio em você. Tenho confiado em você não apenas minha vida, mas também a de Grayson. — Ele começou a falar e ela se empertigou, segurando seu queixo com as palmas em concha, mantendo sua cabeça imóvel enquanto atacava sua boca. Dane gemeu de novo e Angel tomou isso por sua deixa. Com seus lábios ainda se tocando, ela murmurou: — Dane, não sou como ela. Sua mãe não pode me mandar embora. Só você poderia fazer isso agora.

Em vez de responder, ele a beijou novamente, e havia fome na forma como ele a segurava, na forma como sua boca se movia pesadamente sobre a dela. Ele podia não amá-la, mas precisava dela, e disso o amor podia nascer.

Ele se afastou dela com um rude som de impaciência.

— Mulher, você me deixa desorientado.

— Fico feliz por isso.

Rindo, ele evitou a boca de Angel quando ela tentou capturar novamente a sua.

— Sua surpresa, lembra?

— Não podemos deixar isso para mais tarde?

— Sua devassa insaciável. Pare com isso! — Ele segurou, as mãos dela e as puxou para longe de seu cinto. Quando ela fingiu fazer beicinho, ele sorriu. — Apenas demonstre uma pitada de paciência, combinado? Em primeiro lugar, Mick alugou seu apartamento, de modo que você já pode parar de

ficar preocupada com isso.

Isso não fora nem de perto o que ela estivera esperando. Contra seus protestos e de Mick, Dane insistira em pagar o aluguel até que Mick encontrasse um novo inquilino. Ciente de que Mick e sua mãe precisavam do dinheiro, Angel sentira-se mal por sair sem aviso, mas Dane não permitiu que ela própria pagasse o aluguel, enquanto Mick não queria que nenhum deles pagasse. Ele era um jovem muito orgulhoso.

— Quem é? — Angel ainda estava preocupada com Mick. Ela conversava com ele com freqüência, mas sentia falta de ajudá-lo diariamente com seus deveres escolares. Ela pretendia reiniciar essa rotina assim que o tempo melhorasse. Dane era favorável à idéia.

— Vou lhe dizer, porque você jamais adivinharia. — Ele levou um momento para criar suspense, mas quando ela emitiu um grunhido impaciente, ele sorriu e disse: — Alec.

Diante da expressão de surpresa de Angel, ele assentiu com a cabeça.

— Isso mesmo. Eu lhe mostrei o apartamento pessoalmente. Não fica muito longe do escritório, e Mick é um tremendo zelador, especialmente para um rapaz.

— E você quer que Alec fique lá, de olho nele, para ter certeza de que está bem?

— De forma alguma. Eu sabia que você ficaria preocupada, e pensasse que isso seria tranquilizá-la. Mas Alec realmente estava procurando um novo lugar para morar, e gosta de lá. Angel sorriu para ele.

— É uma surpresa maravilhosa. Muito obrigada.

— Essa é apenas parte da surpresa. Agora, não fique zangada até ter me ouvido, certo?

Como se uma bandeira vermelha tivesse sido brandida diante de seu rosto, as palavras de Dane surtiram o efeito de colocá-la instantaneamente em guarda. Ela enrijeceu, tensa.

— O que você fez?

— Nós concordamos que era bom nos casarmos, e isso significa que quero fazer o que puder para assegurar que você e Grayson sejam bem-cuidados. Sei como você se sente a respeito

de dinheiro, mas isso é bobagem. Graças à minha herança...

— Achei que sua mãe tinha lhe tomado isso! Ele deu com os ombros.

— Ela me devolveu, como uma espécie de suborno para me trazer de volta para o seio da família. Está investida num banco, crescendo com os juros, porque eu não tinha nenhum uso para ela até agora.

— Não quero que altere seus princípios por minha causa, Dane Carter! Ele riu.

— Não era um princípio. Era apenas teimosia, e o fato de que adoro irritar minha mãe. Mas como vamos nos casar na terça-feira de manhã...

— Alto lá! — Angel levantou as mãos, atordoada com o excesso de informações de uma só vez. Ela precisaria de alguns minutos para assimilar tudo. — O que você quer dizer com nos casarmos na terça-feira de manhã? Desde quando isso foi decidido?

Ele fez a gentileza de aparentar humildade.

— Ah... Na verdade, hoje mesmo. Essa era a outra parte da sua surpresa. Conversei com meu médico e o laboratório fará os exames de sangue amanhã. Assim que tivermos feito isso, iremos ao centro da cidade tirar a certidão. Um pastor da igreja da minha irmã concordou em oficializar a cerimônia na terça-feira.

Os dois se desentenderam por um momento, e Angel tentava sair do colo dele e ele se mostrava igualmente determinado a mantê-la ali. Dane venceu.

— Você concordou em se casar comigo, querida. — Ele a abraçou forte, os olhos firmes nos dela. Havia uma expressão de desafio no rosto dele, e mais alguma coisa, algo difícil de ser definido.

— Nós fizemos o acordo, você e eu. Grayson precisa de mim, e eu não vou dar as costas para ele, nem agora, nem nunca. Se está pensando em desistir, é tarde demais.

A realidade a atingiu, roubando-lhe todo o ar dos pulmões. Ele queria coisas confirmadas, queria uma garantia, e não quisera deixar a decisão para ela por temer que ela desistisse.

Saber que ele sentia uma responsabilidade tão profunda por Grayson, e que temia perder o bebê, foi uma revelação para Angel. Mas ela não podia meramente compactuar com seu comportamento autoritário. Se ela lhe desse espaço, ele iria se tornar um tirano.

— Da próxima vez, fale comigo antes — disse Angel, de cara amarrada.

Ele arregalou os olhos, e a arrogância voltou imediatamente ao seu rosto, juntamente com uma saudável dose de alívio.

— Não haverá próxima vez, meu bem. Já lhe disse. Qualquer que seja o motivo pelo qual estamos casando, ainda assim será para sempre.

Enquanto dizia isso, Dane se curvou para a frente e lhe deu um beijo longo e profundo. Ao recuar, sussurrou: — Acho que devo contar logo o resto.

— Há mais?

— Temo que sim. — Ele respirou fundo para tomar coragem antes de dizer: — Paguei seu plano de saúde e o do Grayson.

Ela devia ter esperado por isso. Mas, com todos os acontecimentos dos últimos dias, ela até havia esquecido de suas contas atrasadas. De certo modo, foi quase um alívio se livrar desse fardo em particular, a não ser pelo fato de que ela não queria que seu relacionamento com Dane se resumisse às coisas materiais que ele poderia lhe dar. Queria mais do que isso.

Quando se limitou a estreitar os olhos para Dane, ele prosseguiu, evidentemente encorajado ppr seu silêncio: — Eu também abri uma conta no seu nome. Você pode colocar seu próprio dinheiro nela, mas já depositei uma quantia considerável: À conta está apenas em seu nome, de modo que você pode fazer qualquer coisa que quiser com ela. Compreenda, Angel, esse dinheiro não é para contas domésticas. Se você quiser redecorar a casa... A propósito, eu estava pensando que o quarto de Grayson bem que está precisando de um pouco de cor...

— Dane.

— Ora, vamos, querida, não seja tão radical. — Ele correu a

mão pelos cabelos, tão evidentemente frustrado que ela teve de ocultar um sorriso. — No que me diz respeito, o que eu tenho já é seu, mas você é cabeça-dura demais para permitir que eu tome conta de você.

— Cabeça-dura? Puxa, você sabe usar palavras doces com uma mulher.

— Droga, Angel, eu não sou o meu irmão! Você não precisa se preocupar com nenhuma motivação oculta da minha parte.

— E eu não sou Anna — disse ela, com a mesma firmeza. — Não vou ser comprada. Você só está tentando garantir que eu tenha dinheiro para não ficar tentada, caso sua mãe tente me subornar.

Ele desviou o olhar, seu corpo inteiro tenso, os ombros rijos, o que para Angel foi o mesmo que uma admissão de culpa. Quando ele se virou para encará-la de novo, seus olhos estavam duros como diamantes.

— Você ficaria tentada?

— Não! — Procurando se acalmar, e ao mesmo tempo decidir quais palavras deveriam ser pronunciadas, ela respirou fundo uma vez, e em seguida outra. — Dane, precisamos conversar. Há uma coisa que preciso lhe dizer.

— Estou ouvindo — disse ele, mas sua expressão permaneceu agressiva. Grayson escolheu esse momento desfavorável para emitir seu grito patenteado de Estou acordado e espero alguma atenção. Angel dirigiu um último olhar crítico para Dane antes de sair correndo da cozinha. Ela o ouviu xingar baixo às suas costas.

A mudança de foco foi praticamente um alívio. Ela o amava, e ele merecia saber disso. Mas ele já tinha muitas preocupações, e seria melhor não sobrecarregá-lo com seu amor. Como não era por esse motivo que ele iria se casar com ela, talvez nem mesmo gostasse de saber a respeito do afeto que ela sentia por ele.

Ela precisava pensar melhor antes de fazer qualquer declaração grandiosa. O momento ideal seria depois que o mistério das ameaças tivesse sido elucidado, mas com ele forçando-a a casar tão breve isso não seria mais uma opção.

Ela mudou a fralda de Grayson enquanto o bebê se remexia impaciente, exigindo ser alimentado, e então sentou na cadeira de balanço em seu quarto. Ela acabara de acomodar o bebê contra o seio quando Dane falou: — Ele é um pequeno glutão.

Dane estava encostado no umbral da porta do quarto, mais bonito e atraente do que um homem tinha o direito de ser, especialmente agora, com uma expressão juvenil no rosto ao observar o beber mamar avidamente. Ele vestira de novo sua camisa, que estava abotoada até a casa superior e com as mangas enroladas até a altura dos cotovelos.

Diante do silêncio de Angel, ele entrou no quarto e ajoelhou ao lado da cadeira de balanço na qual ela estava.

— Angel, eu me sinto muito culpado quando penso no que Derek vai perder. Angel observou-o correr silenciosamente um dedo pela bochecha de Grayson.

— Descontando a forma como ele a, tratou, que é algo que eu realmente não consigo compreender, pois ele era um homem bom, e um excelente irmão. Ele nunca me deu as costas, nunca assumiu o partido da minha família contra mim.

"Quando jovens, nós éramos inseparáveis, não apenas irmãos, mas o melhor amigo um do outro. Eu o amava muito, mas não consigo evitar de estar feliz por ser eu quem está aqui com você e Grayson."

— Oh, Dane. — Angel sentiu lágrimas em seus olhos. Podia imaginar o inferno pelo qual ele estava passando, e não tinha como ajudá-lo.

Ele estreitou os olhos e comprimiu o queixo.

— Preciso descobrir o que aconteceu com ele. É o mínimo que lhe devo, por ter minha vida quando a dele se foi, por assumir de onde ele parou.

— Derek escolheu seu próprio caminho, Dane. Você não pode culpar a si mesmo por isso.

Tenso, Dane virou o rosto.

— Se eu tivesse retornado em vez de ser tão teimoso, poderia tê-lo ajudado. Ele poderia ainda estar vivo.

E nós não teríamos encontrado um ao outro. Angel estremeceu com o pensamento, e então sentiu sua própria

parcela de culpa.

O bebê, reconhecendo a voz de Dane, soltou o mamilo de Angel para virar a cabeça. Ele fitou Dane, seus olhos azuis muito alertas. Dane sorriu, embora sua expressão ainda estivesse triste.

— Eu o amo, você sabe.

Angel assentiu, um nó de emoção na garganta. Dane se levantou e meteu a mão no bolso.

— Comprei isto para você hoje. Ao menos desta vez você pode me conceder o direito tradicional de o noivo gastar seu dinheiro. — Ele lhe estendeu uma caixinha preta, e então voltou a atenção para Grayson. O bebê o fitou por um longo momento antes de voltar a mamar. Algumas coisas simplesmente eram mais importantes que outras.

Angel se atrapalhou um pouco até conseguir abrir a caixinha. Suas mãos tremiam e o fato de estar com o bebê no colo dificultava seus movimentos. Dentro da caixa, aninhado no veludo creme, estava o mais belo anel de noivado que ela já vira. Era grande, mas não grande demais: um diamante oval cercado por rubis. Arfante, ela sussurrou: — É incrível.

— Então, gostou?

— Dane... — Ela.estendeu a mão livre até ele e de algum modo conseguiu abraçar os dois, fazendo Grayson se contorcer em protesto.

— Por que você não termina o que ia me dizer? Preciso sair de novo. Surpresa, ela perguntou: — Onde você vai agora?

Dane tirou o anel dela e o colocou em seu dedo. Ele pareceu satisfeito com a forma como encaixou com perfeição.

— Vou devolver sua caixa postal. Ela fica muito longe daqui, e além disso... — Ele a fitou, desafiador. — Depois de todas aquelas ameaças que recebeu, quero que tudo que lhe é endereçado passe por mim antes, pelo menos até que essa situação seja resolvida.

Angel cerrou o punho em torno do anel.

— Está bem. De qualquer modo, não uso aquela caixa postal desde que saí da Aeric. Pegue a chave. Meu chaveiro está pendurado ao lado do telefone, na cozinha.

Dane não conseguiu esconder sua satisfação. Ela não viu motivo para discutir com ele sobre esse assunto, não quando ela não costumava mesmo usar aquele serviço.

— Agora, o que você ia me dizer?

Ela precisava de mais tempo, pensou. Esta noite, durante o jantar, sem interrupções ou as distrações de datas de casamento ou culpa sufocante, ela iria lhe dizer que o amava. Mas não agora, não quando ambos estavam se sentindo confusos e ele estava pronto para sair de novo de casa.

— Angel?

— Eu não quero que Grayson seja filho único.

Dane piscou, atônito.

— O que você disse?

Angel sentiu suas faces esquentarem, mas pelo menos ela estava lhe dizendo a verdade.

— Nunca tive irmãos ou irmãs, e isso era terrível. Eu... sei que nós vamos nos casar por motivos práticos, mas eu quero outro filho. Achei que você merecia saber disso antes de nos casarmos. Para que você esteja... preparado.

Dane vasculhou o rosto de Angel por vários momentos, parecendo mais surpreso que assustado.

Muito lentamente, um sorriso se espalhou por seu rosto. Ele olhou para Grayson e riu do bebê, que estava fazendo sons engraçados enquanto mamava.

— Nada me faria mais feliz, querida. Contanto que esperemos um pouco, para que você não fique sobrecarregada. Eu quero que sua perna fique completamente curada e não quero que Grayson arrume subitamente um rival. Assim como você não tem irmãos, eu tive um que tomava metade da atenção dos meus pais. Não estou reclamando, mas acho que o ambiente precisa ser feliz. Além disso, não esqueça que comigo você corre o risco de ter gêmeos. Trocar três fraldas ao mesmo tempo deve ser um pouco demais até para o pai ou mãe mais determinado.

Ele não havia refutado suas razões para se casar, mas ela não ficou desanimada. Os motivos práticos existiam, mas também o amor que ela sentia. E à noite ela iria lhe contar isso.

CAPÍTULO DEZ

DANE ESTAVA de pé sob o toldo da agência de correio enquanto o vento congelante sibilava ao seu redor, soprando as abas de seu casaco e cobrindo seu rosto com uma fina camada de flocos de neve. Nada podia penetrar o calor de sua raiva.

Com movimentos deliberados, ele levantou a mão para mais uma vez ler o nome no grande envelope de cartolina.

O irmão de Dane havia remetido uma mensagem final a Angel.

A raiva avassaladora que o incitava a abrir o envelope era difícil de resistir, mas no fundo de seu coração Dane sabia que precisava entregar a carta a Angel. Olhar o conteúdo do envelope seria uma violação da privacidade de Angel, e ela poderia tomar isso como um motivo para não confiar mais nele. Podia ser uma carta de amor... ou podia ser a informação, o elo perdido para as ameaças, que eles vinham procurando.

Dane não queria que ela ficasse triste. Não queria que nada que seu irmão tivesse posto na carta ferisse ainda mais o coração de Angel. E não queria sofrer o ciúme ardente que sentia agora, suficiente para espantar todo o frio que o inverno estava oferecendo. Droga! Ele não queria que seu irmão recuperasse espaço no coração de Angel com um último adeus.

Sentimentos de luto, culpa e posse se enfrentaram em sua mente.

O balconista da agência observara com ar desconfiado Dane retirar as cartas que haviam entupido a grande caixa de correio. Dane se limitara a correr os olhos pelos numerosos panfletos comerciais e revistas de ofertas antes que a carta de Derek capturasse sua atenção. Agora, com passos rijos e postura ansiosa, caminhou até o carro. Não conseguia compreender sua própria pressa; apenas queria estar com Angel e Grayson. Precisava saber se os dois estavam bem.

Levou ao todo cinco minutos para perceber que estava sendo

seguido. Usando seu celular, discou com impaciência o número de Alec.

— Sharpe.

— Estão na minha cola — disse Dane, dispensando explicações adicionais.

— A caminho.

Nos últimos dias Dane vinha notando que o seguiam. Como não conseguira se aproximar o suficiente para descobrir quem era, deixara Alec de alerta. Dane dissera a Angel que não queria que ela se expusesse ao frio, mas na verdade não estivera querendo correr o risco de deixar que o perseguidor chegasse a ela. Ele preferia mantê-la em casa, a salvo, por trás de portas trancadas, longe de qualquer ameaça.

Quando, naquela manhã, ele abrira a conta no nome de Angel, fora na verdade para protegê-la financeiramente, caso alguma coisa lhe acontecesse. Angel o acusara de não confiar nela, mas isso não era mais verdade. Ele simplesmente não estava disposto a deixar seu futuro ao acaso. Embora houvesse lhe dito que a quantia na conta era vultosa, tinha certeza de que ela jamais imaginaria o quanto. E preferia assim. Angel tinha uma tendência a discutir com ele sempre que tentava lhe dar alguma coisa. Ela ficaria furiosa quando visse o extrato do banco. Dane sorriu em antecipação. .

De algum modo perverso, gostava de discutir com ela tanto quanto gostava de fazer amor, O relacionamento deles jamais seria tedioso, disso ele tinha certeza.

Alec não devia estar muito atrás deles, e agora, com o sinal de Dane, ele iria reduzir a distância, e os dois iriam enclausurar o motorista entre eles.

— Droga! — murmurou Dane ao celular quando viu o carro pegar uma rua transversal. — É ele que está subindo a rampa para a rodovia?

Dane observou o suspeito se afastar e compreendeu que, quem quer que ele fosse, pressentira a armadilha.

— Sim, era ele. Como nos descobriu?

— Talvez não tenha descoberto — disse Alec. — Talvez ele estivesse mesmo querendo entrar na rodovia.

— Não. Ele estava me seguindo, tenho certeza.

— Devo segui-lo?

Dane considerou isso, e então meneou a cabeça para si mesmo.

— Não, não há motivo. Estou indo me encontrar com Angel em casa e vou ficar lá. Embora duvide que isso vá adiantar, faça uma busca pela licença do veículo; quem sabe damos sorte dessa vez. — Dane não duvidou por um minuto que Alec havia decorado o número da placa do carro.

— Daqui a pouco ligo de volta para você.

Menos de três minutos depois, Alec recebeu as notícias. Tanto ele quanto Dane haviam cultivado contatos em cada área da força policial. Isso, geralmente, lhes facilitava imensamente a obtenção de informações.

— A placa é de um carro recentemente alugado.

— Droga! — Cerrando um punho, Dane martelou o volante. — Isso significa que o nome sob o qual foi alugado provavelmente é falso.

— É, temo que sim. Você quer que eu dê uma checada na agência da qual veio o carro?

— Não há motivo. Seja quem for esse sujeito, ele está apagando seu rastro. Duvido que a essa altura do jogo ele irá cometer um erro trivial. — Com um suspiro irritado, Dane sugeriu: — Por que não tira o resto do dia de folga? Avisarei você se acontecer alguma coisa.

— Está bem. Preciso mesmo cuidar de algumas coisas pessoais.

A linha ficou muda antes que Dane pudesse questionar aquele comentário cifrado. Era a primeira vez, em todos os anos que eles se conheciam, que Alec mencionara possuir uma vida pessoal. Embora Dane tivesse certeza de que deveria haver uma, Alec jamais a mencionara.

Dane levou mais 15 minutos até entrar na garagem. Seguindo suas instruções, Angel mantivera o alarme ligado, e todas as portas e janelas trancadas.

Era uma maneira horrível de se viver, constantemente alerta, mas talvez com a ajuda da carta de Derek eles conseguissem

deixar o passado no passado e acabar com as ameaças.

Depois de desligar o carro usou seu controle remoto para fechar a porta da garagem. Enquanto entrava na cozinha pela porta anexa à garagem, ouviu Angel rindo. Seguindo esse som, com o envelope de cartolina ainda na mão, ele a encontrou na sala de televisão, deitada de costas no tapete diante da lareira. Ela estava segurando Grayson acima da cabeça, e cada vez que o bebê gargalhava ela ria e o abaixava para beijar sua barriguinha.

Sem se anunciar, Dane, com um sorriso enorme no rosto, observou os dois brincarem. Maldição, ele amava aquela mulher. O sentimento começava a se assentar, não tão assustador agora, mais como uma parte necessária dele que estava finalmente funcionando como deveria.

Ele imaginou Angel com uma menininha, filha dele, uma criança que seria igualzinha à mãe, com os mesmos olhos verdes brilhantes. Ele lamentava não tê-la acompanhado quando estava grávida de Grayson, mas dessa vez ele estaria aqui. Sinto muito, Derek. Mas ela vai ser minha esposa.

— Quando você chegou?

Dane nem havia se dado conta de que ela se virará para ele, tão concentrado estava na confortadora imagem doméstica de uma mulher brincando com seu filho diante da lareira, imagem que há muito ele perdera as esperanças de observar um dia.

— Há apenas um minuto. — Ele atravessou a sala e sentou de pernas cruzadas ao lado dos dois, estendendo as mãos para pegar Grayson no colo.

— O que você tem aí?

Angel olhou para o envelope, uma expressão intrigada no rosto.

— É para você, querida. — Seu tom grave lhe comunicou a seriedade do envelope. — Derek, evidentemente, o mandou para você. A data da postagem é de um pouco antes de sua morte. Você nunca olhou sua caixa postal?

Angel fitou o envelope como se ele fosse venenoso.

— Não tinha nenhum motivo para fazer isso. Eu só usava essa caixa postal para receber documentos quando meu

supervisor queria que eu trabalhasse em casa. Documentos que ele queria que eu preparasse antes de fazer uma apresentação. Ele não confiava na maioria das pessoas, nem no correio normal. Achava que uma caixa postal trancada a cadeado era a forma mais segura de enviar um documento. Ninguém sabia o número, com exceção de nós dois.

— E Derek.

— Ela assentiu.

— Costumava manter aqueles arquivos trancados. Mas eu estava... bem, certo dia eu estava tão ansiosa em ver Derek que simplesmente as enfiei numa gaveta quando ele telefonou para dizer que estava chegando. Nunca imaginei que ele fosse capaz de mexer em meus pertences pessoais. Ele deve ter tirado o número da caixa postal do envelope.

Dane odiava ouvir sobre a noite que ela e Derek passaram juntos. Ele não se arrependia por amar Angel, mas às vezes tinha a impressão de que roubara todas as coisas boas que Derek possuíra.

Forjar uma posição na família jamais tinha sido importante para Dane, mas para Derek, sim. Agora Dane assumira o lugar de Derek na família, e no escritório. Ele seria capaz de abrir mão desses dois benefícios duvidosos, mas jamais abriria mão de Angel ou de Grayson.

Ele sabia que a noite em que Derek roubou a informação de Angel foi a mesma em que ele a levou para a cama. Por esse motivo, mais do que qualquer outro, Dane sempre evitara falar do assunto com ela. Pensar em Derek com Angel, e na forma como ele a magoara, era torturante demais para ele.

— Estava dormindo quando Derek vasculhou minha mesa — disse Angel, seca. — Depois disso nós nunca mais... nós nunca mais tivemos qualquer intimidade. Ele me largou.

Um longo momento de silêncio se passou, e então Dane tentou lhe estender o envelope.

— Vá em frente, abra. Estremecendo, Angel recuou.

— Não, obrigada. Prefiro que você faça isso.

— Tem certeza? — No instante em que perguntou isso Dane estava deitando Grayson a seu lado no cobertor. O bebê virou a

cabeça e dirigiu um olhar intenso para as chamas reluzentes na lareira. Dane correu um dedo sob a aba do envelope e a abriu.

Dentro do envelope havia folhas impressas, e Dane correu os olhos por ela.

— São detalhes a respeito de espionagem industrial na Aeric. — As implicações fizeram o sangue de Dane ferver. Ele levantou uma folha depois da outra, finalmente chegando a um bilhete pessoal endereçado a Angel.

— O quê? — Angel espiou por cima do ombro de Dane. Ela pegou as folhas descartadas e as analisou.

Dane pôs a última folha de lado e olhou para Angel. Quando ela sentiu que ele a fitava, Angel levantou os olhos.

— Sinto muito, querida.

— O que é, Dane? Ele tocou sua face.

— Derek estava tentando proteger você. — Dane levantou o maço de documentos, estendendo-o para ela. — Ele lhe enviou esses documentos como uma explicação de por que teve de se afastar de você, e por que teve de fazer isso de forma pública. Ele queria que todos pensassem que o relacionamento de vocês estava terminado, que você não significava nada para ele. Derek suspeitava de algum nível de perigo depois que descobriu várias discrepâncias em diversos arquivos de pesquisa da Aeric, logo depois de roubar essa informação de você. Ele não tinha certeza do que estava acontecendo, mas, quando investigou mais, pequenos acidentes começaram a acontecer com ele. Derek temia que você também estivesse correndo perigo, por associação.

Dane tocou a face de Angel, e então forçou as palavras a saírem apesar do aperto que sentia na garganta.

— Derek não sentia o menor remorso de recorrer a qualquer meio possível para adquirir a companhia; ele considerava isso parte do jogo empresarial. Mas não havia planejado prejudicar ou magoar você. Derek gostava de você, querida.

Angel cerrou os olhos e engoliu em seco, apertando a mão de Dane. Dane não precisou lhe perguntar o que ela estava sentindo, porque estava sentindo a mesma coisa.

O clique de uma arma sendo engatilhada soou obscenamente alto no silêncio da sala. Tanto Angel quanto Dane levantaram abruptamente os olhos para depararem com Raymond, parado à frente deles. O 45 em sua mão não parecia combinar com seu terno de três peças e aparência imaculada.

— Dane, eu lhe parabenizo por suas habilidades de investigador. É claro que seu maldito irmão deve ter soletrado tudo para você. Eu sabia que Derek era meticuloso demais para não ter deixado alguma coisa por escrito. E a senhorita Morris era a pessoa com mais chances de possuir as informações.

Dane rapidamente tentou disfarçar seu choque, e aparentar calma e autocontrole. Sabia que Angel estava-sentada ao lado dele, absolutamente congelada de medo.

— Então, era por causa disso que você estava ameaçando Angel? Raymond deu com os ombros.

— Perdi a pista dela por algum tempo, depois que se mudou. Foi muito tedioso encontrar o telefone de Angel, mas eu não tinha a menor idéia de para onde ela tinha ido. Ao contrário de você, eu não tenho conexões nesses assuntos. Era muito frustrante nunca saber quando ela poderia reaparecer, e se ela iria tentar me desacreditar com as malditas informações que Derek reuniu.

Raymond respirou fundo antes de prosseguir: — Tentei aumentar minhas chances contando à sua mãe que Angel era uma vagabunda que havia usado Derek, e que provavelmente iria acabar reaparecendo para nos chantagear. Eu esperava que ela encontrasse Angel para mim, mas sua mãe está envelhecendo, e perdeu o gosto pela vingança. Tudo que ela queria fazer era evitar um escândalo. Para minha sorte, você não é nem de perto tão negligente no seu dever familiar. — Raymond sorriu. — Você me levou diretamente até ela.

— Seu bastardo. — Dane se levantou e se colocou diante de Angel e Grayson, protegendo a ambos com seu corpo. — Você matou Derek.

— Francamente, aquilo foi um acidente. Eu sabia que ele estava bancando o detetive, e com muita competência. O

engraçado é que vocês eram mais parecidos do que você imagina. Tentei algumas táticas de susto, e durante algum tempo achei que elas haviam funcionado. Mas o bastardo estava apenas ganhando tempo, deixando que os meses passassem, esperando que eu desse mais um passo. Ele tomou cuidado para não chamar as autoridades, porque não queria me assustar. — Raymond levantou dois dedos, afastados por um milímetro. — Ele chegou perto assim de associar meu nome às suas descobertas depois que pensei que a barra estava limpa novamente.

— Meu irmão não era idiota. E ele tomaria como insulto pessoal qualquer desvio de verbas numa companhia de sua propriedade.

Raymond riu.

— Ele era um bastardo esperto, isso eu admito.

Pelo jeito como falava, quase parecia que Raymond havia respeitado Derek, talvez até gostado dele. Dane se sentiu enojado.

— Desnecessário dizer que tive de pressionar Derek a desistir, mas o idiota não dirigia tão bem quanto a senhorita Morris.

Dane teve de lutar contra o impulso de voar sobre Raymond.

Só que se fizesse isso ele iria aumentar ainda mais o perigo para Angel. Assim, se manteve imóvel, mas não gostou disso. Cada músculo em seu corpo se contorcia com a necessidade insuportável de causar dano físico.

— Como você entrou aqui?

— Cheguei aqui antes de você. Sim, era eu quem estava seguindo o seu carro. Peguei a rodovia assim que percebi que seu maldito cão de guarda estava atrás de mim. O senhor Sharpe é realmente um sujeito mal-encarado. Ele me dá arrepios.

— Alec é bom no que faz.

— Isso não importa agora, importa? — Raymond abriu seu sorriso perfeito e artificial. — Como eu estava dizendo, peguei um atalho, pisei fundo no acelerador e consegui chegar aqui. Eu me escondi nos arbustos. Não foi uma atitude muito digna,

mas você me deu poucas alternativas. Quando você começou a fechar a porta da garagem, eu meti um calço debaixo dela, e então, em vez de fechar, ela reabriu, sozinha. Esperei algum tempo para ver se você viria checar de novo a porta, mas você estava apressado demais para ver sua amada. — Abrindo um sorriso maligno, acrescentou: — Na verdade, tão apressado que acho que vocês dois vão fugir juntos.

Dane tentou acalmar seu coração acelerado e sua raiva. Ele precisava manter a cabeça fria para lidar com Raymond. Ele só queria ter confiado em seus instintos e não concedido o beneficio da dúvida a Raymond. Ele devia ter arrancado os detalhes dele quando teve a oportunidade.

Determinado a manter Raymond falando, ele perguntou: — Era você que estava no bar com Derek na noite que ele morreu? Raymond pareceu surpreso por um momento.

— Você é bom. Sim, era eu. Eu me ofereci para levar Derek para afogar as mágoas. Ele estava muito melancólico por causa de suas investigações e do arrependimento que sentia pela situação da senhorita Morris. Foi assim que eu soube que o caso deles não ia terminar. As mulheres viviam se atirando em cima do seu irmão, mas ele rejeitava todas.

Angel emitiu um grunhido agoniado, mas Dane a ignorou. Não queria que Raymond voltasse sua atenção para ela.

— Eu havia esperado que Derek se abrisse comigo, mas, por más que eu o tenha feito beber, soube guardar seus segredos naquela noite.

Dane conteve um grunhido. — Foi Alec quem descobriu que Derek esteve num bar naquela noite. Ele também nutre uma antipatia instintiva por você. Se eu desaparecer, ele irá atrás de você.

A perspectiva pareceu abalar Raymond por um momento, mas então a confiança voltou a surgir em seu rosto.

— Depois que eu tiver me casado com Célia, ele não terá coragem de me importunar.

Dane estreitou os olhos, tentando prever os futuros acontecimentos.

— Minha irmã não é idiota. Ela nunca irá casar com você.

Raymond riu.

— Ela está louca pra casar.

Ele relanceou os olhos para Angel antes de olhar novamente para Dane.

— E sua mãe, agora que você desertou para o exército inimigo, está ansiosa por colocar a companhia nas minhas mãos capazes. Na verdade, começo a acreditar que sua mãe está disposta a me dar o controle mesmo se eu não me casar com Célia. Mas eu decidi que quero Célia. Será um bom seguro para caso alguém venha a descobrir que vocês não fugiram juntos.

— Vou matar você.

Raymond se limitou a rir da ameaça.

— Se bem que eu duvido que sua mãe irá estranhar isso. Afinal, esta não será a primeira vez que você terá se afastado da família sem olhar para trás. E em ambas as vezes fez isso por uma mulher. Você sabe, sua mãe tem se esforçado imensamente para manter a boca fechada e evitar esse tipo de situação. Ela realmente quer que vocês se afinem. Ah, você não sabia disso, sabia? Mas eu tenho sido uma espécie de confidente, e ela me contou todos os seus arrependimentos do passado. É uma pena que você não terá chance de perdoá-la, de dar um pouco de descanso à sua pobre mente envelhecida. Ela terá de passar o resto da vida com o coração cheio de arrependimentos.

Angel se levantou, trôpega, ao lado de Dane, e quando ele teve de empurrá-la novamente para trás ela abriu caminho à força.

— Você tem um pequeno problema nas mãos, Raymond.

— Qual? — perguntou Raymond com um leve tom de prazer na voz. Ele claramente acreditava ter tudo sob controle.

— Já suspeitava de você. E contei a pessoas. A polícia tem um registro de que eu achei que alguém estava tentando me matar.

— Mas eles não acreditaram em você, não foi? — Raymond abriu um sorriso convencido. — Você não tinha provas suficientes. E eu tomei muito cuidado, mesmo com o incêndio,

de impedir que as ameaças fossem sérias demais, o que teria atraído a atenção da polícia. — Ao notar a expressão de compreensão no rosto de Angel, ele riu. — Sim, foi um belo toque, não foi? Fazer com que você fugisse do apartamento para então interceptar seu telefonema no escritório. Você reagiu exatamente como eu planejava, aparecendo na companhia como uma louca, exigindo respostas. Eu esperava que depois que descobrisse a verdade, de que Dane estava apenas a usando, você teria orgulho suficiente para largá-lo. Isso a teria deixado mais vulnerável. Mas, não, você decidiu casar com o desgraçado.

Por um momento ele pareceu à beira de um ataque de fúria. Dane se preparou para o pior, mas Raymond conseguiu conter a raiva e exibir novamente seu sorriso presunçoso.

— Já planejei tudo. E infelizmente para vocês, tanto Célia quanto a senhora Carter vão apoiar a teoria de que vocês fugiram juntos. Graças à informação que vendi na Aeric, e à participação da sua irmã nos fundos da família, eu devo ser capaz de viver com conforto daqui em diante.

Dane deu um pequeno passo à frente.

— Você é um idiota, Raymond. Quem vai acreditar que eu abandonei minha companhia? Pense nisso. Sim, eu já me afastei da minha família, mas jamais das minhas responsabilidades.

Raymond balançou os ombros, não aparentando a menor preocupação.

— Mas agora você está apaixonado. Quem pode prever o que você seria capaz de fazer?

Grayson choramingou, o que por um piscar de olhos atraiu a atenção de Raymond. Dane começou a se mover, mas o revólver rapidamente foi nivelado contra sua cabeça.

— Ah, ah. Eu realmente não quero fazer muita sujeira aqui na sala. Angel se moveu para o lado dele e Dane agarrou seu braço.

— Você não vai machucar meu bebê — disse ela, voz baixa e feroz enquanto se afastava de Dane.

— Eu realmente não gostaria. Afinal de contas, não sou um

monstro. E a criança parece ter amolecido um pouco a senhora Carter. Infelizmente, não vejo como evitar isso.

Angel enrijeceu, tensa. Quando ela falou, seu tom foi tão severo que até Dane piscou.

— Você não pode matar nós dois ao mesmo tempo — ela provocou. — Tente, e um de nós estará em cima de você antes que possa mirar de novo. — Ela se afastou de Dane, dificultando Raymond de manter o controle.

Incitado pelo desafio de Angel, Raymond estendeu o braço, mirando para atirar à queima-roupa. Ele estreitou os olhos e contorceu a boca. Dane sentiu Angel estremecer ao lado dele e compreendeu horrorizado o que ela pretendia. Ela iria atacar Raymond, dando vantagem a Dane. A pequena idiota iria sacrificar a si mesma.

Em pânico, Dane se preparou para chegar na frente dela, pronto para saltar com violência contra Raymond. Ele só podia torcer para que Angel usasse o momento para pegar o bebê e sair correndo.

No instante seguinte, um grito alto e carregado de ódio varou o ar. Dane instintivamente saltou até Angel, empurrando-a para trás dele enquanto se enrijecia contra a ameaça adicional. Mas eles não estavam em perigo.

Raymond, frenético e com olhos arregalados, tentou se virar, mas não foi rápido o suficiente.

Célia emergiu da passagem da cozinha para a sala, ainda gritando e brandindo violentamente um pesado pé de cabra. Raymond se agachou, mas a barra de ferro atingiu seu cotovelo com força considerável. Um estalo nauseante soou quando o osso cedeu e seu revólver caiu no tapete. Raymond gritou de agonia, o braço pendendo num ângulo grotesco a seu lado.

— Seu verme miserável! — gritou Célia, o modelo da mulher traída. Ela acertou Raymond novamente quando ele tentou rolar pelo chão, e dessa vez acertou sua coxa, gerando mais gritos. Dane teve certeza de que o braço do homem estava quebrado, e desconfiou que sua perna se encontrasse no mesmo estado. Célia teria desferido um golpe final contra sua cabeça, ignorando o alerta de Dane enquanto pegava a arma,

mas Alec entrou na sala furioso e a agarrou por trás. Ela se contorceu, mas Alec a subjugou, contendo-a até que se acalmasse.

Alec continuou a segurar Célia, com os braços em volta de sua cintura, fazendo sons calmantes em sua orelha até que o pé de cabra caísse no tapete, aos pés deles. Célia se virou nos braços dele, chorando.

Dane olhou para Angel. Ele estava arfante, adrenalina ainda correndo em suas veias.

— Vocês estão bem?

Ela estava com Grayson no colo, embalando-o gentilmente, beijando-o. Lágrimas corriam por suas faces pálidas. O bebê e Raymond pareciam estar produzindo os gritos mais altos. Raymond, de dor, Grayson, de irritação. O olhar lacrimejante de Angel encontrou o de Dane, e ela assentiu com a cabeça. Ele notou que seu corpo tremia a cada respiração irregular.

— Sim. Estamos bem. Dane a puxou para si e tentou confortá-la da melhor forma que conseguiu, mas ele próprio tremia, com medo residual. Nunca em sua vida nada o havia aterrorizado tanto quanto saber que Angel poderia receber um tiro e até ser morta. Ele beijou seus lábios cheios e trêmulos, verificando sua vitalidade e calor. Então, ele se virou para o amigo, Angel ainda segura com firmeza a seu lado. Ele não sabia se um dia conseguiria soltá-la de novo.

— Alec, estou feliz em ver você. — Não importou que sua voz tremesse, ou que seus olhos estivessem vítreos e umedecidos. Tudo que importava era a sensação de ter Angel a seu lado, sã e salva.

Alec moveu as mãos grandes pelas costas de Célia, massageando-as.

— Eu a segui. Não sei como ela sabia o que estava acontecendo, mas pude ver, que estava transtornada.

Célia se desvencilhou dele.

— Você me seguiu?

Alec baixou os olhos para Célia, puxou sua cabeça de volta para seu ombro e disse: — Sim.

Dane sorriu. No meio de todo aquele caos, estava achando os

atos de Alec incrivelmente engraçados.

— Ora, macacos me mordam! — exclamou Dane.

— Já chamei a polícia — disse Alec, ignorando a risada de Dane. — Devem chegar a qualquer minuto. — E, então, sem soltar Célia, ele disse a Raymond: — Droga, você quer calar a boca? Está com sorte porque não a deixei matá-lo.

Mais uma vez, Célia se soltou dele.

— Por que você não deixou? Ele merece.

— Isso teria apenas complicado as coisas, principalmente para você.

— Oh! Angel se afastou de Dane, e então contornou cautelosamente Raymond, que agora estava obedientemente calado. Quando chegou perto de Célia, tocou o ombro da mulher.

— Obrigada. Você salvou nossas vidas. Célia fungou e recuou do abraço másculo de Alec enquanto ela ainda estava muito próxima dele. Ela enxugou as lágrimas e olhou de cara feia para Alec, como se parte do drama fosse culpa dele. Com um esforço óbvio, ela voltou sua atenção para Angel.

— Peguei Raymond dando um telefonema hoje, mas ele desligou assim que entrei.

Angel relanceou os olhos para Dane, que franziu a testa. Ela teria recebido um telefonema e não lhe dito?

— Angel?

Ela sacudiu os ombros.

— Ele não disse nada, Dane, e eu achei que era apenas engano. Eu ia lhe contar, mas nós acabamos... nos distraindo.

Dane tinha mais a falar sobre isso, mas Célia fungou novamente.

— Raymond freqüentemente não estava no escritório quando devia. Ele estava agindo de modo muito estranho nos últimos dias. Achei que estava me traindo. Sabia que ele estava aprontando alguma, mas achei que era apenas outra mulher, e não... não isto! — Ela indicou a confusão inteira com o gesto largo.

Alec grunhiu.

— E por que diabos ele estaria atrás de outra mulher?

— Como eu poderia saber? — retorquiu Célia. — Ele estava sempre saindo sorrateiro e chegando tarde ao trabalho. Além disso, mandei examinar a carta de recomendação que Derek escreveu para ele, e descobri que tinha sido forjada.

Alec ficou furioso.

— Então você decidiu segui-lo, e poderia ter acabado morta também! — Ele se curvou para poder ficar com o nariz nivelado com o de Célia. — O que diabos você viu nele, afinal?

Angel sorriu para Dane enquanto os dois continuavam discutindo. Dane balançou a cabeça e Angel fechou a porta novamente. Ele estava quase com medo de tocá-la, assegurando a si mesmo que ela estava realmente bem.

— Se esta não é a coisa mais bizarra que já aconteceu, não sei o que é. Enquanto Dane falava com ela, Angel voltou os olhos para Raymond. Ele não voltaria a caminhar tão cedo.

Angel estremeceu, e isso reacendeu a raiva de Dane.

— Queria matá-lo com minhas mãos. Angel tocou a boca de Dane.

— Shh. Não diga isso, Dane. Tem sido horrível, e você perdeu muita coisa, mas eu quero que termine agora. Para o bem de todos nós.

Grayson começou a chorar e ela o abraçou mais forte. Dane pressionou os lábios na testa do bebê.

— Eu também. Deus, estava com medo por você e por Grayson. Angel suspirou.

— Oh, Dane! Eu me sinto péssima. Afinal de contas, seu irmão não era um monstro. Ele estava tentando me proteger.

Ele afastou uma mecha de cabelos do rosto de Angel.

— Isso vai ser um conforto para minha mãe, creio.

— Sua mãe! — Angel piscou, atônita. — Raymond disse que ela estava arrependida, e que não estava nos ignorando por estar furiosa, mas porque tinha medo de dizer algo que irritasse você de novo. Dane, você precisa falar com ela. Quando penso nela sofrendo... .

Uma sirene de polícia soou.

— Vou acertar tudo com minha mãe, querida, assim que tenhamos acertado tudo aqui. E, então, você e eu vamos

conversar. Tenho algumas coisas a lhe dizer, Angel Morris, e por mais zangada que possa ficar, você vai ouvir.

ANGEL OBSERVOU Dane caminhar em círculos pelo quarto enquanto Grayson começava a adormecer em seus braços fortes. Dane estava vestido apenas com calça, aberta. Seus pés nus marcavam o tapete grosso, e os músculos flexionados de seus antebraços causavam sensação nela.

O amor cresceu em seu peito, deixando-a com calor e frio ao mesmo tempo.

Tinha sido um longo dia, com interrogatórios policiais, perguntas e confrontações. Grayson teve muita dificuldade para se acalmar, com tantos estranhos invadindo seu mundinho ao mesmo tempo. Mas ele encantou os detetives que conduziam a investigação, assim como a mãe de Dane, quando ela apareceu. Angel sorriu de novo. Ela estava realmente começando a gostar da senhora Carter. Como poderia não gostar de uma mulher que claramente amava seu filho e seu neto tanto quanto Angel? Sim, ela tentava esconder isso, mas esta noite suas defesas haviam cedido um pouco, e Angel vira a mulher por trás do aço.

— Acha que não tem problema colocá-lo no berço agora? — sussurrou Dane, sem interromper suas passadas em torno da sala. Grayson se aninhou contra o calor do peito amplo e nu de Dane, um pequeno punho agarrando os pelos de seu peito.

Angel sorriu e deixou sua escova de lado. Tendo acabado de sair do banho, estava vestida em sua camisola, exausta, mas ao mesmo tempo empolgada. Tudo ficara para trás, todo o medo e sentimentos ruins tinham sido postos para descansar. Ela estivera com sua confissão na ponta da língua quando Grayson começara a chorar.

— Quer que eu fique com ele?

— Não, eu posso fazer isso. — Dane lhe dirigiu um olhar longo e ardente. — Por que não fica debaixo das cobertas? Volto já.

Com seu coração começando a bater mais depressa, ela deslizou para a cama. Quando retornou, Dane tirou a calça,

colocou-a nas costas de uma cadeira e, então, a fitou com as mãos nos quadris nus. Angel sorriu.

— Se você conduzisse uma reunião de diretoria desse jeito, teria a atenção de todos.

Ele pareceu entristecido por um breve momento, mas abaixou os braços e começou a caminhar até ela.

— Neste momento, eu só quero a sua atenção. Angel olhou para o corpo nu de Dane.

— É toda sua.

— Angel... — Ele pronunciou o nome dela num gemido enquanto deitava na cama ao seu lado.

— Sua mãe é uma mulher orgulhosa, Dane. Fiquei muito triste em vê-la tão transtornada.

As mãos de Dane, que estavam tirando a camisola de Angel, pararam de - repente.

— Sei o que você quer dizer. Quase me partiu o coração vê-la admitir que se sentia tão culpada. Ela disse que foi muito difícil perder Derek, e que só poderia ter algum conforto se eu finalmente a perdoasse.

Angel acariciou a cabeça de Dane, ciente do que a confissão da mãe de Dane significara para ele.

— Estou muito orgulhosa de você sobre a forma como lidou com a situação.

— Só lamento não saber há mais tempo como ela se sente. Talvez eu não tivesse me mantido afastado por tanto tempo.

— Vocês dois são orgulhosos demais. Mas sua mãe está tentando me aceitar.

— Ah! — Dane puxou a alça direita da camisola de Angel e segurou seu seio nu, provocando-a com a aspereza de sua palma.

— Minha mãe adora você. Ela esconde isso bem, mas é o jeito dela. Acho que ela vê você como um elo, uma forma de suavizar nossa reaproximação, embora eu tenha lhe dito que tudo está perdoado. Havia lágrimas nos olhos dela quando ela finalmente segurou Grayson. — Ele beijou a curva do seio de Angel, sua boca quente e gentil. — Foi a primeira vez em toda minha vida que eu a vi chorar. Você sabe, ela vai mimar o

garoto.

— Obrigada por não ter recusado a oferta de sua mãe e Célia de ficar com Grayson. Ainda não estou preparada para me separar dele. Não depois de ter sentido medo por ele por tanto tempo.

— Nem eu. Talvez, quando eu for velha e de cabelos brancos, eu esteja pronta para deixá-lo sair de minha vista. Mas, por enquanto, elas podem vir visitá-lo aqui, e nós passaremos a visitá-las mais.

Ambos ficaram calados por um momento, Dane ocupado em sua minuciosa observação da pele de Angel, acariciando-a, beijando-a, e Angel tentando formular as palavras que ela sabia que precisava dizer.

— Minha irmã também está se recuperando bem.

— Você teve alguma chance de falar a sós com ela? — perguntou Angel.

— Tive. Acho que ela não teria chegado a se casar com Raymond. Ela estava tão desconfiada dele quanto eu. — Angel o sentiu enrijecer, e soube que estava revivendo o horror da tarde. Ele a puxou para si e enterrou o rosto em seus seios. — Você poderia ter se machucado. Acho que nunca fiquei tão assustado em toda minha vida.

Angel beijou sua têmpora.

— Graças a Deus por sua irmã.

— Alec está interessado nela. — Franziu a testa, intrigado. — Droga, eu não consigo me acostumar com isso. Alec e Célia. De algum modo, isso não parece natural.

— Você sabe, Célia precisa se decidir a respeito. Ela me disse que por enquanto não está com pressa de se envolver novamente com nenhum homem. Raymond realmente a magoou.

— Principalmente seu orgulho. Mas ela é dura na queda. Vai superar isso.

— E Alec não falou com ela quando foi embora. Dane sacudiu os ombros.

— Ele é sempre calado. É o jeito dele. Ela não estava convencida.

— Não alimente suas esperanças, Dane. Sei que você gostaria de ver os dois juntos, mas um romance entre eles seria muito difícil.

— Era isso que eu pensava sobre nós dois. Mas veja o quanto eu amo você. Angel teria caído da cama se Dane não tivesse se deitado sobre ela, mantendo-a no lugar.

— O que você disse?

— Não fique tão chocada. — Ele abaixou a outra alça da camisola, desnudando-a até a cintura. — Eu sei que enganei você no começo, e que em alguns momentos fui muito rude para conseguir o que queria.

— Quando você foi rude? —. Angel se sentiu ao mesmo tempo entorpecida e cautelosamente empolgada. Ela não conseguia acreditar no que ele estava dizendo.

— Eu convenci você de que tínhamos de nos casar porque você precisava de proteção. Mas eu poderia ter protegido você sem que nos casássemos. Eu menti para ter você onde a queria.

— Você fez isso? — Angel balançou a cabeça, tentando raciocinar melhor. — Bem, você disse que queria casar comigo para que Grayson tivesse um lar sólido.

— Eu tinha dinheiro suficiente para garantir a felicidade e a segurança de Grayson sem precisar me casar com você. Essa apenas me pareceu uma forma conveniente de aprisionar você.

O coração de Angel pulsou forte contra as costelas, ameaçando quebrar alguma.

— Não me senti como se tivesse caído numa armadilha. Os olhos de Dane agora estavam quentes, sondadores.

— Bom, porque eu ainda quero que você case comigo, mas sem mais segredos entre nós dois. Eu amo você.

Angel umedecer lábios subitamente ressequidos.

— Sabe, você me passou a perna. Eu ia lhe dizer a mesma coisa esta noite. Muito lentamente, um pequeno sorriso satisfeito contorceu a boca de Dane, que se curvou para beijá-la.

— Isso está certo?

— Sim. — A respiração de Dane acelerou com o toque de sua

respiração quente. — Faz séculos que eu sei que amo.

— Você não me conhece há séculos, querida. Sabe, nosso namoro inteiro não demorou mais que um piscar de olhos.

— Bem — disse Angel, envolvendo-o com os braços para apertá-lo forte —, foi longo o bastante para me deixar irrevogável e loucamente apaixonada por você.

Dane sorriu enquanto começou a puxar a bainha de sua camisola, gemendo ao sentir sua barriga macia e acetinada contra seu abdômen.

— É muito bom isso, porque não tenho a menor intenção de deixar você partir.

— Sua mãe mencionou que empresário inteligente você é.

Ele deslizou a mão pelas costelas dela, e então as dirigiu para baixo, com os dedos sondando. Ele cerrou os olhos quando a descobriu quente e preparada.

— Conheço um bom negócio quando encontro um. Você, Angel Morris, que em breve será Carter, é uma descoberta e tanto.

EPÍLOGO

— MlCK, MlCK! — Grayson contornou correndo a quina da casa, bracinhos gorduchos brandindo no ar, e se abraçou às pernas compridas de Mick. Mick era sempre saudado com o mesmo ânimo quando passava aqui na volta da escola. Ele era uma das pessoas favoritas de Grayson, como um irmão adotivo mais velho. Mick levantou o menino de 17 meses para girá-lo no ar.

— Oi, camarada.

— Mick, Mick!

Angel chegou logo depois de seu filho e se deixou cair no sofá.

— Graças a Deus que você chegou. Ele passou o dia inteiro repetindo o seu nome. Nem posso lhe dizer o quanto estou feliz pelo período escolar estar quase chegando ao fim.

Mick, devastadoramente bonito aos 18 anos, com um pouco mais de 1,80m, abriu seu sorriso matador para Angel enquanto jogava Grayson para o ar, encorajando os gritinhos de alegria do menino.

— Você parece exausta, Angel. É este macaquinho que está lhe deixando exausta?

Com um sorriso sereno, Angel disse: — Acho que é o irmãozinho ou a irmãzinha do macaquinho. Empolgado com a notícia, Mick enfiou Grayson debaixo de um braço musculoso e cambaleou até uma cadeira.

— Você está grávida?

Ela sorriu, feliz com a reação dele. Agora era hora de conhecer a reação de Dane. Ela ouviu a porta da frente abrir e se curvou até Mick.

— Estava torcendo para ter alguns minutos a sós com Dane, então se você...

— Vou levar o baixinho até o balanço.

— Mick, Mick!

Mas quando Dane entrou na casa e gritou "Cheguei!", Grayson se jogou dos braços de Mick. Angel arfou, mas Mick, sempre muito ágil, conseguiu agarrar o menino no ar para pousá-lo em segurança com ambos os pés no chão. E como um raio, Grayson disparou até Dane.

— Papai! Papai!

Mick riu.

— E pensar que ele era um bebê tão calminho...

Dane entrou com Grayson empoleirado nos ombros. Ele caminhou direto até Angel, que levantou o rosto para um beijo.

— Minha mãe disse que você tinha alguma coisa para me contar. Angel olhou de cara feia para ela.

— Ela prometeu!

— Prometeu o quê?

Mick tirou Grayson dos ombros de Dane.

— Eu e o moleque vamos brincar no balanço.

— Espere um pouco, Mick. Tenho uma coisa para você. Dane enfiou a mão no bolso e tirou um envelope.

— O que é?

Como sempre, Mick ainda hesitava diante de um presente. Mas Dane, que gostava de Mick tanto quanto Angel, apenas riu.

— Eu sei que a bolsa que você recebe não dá para cobrir tudo, então isso aqui vai ajudar um pouco.

Mick se limitou a franzir a testa até Dane exalar um suspiro impaciente e abrir ele mesmo o envelope. Ele balançou o papel debaixo do nariz de Mick.

— É da companhia. Temos nosso próprio programa de doações dedutíveis de impostos, e este ano minha mãe decidiu expandir para bolsas de estudo. Os dois fundos combinados darão para cobrir a maior parte dos seus gastos escolares. E me deixe avisá-lo, se você sequer pensar em recusar, saiba que terá de se haver com minha mãe. Desde que Célia saiu da companhia e mamãe assumiu a presidência de novo, ela está mais autoritária do que nunca. Acho que ela realmente sentia falta disso. E mamãe adora elogiar você, de modo que é bom nem pensar em discutir com ela sobre isso.

Mick parecia pronto a desmaiar. Então, com uma expressão entorpecida, pegou o papel da mão de Dane e o leu. Silenciosamente, Angel pegou o filho de volta, que prontamente deu um beijo molhado, em sua face, para em seguida deitar a cabeça em seu ombro.

Com todas as outras pessoas, ele era um dínamo de movimento constante. Mas com Angel ele adorava ficar aconchegado.

Muito devagar, um sorriso se espalhou pelo rosto de Mick. Então, com um grito de alegria, pulou alto e deu um tapa no teto. Angel sentia vontade de chorar cada vez que ele agia como o jovem que era, em vez do homem maduro que sempre se forçara a ser. Desde a morte de sua mãe, ele passava mais tempo do que nunca com ela e Dane, e eram tão próximos quanto uma família poderia ser.

Depois de dar um abraço gentil em Angel, e um abraço de urso em Dane, Mick pegou Grayson no colo e caminhou até a porta.

— Ele é um rapaz e tanto, não é? Angel sorriu para Dane.

— Você tem sido uma boa influência para ele. Ele resmungou.

— Se ao menos eu pudesse dizer o mesmo quanto à minha irmã...

— Oh, não, o que ela fez agora? — Há cerca de seis meses Célia decidira que estava farta do mundo empresarial, e seguindo os passos de Dane estava determinada a se tornar uma detetive particular. Dane ficou horrorizado, mas não sabia como detê-la. Num esforço de ficar de olho nela, ele lhe deu um trabalho em seu escritório, o que deixou Alec furioso. Precisamente como Angel previra, nenhum romance surgira entre eles; em vez disso, suas brigas constantes levavam Dane à beira da insanidade.

Dane olhou preocupado para Angel.

— Ela quase levou um tiro, foi o que ela fez. Ela deveria localizar o elemento que fugiu da condicional, e não tentar trazê-lo de volta. Não lembro da última vez que vi Alec tão furioso.

— Por que Alec ficou furioso?

— Porque ele recebeu o tiro. — Ao ver sua esposa ficar pálida como cera, Dane acrescentou: — Calma, Angel, ele está bem, foi apenas um ferimento superficial. A bala raspou sua coxa. Mas ele passou as últimas duas horas cuspindo marimbondos, e aquela bruxa da Célia sumiu, de modo que eu tive de ouvir tudo.

Angel não resistiu, e caiu na gargalhada.

Ela andava muito preocupada com Célia, que se tornara reclusa depois de sua traumatizante experiência com Raymond. Mas agora Célia estava determinada a usufruir de tudo que a vida podia oferecer, e não havia ninguém que pudesse detê-la, nem mesmo Alec. E Deus sabia o quanto ele tentara.

Embora Alec insulasse respeito e temor à maioria dos homens que o cercavam, não conseguia obter a mesma reação da irmã de Dane.

— Que bom que você acha engraçado. Com mamãe de um lado me instigando a voltar para a companhia, e Célia aprontando do outro, estou pronto para me esconder debaixo dos meus cobertores. — Ele sorriu para Angel. — Vem comigo?

— Talvez. Mas primeiro preciso conversar com você. Dane gemeu.

— Por favor, querida, diga-me que não são más notícias. Eu não vou aguentar ouvir mais coisas ruins.

Angel respirou fundo.

— Eu disse à sua mãe que vou precisar de uma licença de cerca de seis meses. — Angel concordara em atuar como substituta das secretárias que saíam de férias, o que ela previra ser aproximadamente uma semana de trabalho ao mês, mas que acabara se tornando umas três semanas por mês. Eles viviam requisitando sua ajuda na empresa. Por sorte, sua sogra não se importava que ela fizesse a maioria do trabalho em casa, para que pudesse ficar com Grayson. Nos dias em que tinha de comparecer ao escritório, Dane ajustava seu horário. Outras vezes, Mick, ou Célia, ou mesmo Alec...

— Minha mãe está irritando você? Achei que vocês duas

estavam se relacionando bem.

— Não é isso. Dane, você lembra de nossa primeira conversa sobre casamento? Ele sentou e a puxou para seu colo.

— Se você está pensando em recuar agora, é muito tarde. Faz meses que você assinou a certidão de casamento.

Angel deu um soco carinhoso no ombro dele.

— Estou grávida.

Ele ficou sem ação por um segundo, e então um sorriso deslumbrante se espalhou por seu rosto.

— Grávida? Ela fez que sim com a cabeça.

— Estou com quase dois meses agora. Esperei para ir ao médico para ter certeza. A mão larga de Dane se abriu sobre o abdômen de Angel, e, como sempre, ela se excitou em resposta.

— Não são gêmeos? — perguntou, olhando para seu corpo.

— Pode relaxar, porque o médico acha que não.

Ele realmente relaxou, e então sorriu um pouco mais. Ele acariciou a barriga de Angel e beijou seu pescoço.

— Dessa vez vai ser diferente, querida. Vou cuidar de você.

— Dane, eu não lamento nada de minha gravidez de Grayson. Se as coisas não tivessem acontecido como aconteceram, eu jamais teria tido Grayson, e jamais teria conhecido você.

— Angel. — Ele a beijou, a mão ainda repousando onde seu bebê crescia. — Eu amo você, querida.

Angel disse com um sorriso claudicante e emocionado: — A única coisa que faltou na primeira vez foi estar com você. Dane a beijou novamente.

— Mas dessa vez você me tem.

— Sim. Dessa vez eu tenho tudo.


PROJETO REVISORAS